

Paixão

AUTORA BEST-SELLER DO *USA TODAY*

Carol Marinelli

A Escolha da Paixão





Seduzida, humilhada e grávida!

Sophie sempre quis trabalhar no hotel Grande Lucia. E sabia bem quais eram as regras. Contudo, quando foi entregar o serviço de quarto para Bastiano, um magnata sem coração, ficou tentada a assumir o risco de entregar seu corpo a ele. Bastiano é um homem sem escrúpulos, disposto a tudo para alcançar seus objetivos, mas tem uma crise de consciência quando Sophie é demitida pela indiscrição dos dois e desaparece. Com os pensamentos preenchidos pela preocupação, Bastiano decide se assegurar que ela está bem. Quando a encontra, descobre que Sophie está trabalhando em um bar para um homem perigoso, foi deserdada e está grávida... do seu filho! Rejeitado pela própria família, Bastiano está determinado a assumir a criança... e seduzir a teimosa Sophie até que ela aceite usar sua aliança!



Carol Marinelli

A ESCOLHA DA PAIXÃO

Tradução
Rafael Bonaldi



2018

PRÓLOGO

BASTIANO CONTI nascera faminto.

Ele era um problema.

A mãe havia morrido durante o parto e nunca revelara quem era o pai dele. Tudo o que ela possuía fora deixado para ele: um anel.

Ele era de ouro italiano, com uma pequena esmeralda incrustada no centro e algumas pérolas minúsculas ao redor.

O tio de Bastiano, que tinha quatro filhos, sugerira que o bebê chorando na pequena maternidade do hospital do Vale de Casta fosse criado por freiras. Havia um convento no Estreito da Sicília, para onde os órfãos costumavam ser mandados.

O convento, porém, estava nas últimas.

As enfermeiras estavam sempre ocupadas, mas ocasionalmente uma ficava com pena de Bastiano e o mantinha nos braços por mais tempo que levava para alimentá-lo.

Ocasionalmente.

– *Família* – dissera o padre para o tio de Bastiano. – Todos sabem que os Conti cuidam uns dos outros.

Os Conti dominavam o vale a oeste, e os Di Savo a leste.

Lealdade para com a família era primordial, dissera o padre.

Assim, depois de um duro sermão, o *zio* de Bastiano e sua relutante esposa aceitaram levar o pequeno bastardo para a casa deles, que nunca foi um lar para o menino.

Bastiano sempre fora considerado um estranho. Quando alguma coisa dava errado, ele era o primeiro a ser culpado e o último a ser perdoado.

Se houvesse quatro brioches para o almoço, eles não seriam divididos em cinco.

Bastiano teria que ficar sem.

Sentado ao lado de Raul di Savo na escola, ele começara a entender.

– O que os seus pais salvariam no caso de um incêndio? – perguntou irmã Francesca certa vez na classe. – Raul?

Ele deu de ombros.

– Seu pai – insistiu ela. – O que Gino salvaria primeiro?

A classe inteira riu, e irmã Francesca, cada vez mais exasperada, voltou sua atenção para Bastiano.

– O que a sua *zia* salvaria?

Os olhos cinza sérios dele encontraram os dela, e Bastiano franziu o cenho ao responder.

– Os filhos dela.

– Correto.

Quando ela voltou para o quadro negro, Bastiano continuou ali com a testa franzida, pois aquela era mesmo a resposta correta: a *zia* dele salvaria os filhos dela. Mas não ele.

Jamais seria o primeiro.

Aos 7 anos, Bastiano foi mandado a ir comprar brioches e a esposa do padeiro afagou os cabelos dele. Estava tão desacostumado a receber carinho que seu rosto corou, e ela disse que ele tinha um sorriso bonito.

– Você também – disse Bastiano à esposa do padeiro, que riu.

– Aqui. – Ela lhe deu um *cannoli* doce só por ele ter alegrado o dia dela. Bastiano e Raul se sentaram na colina para comer a guloseima.

Os garotos deveriam ser inimigos jurados, pois há gerações os Conti e os Di Savo disputavam as vinhas e as terras do vale, mas Bastiano e Raul tinham uma amizade firme.

O breve incidente na padaria foi suficiente para Bastiano aprender que seu charme poderia ajudá-lo a conseguir o que queria.

Ah, um sorriso podia fazer milagres, e mais tarde ele aprendeu que flertar com os olhos rendia algo muito melhor do que um *cannoli* doce.

Apesar da resistência das famílias, Bastiano e Raul continuaram amigos. Eles costumavam se sentar no topo da colina, próximo ao convento agora abandonado, e beber vinho barato. Enquanto contemplavam a vista do vale, Raul lhe contou sobre a violência que a mãe aguentava e que estava relutante em abandoná-la para ir para a universidade em Roma.

– Então fique.

Para Bastiano, era simples assim. Se tivesse uma mãe, ou alguém que se importasse com ele, jamais deixaria o vale.

E também não queria que Raul fosse embora, por mais que não conseguisse admitir isso para o amigo.

Raul partiu.

Uma manhã, enquanto caminhava pela rua, viu Gino sair gritando da casa de Raul, deixando a porta aberta. Levando em conta o que Raul havia contado, Bastiano achou melhor ver se a mãe do amigo estava bem.

– *Signora Di Savo...* – Ele bateu na porta, mas não houve resposta.

Pôde ouvir que ela estava chorando.

O *zio* e a *zia* dele a chamavam de desequilibrada, mas Maria di Savo sempre fora bondosa com Bastiano.

Ele entrou e a encontrou ajoelhada no chão da cozinha, aos prantos.

Pegou um pouco de água para ela tomar e molhou um pano para pressionar sobre o olho roxo dela.

– Quer que eu chame alguém? – ofereceu ele.

– Não.

Ele a ajudou a levantar. Quando ela se apoiou nele e começou a chorar, Bastiano não soube o que fazer.

– Por que não o abandona? – perguntou ele.

– Eu já tentei várias vezes.

Bastiano franziu o cenho, pois Raul sempre dissera que já havia pedido várias e várias vezes para a mãe deixar o pai, mas que ela sempre se recusara.

– Não pode ir morar com Raul, em Roma? – sugeriu Bastiano.

– Ele não me quer lá. Ele me abandonou – soluçou Maria. – Ninguém me quer.

– Isso não é verdade.

– Está falando sério?

Ele a encarou, pronto para corrigi-la e dizer que com certeza havia pessoas que a queriam...

Não ele.

Ela levou uma das mãos até a bochecha dele.

– Você é tão lindo.

Maria passou a mão pelo cabelo negro e espesso dele, e não foi *nem um pouco* como quando a esposa do padeiro fez o mesmo; desta vez a carícia foi mais intensa e, confuso, Bastiano afastou a mão dela e deu um passo para trás.

– Eu preciso ir – disse ele.

– Ainda não.

Ela vestia apenas uma camisola, e um de seus seios estava um pouco exposto; ele não queria que Maria ficasse envergonhada quando percebesse o que estava acontecendo, e por isso virou-se para ir embora.

– Por favor, não vá – pediu ela.

– Eu preciso trabalhar.

Ele havia parado de estudar e estava trabalhando no bar que servia de fachada para todos os negócios escusos do *zio* dele.

– Por favor, Bastiano... – implorou Maria. Ela segurou o braço de Bastiano e entrou no caminho dele. – Ah – desculpou-se ela ao perceber que o seio estava à mostra, mas ele não olhou.

Ela deveria ter se coberto, pensou Bastiano. Mas, em vez disso, segurou a mão dele e a levou até a pele macia e quente dela.

Bastiano era bom com garotas, mas nesses casos ele era o sedutor. Maria tinha por volta de 40 anos, supunha ele, e pelo amor de Deus, era a mãe do melhor amigo dele.

– *Signora* Di Salvo... – As mãos dela seguraram com firmeza as dele quando Bastiano tentou se afastar.

– Maria – disse ela, de forma grave e sussurrante. Ele podia sentir e ouvir a respiração profunda dela, e quando Maria abaixou a mão, a dele continuou no seio dela.

– Você está excitado – declarou Maria, tocando-o.

– Gino pode...

– Ele só vai voltar na hora do jantar.

Bastiano geralmente era quem instigava e tomava iniciativa, mas não naquela manhã. Maria já estava de joelhos quando ele se deu conta. Tudo terminou em minutos.

Ao sair, jurou que nunca mais voltaria ali.

Porém, naquela mesma tarde, Bastiano foi até a farmácia em busca de proteção, e uma hora depois eles foram para a cama.

Quentes, proibidos, intensos: os encontros às escondidas aconteciam sempre que eles podiam, mas Maria nunca estava satisfeita.

– Nós vamos fugir juntos – disse Bastiano a ela. Tinha o salário dele e, se tudo mais desse errado, tinha o anel da mãe. Não suportava mais nem um instante imaginá-la com Gino.

– Não podemos – declarou ela, antes de pedir para experimentar o anel da mãe dele. – Se me ama, não vai me negar uma coisa bonita como este anel.

– Maria, devolva.

Era tudo o que ele tinha da mãe, mas Maria não cedeu. Então Bastiano foi embora.

Ele caminhou até o convento no topo da colina e sentou-se, para tentar pensar no que deveria fazer. Passara a vida querendo ter um gostinho daquela coisa rara chamada amor, só para descobrir que não ligava para isso. Agora era Bastiano que não queria mais nada com ela.

E queria seu anel de volta.

Ele então se levantou e caminhou decididamente em direção à cidade, onde viu tudo acontecer.

Um carro em alta velocidade fez uma curva depressa demais.

– *Stolto* – murmurou ele, chamando o motorista de tolo antes de o carro fazer outra curva... e perder o controle, capotando para fora da estrada.

Bastiano correu em direção à fumaça que subia dos destroços, mas foi impedido de se aproximar. Os moradores o avisaram que se tratava do carro de Gino.

– Gino? – repetiu Bastiano.

– Não! – gritou uma mulher que trabalhava no bar. – Eu liguei para Maria para avisar que Gino estava a caminho, e que ele parecia furioso. Ele tinha descoberto sobre você! Ela pegou o carro e...

A MORTE de Maria e sua repercussão deixaram Bastiano em maus lençóis.

Raul retornou de Roma, e na véspera do funeral eles se encontraram na colina em que haviam crescido.

– Você poderia ter escolhido qualquer outra garota da vila! – Raul mal podia controlar a própria fúria.

– Eu fui ver se ela estava bem...

Mas Raul não queria ouvir que a mãe havia sido seduzida.

– E você usou esse charme de araque... – Raul já o tinha visto em ação. Ele sabia que Bastiano era capaz de cativar até a mais tímida das garotas com os olhos e o sorriso. – Eu fui um idiota em confiar em você. Praticamente a matou.

Sim, ele era o primeiro a ser culpado e o último a ser perdoado.

– Não apareça no funeral – avisou Raul.

No dia seguinte, as coisas ficaram ainda piores. Bastiano não ouviu o amigo e, depois de uma luta sangrenta no cemitério, descobriu-se que Maria havia deixado metade de seu dinheiro para Bastiano.

Raul acusou Bastiano de tramar a morte de Maria, e jurou que ia dedicar o resto de seus dias para destruí-lo.

– Você não é nada, Conti – disse Raul. Você nunca foi e, mesmo com o dinheiro da minha mãe, jamais será ser.

– É o que você pensa – avisou Bastiano.

Dizem que é necessária uma vila inteira para criar uma criança.

O Vale de Casta nunca tinha sido muito bom para Bastiano, mas quando toda a população considera você um traidor, um mentiroso, um sedutor, um bastardo... É isso que você se torna.

Assim, quando Gino apareceu completamente bêbado para confrontá-lo, em vez de aguentar em silêncio bravamente, Bastiano explodiu quando ele chamou Maria de vadia. Bastiano ergueu o dedo mínimo e o indicador para ele e gritou o pior insulto de todos.

– *Cornuto!*

Corno.

Bastiano, os moradores concordavam, era o pior dos piores.

CAPÍTULO 1

ALGUMAS NOITES eram um inferno.

– Bastiano!

Ele ouviu o chamado meloso e familiar e achou que estava sonhando, pois Maria estava morta há muito tempo.

Geralmente dormia sozinho, e enquanto a manhã se despejava sobre Roma, ele lutava para acordar.

– Bastiano!

Ela chamou o nome dele novamente.

Quando percebeu que não estava excitado por causa dela, Bastiano sorriu de triunfo. Em sua mente, repetiu para si mesmo que ela não era mais capaz de provocar isso nele.

Maria deu um tapa no rosto dele.

Usava o anel da mãe dele no dedo, e ele sentiu o metal duro e frio ao receber a bofetada e levar a mão até o rosto. Havia um corte na bochecha dele, e o sangue escorria entre os dedos.

Bastiano lutava consigo mesmo até dormindo. Ele sabia que estava sonhando, pois a luta selvagem com Raul havia acontecido no cemitério; o corte na bochecha tinha sido feito depois que o caixão de Maria fora baixado na cova.

Todos tinham culpado Bastiano pela morte dela.

E esse era um dos motivos pelos quais ele estava ali, 15 anos depois, na suíte presidencial do hotel Grande Lucia, em Roma.

Raul di Savo estava considerando comprar o hotel, o que o colocava no topo da lista das prioridades de Bastiano.

Então ele se esforçou para acordar. Deitado no escuro, olhou para o relógio ao lado da cama e desligou o despertador. Ele não precisava disso; não ia conseguir voltar a dormir.

Bastiano sabia por que Maria havia voltado a aparecer em seus sonhos.

Bem, ela nunca parara de aparecer em seus sonhos, mas ele sabia que aquele tinha sido assim tão vívido pelo fato de Raul e ele estarem hospedados no mesmo hotel.

Ouviu uma batida tímida na porta da suíte, e então o som do carrinho com o seu café da manhã sendo silenciosamente empurrado para dentro.

– *Puzza!*

Bastiano sorriu ao ouvir a camareira esbravejar baixinho depois de esbarrar em alguma coisa. Uma única palavra foi suficiente para ele perceber que ela era da Sicília.

A porta do quarto principal estava aberta, mas mesmo assim ela bateu educadamente de novo.

– Entre – disse ele.

Bastiano estava mais do que acostumado com serviço de quarto. Além de estar considerando comprar aquele, já era dono de vários outros estabelecimentos de luxo. Ele fechou os olhos quando a camareira entrou, indicando que não queria conversar.

QUANDO SOPHIE viu que ele não fez menção de se levantar, ela não disse bom dia.

As regras eram específicas no Grande Lucia, e a equipe bem treinada.

Sophia amava o trabalho dela. Embora geralmente não ficasse encarregada de levar os cafés da manhã, ela estava ali fazendo um favor antes do seu turno da noite terminar. Tinha sido chamada para trabalhar até tarde, e por isso acabou perdendo as instruções do gerente sobre os hóspedes importantes e seus pedidos específicos. Sophie sabia que qualquer hóspede em uma das suítes presidenciais era alguém importante, e por isso ela verificou o nome no cartão sobre a bandeja.

Signor Bastiano Conti.

Com o máximo de silêncio possível, Sophie abriu algumas das cortinas pesadas para que o hóspede, ao acordar, fosse saudado pela vista impressionante de Roma em todo o seu esplendor da manhã.

E *que* dia glorioso aquele ia ser!

Era como se as cortinas de um teatro estivessem sendo abertas, revelando um lindo palco, pensou Sophie.

Havia algumas nuvens no céu que logo iriam desaparecer, pois aquele ia ser um dia quente de verão. O Coliseu parecia ter saído de um cartão-postal, e sua beleza clássica causou arrepios nela.

Ah, aquele ia ser um dia bom. Se ela não tivesse tomado algumas decisões difíceis e se recusado a se casar com Luigi, como a família dela tanto desejara, aquele dia seria a véspera do aniversário de um ano do casamento dela.

Por um instante, Sophie se esqueceu de onde estava e ficou ali parada, simplesmente apreciando a vista e refletindo sobre o ano que havia passado. Sim, as escolhas dela foram difíceis, mas tinha certeza de que foram as escolhas certas.

Ah, Sophie tinha vontade de conhecer homens, claro que sim, e embora a mãe dela jamais fosse compreender isso, ela podia muito bem separar essa sensação da ideia do casamento.

Quando tentou imaginar a noite de núpcias com Luigi, o sangue de Sophie se congelou. Ela havia saído com alguns caras mais novos em Roma, mas os beijos molhados e a barba de Luigi deixaram um trauma. Sophie descobriu-se desviando de qualquer investida masculina.

Os pais dela achavam que ela estava levando uma vida pecaminosa em Roma.

Infelizmente, isso não podia estar mais longe da verdade!

Sophie era ingênua, sabia disso, mas também era forte.

Forte o suficiente para dizer não para um homem e um casamento que ela não queria.

– *Buongiorno.*

Uma voz grave chamou a atenção de Sophie. Ela se virou e percebeu que tinha sido flagrada sonhando acordada por um hóspede importante na própria suíte!

Tentou se desculpar, mas acabou corando e ficando literalmente sem fôlego, pois ali na cama, observando-a atentamente, havia uma visão possivelmente mais arrebatadora do que aquela na janela. Ele era alto, ela podia ver a figura dele na cama imensa. As mãos dele estavam atrás da cabeça, e o lençol revelava seu torso nu.

Era mesmo magnífico, com pele cor de oliva e cabelo negro. A única mácula naquela perfeição era uma cicatriz no rosto, que por algum motivo o tornava ainda mais atraente. Acima de tudo, foram os olhos dele que chamaram a atenção de Sophie. Eles eram cinza e penetrantes, e ela percebeu que não conseguia desviar os olhos dele, o que era raro para Sophie. Em seu trabalho, estava acostumada com homens ricos e bonitos, mas com aquele ali, aquele ali *em específico*, seus olhos não queriam evitar manter contato. Em vez de pedir desculpa, as bochechas dela coraram ainda mais.

– Eu estava preparando a vista para você, *Signor* Conti – disse Sophie, e ele sorriu quando ela fez a piadinha, como se tivesse preparado a paisagem especificamente para ele.

– Obrigado. – Ele olhou para a janela, para a vista de um milhão de euros. – Você fez um bom trabalho.

Então ele olhou para ela.

Quando Bastiano abriu os olhos, estava pronto para pedir para que ela se apressasse para sair, mas algo nela refreou a impaciência usual dele.

E agora, ela o hipnotizava.

Os olhos que o encaravam eram de um castanho-escuro. Ele já tinha percebido que ela era esguia, usando aquele vestido verde-claro e os sapatos baixos que pareciam grandes demais para ela. O espesso cabelo negro estava preso em um coque bagunçado, com algumas mechas escapando.

Parecia cansada, pensou Bastiano, imaginando que o turno dela estava no fim.

Ela o fez sorrir, o que era surpreendente, levando em conta o sonho que ele ainda não tinha conseguido banir da mente. O quarto estava uma bagunça, e ele tinha certeza de que a suntuosa sala também não estava lá muito bem; sem dúvida ela havia tropeçado em uma garrafa de champanhe perdida na hora em que entrou.

– O senhor gostaria que eu servisse o café da manhã? – ofereceu ela, ainda um pouco corada, e não apenas por causa do flagra. Sophie foi até o carrinho e levantou a tampa de uma das bandejas de prata.

– Não, obrigado – disse Bastiano. – Na verdade, gostaria apenas de um pouco de café.

– O senhor gostaria de um tomar um suco ou uma água? – ofereceu Sophie, e ele percebeu algo implícito no tom de voz dela. – Ou talvez os dois?

Bastiano sorriu de novo. Ela obviamente havia percebido que ele estava com uma tremenda ressaca.

– Por favor.

Ela lhe trouxe um pouco de água gelada, que Bastiano bebeu enquanto ela foi até o carrinho pegar uma xícara de café.

Geralmente Bastiano tomava café sozinho para evitar qualquer tipo de interação, mas agora queria conversar.

– Você é da Sicília? – perguntou ele quando ela lhe trouxe o café. Ela assentiu, e então fez uma careta ao perceber que ele a ouvira esbravejar.

– Eu também – disse ele calmamente, e algo nas palavras a fez sentir que ele a compreendia, pois as coisas eram diferentes na terra natal deles.

– O que você me trouxe? – perguntou Bastiano, apontando para o carrinho. O ar estava tomado por um aroma rico de temperos.

– *Shakshuka* – disse Sophie. – Ovos ao estilo do Oriente Médio.

O hóspede lindo torceu o nariz, e ela rapidamente correu até o carrinho para verificar se a cozinha não havia trocado os pedidos, mas não, estava tudo certo.

– Foi o senhor que pediu.

– Onde eu estava com a cabeça? – murmurou ele.

– Ouvi dizer que são deliciosos – disse Sophie. Pelo cheiro, a indicação dela estava certa. – O senhor gostaria que eu trouxesse outra coisa?

– Não, tudo bem. Pode deixar aí.

– Espero que o senhor aproveite a sua estada – disse Sophie. Ele riu brevemente e assentiu.

– Você também.

Ao sair, Sophie recolheu a garrafa caída no chão e a colocou sobre uma bandeja. O quarto estava um desastre, e ela adoraria arrumar tudo naquele

mesmo instante, mas não era o trabalho dela, e além disso estava cedo demais para limpar uma suíte.

De qualquer forma, a partir daquele momento ela estava de folga. Precisava bater o cartão antes de ir embora.

– O que está fazendo? Levando o café para os hóspedes? – perguntou Inga quando Sophie pegava o casaco no armário dos funcionários. Por educação, Sophie informou casualmente por que estava atrasada alguns minutos, mas Inga, à sua maneira crítica costumeira, a repreendeu. – Só as camareiras mais experientes fazem isso.

– Eu só fiz o que me mandaram fazer – disse Sophie, mostrando a língua quando Inga virou-se de costas.

Elas não se davam bem.

Inga gostava de levar o café para os hóspedes, especialmente para os homens ricos. Embora qualquer tipo de interação pessoal fosse estritamente proibido, Sophie tinha quase certeza de que era por isso que Inga tinha acabado de guardar uma bolsa de marca caríssima no armário.

Sophie não podia julgar, e tentava não o fazer.

A aversão por Inga era por causa dos frequentes comentários depreciativos e indiretas que recebia. Sophie fazia de tudo para não dar ouvidos a eles, mas às vezes era difícil. Ela nem mesmo sabia o que havia feito para merecer a ira de Inga.

Sophie estava pronta para ir para casa; estava cansada, com fome e louca para cair na cama. Em vez de usar a entrada lateral, decidiu sair pela cozinha, como fazia com frequência.

E resolveu fazer isso por dois motivos.

A cozinha dava para o beco, que ficava mais perto do pequeno apartamento que ela dividia com mais duas pessoas.

Com sorte, o atalho lhe renderia um café da manhã de graça!

Vários *chefs* trabalhavam na cozinha, e o favorito dela era um siciliano que estava tirando uma forma repleta de brioches do forno quando ela passou por ali. Não eram brioches franceses ou do tipo que as pessoas ali do Norte conheciam como brioche, eles eram os mais simples e deliciosos pãezinhos assados que ela conhecia. E ele também tinha feito *millefoglie*, um pãozinho

assado com uvas-passas e açúcar por cima. Sophie imaginou que aquele era o tipo de café da manhã que aquele hóspede iria ter adorado receber.

Com exceção de Inga, Sophie era muito bem-querida por todos no Grande Lucia. Ela trabalhava duro e sempre se esforçava para agradar os hóspedes. A risada seca do *signor* Conti ainda ecoava na mente dela e, por isso, em vez de pegar um brioche para comer a caminho de casa, ela foi falar com o *chef*. Ele preparou um prato com os brioches recém-saídos do forno para Sophie que, depois de colocar uma tampa prateada sobre eles, retirou o casaco e voltou para a suíte do *signor* Conti.

Bateu na porta, para depois entrar e se anunciar:

– Serviço de quarto.

Depois que a camareira saiu, Bastiano levantou-se, deu uma olhada nos ovos e voltou a tampá-los.

Seu amigo Alim, o atual dono do hotel, sempre sugeria que ele provasse os ovos, e na noite anterior aquela havia parecido ser uma boa ideia.

Mas não agora.

Ele não tinha sequer motivos para estar ali no hotel.

Na noite anterior, Alim avisara que seus planos haviam mudado repentinamente e que ele não ia poder mostrar o hotel a Bastiano, como tinham planejado.

E não era só isso que o aborrecia.

Pela primeira vez – pela primeira vez na vida, na verdade – uma mulher o recusara.

Algum tempo atrás, Bastiano havia decidido que iria encontrar uma esposa, e uma candidata com um castelo na Inglaterra e problemas financeiros surgira para preencher a vaga.

Na época, parecera ser uma boa solução.

Ele decidira que Lydia Hayward, com sua criação tradicional e traços de porcelana, ia ser a esposa-troféu perfeita. A união seria boa para ambos os lados, claro; ele iria dar um jeito na situação financeira complicada da família dela.

Bastiano pagara para que Lydia e o padrasto dela, Maurice, fossem para Roma. O plano dele era matar dois coelhos com um golpe só: conhecer o

hotel e fazer uma oferta que iria jogar Raul para escanteio. E de quebra, voltaria para Casta com uma esposa.

Porém, as coisas não saíram exatamente como ele havia planejado.

Lydia acabou escolhendo passar a tarde com amigos e o deixou fazendo companhia para o insuportável padrasto dela. Bastiano não tentou nem manter uma conversa educada com o sujeito; ele voltou para a suíte e acabou recorrendo ao álcool para aplacar a irritação.

Uma escolha tola, decidiu ele naquela manhã, pois não foi Lydia quem invadiu a mente dele enquanto dormia.

Foi Maria.

Quinze anos depois, Bastiano ainda não conseguia compreender por que não se importava com mais ninguém. Ele tinha a reputação de ser um homem impiedoso e de coração frio, que pulava de quarto em quarto.

Destruir Raul di Savo era a única coisa que o interessava.

Ele ouviu uma batida na porta e uma voz alegre demais para o seu mau humor anunciar o serviço de quarto.

De novo!

Bastiano enrolou uma toalha ao redor da cintura, mais do que pronto para mandá-la dar o fora dali e dizer que, se quisesse fazer outro pedido, teria feito pelo telefone.

Porém, ela abriu um sorriso ao erguer a tampa do prato que carregava, estendendo-o na direção de Bastiano.

– Melhor? – perguntou ela, quando os olhos dele se voltaram para o prato.

Aquilo sim era um café da manhã.

Então os olhos dele se voltaram para os dela. Não, eles não eram simplesmente castanho-escuros, eles tinham o castanho avermelhado de uma raposa, e o sorriso dela era tão reluzente que Bastiano não conseguiu repreendê-la.

– Muito melhor – respondeu ele relutantemente.

– Eu também acho. O senhor gostaria de outro café?

– Seria ótimo.

Ele voltou para a cama com a toalha ainda enrolada na cintura, e o café da manhã foi servido pela segunda vez.

– Você não precisa fazer isto – comentou Bastiano quando ela lhe trouxe o prato até a cama.

Ele supunha que ela sabia que ele seria o provável novo dono, pois todos os outros funcionários estavam pisando em ovos na sua presença.

– Eu sei. – Ela sorriu. – Mas também sei que nós temos o melhor *chef* siciliano aqui no Grande Lucia. Eu ia roubar um brioche para comer no caminho para casa, mas ele me fez pensar em você.

Talvez ela não soubesse que ele poderia ser o próximo dono. Bastiano não dava a mínima se ela havia roubado um brioche. Ele fazia questão de oferecer refeições para todos os seus funcionários durante o turno, mas muitos empresários eram severos em relação a isso.

– Qual é o seu nome?

– Sophie. – Ela percebeu quando ele olhou para o casaco sobre o braço dela. – O meu turno acabou.

– Então, você não gostaria de ficar e comer ovos ao estilo do Oriente Médio? – ofereceu, provocando-a ao usar as mesmas palavras que ela. – Ouvi dizer que são deliciosos.

– Não, obrigada. – Sophie riu e balançou a cabeça. Ela estava acostumada a ouvir convites de empresários, e havia recusado vários no último ano. Sophie não era como Inga! – Bom apetite.

– Obrigado. – Ele partiu um dos brioches com as mãos quando ela se virou para ir embora, e o aroma o levou de volta para casa. Sem pensar, disse: – Eu costumava comprar brioches assim na padaria.

– Ha! – disse Sophie, sem se virar. – Antes de vir para Roma, eu trabalhei em uma padaria.

– Por quanto tempo?

– Sete anos – disse Sophie. – Desde que saí da escola.

Era fácil, até demais, falar de casa.

Ela sentia falta de lá.

Ah, Sophie amava a vida que havia construído em Roma, mas às vezes sentia uma saudade muito forte de sua terra natal. Assim, por um instante eles simplesmente conversaram sobre a comida e a beleza do Canal da Sicília. Ele suspeitava que ela também era do Oeste. Estava prestes a perguntar exatamente de onde ela era, quando Sophie bocejou.

– Com licença – disse ela. – Eu realmente preciso ir embora. Toda esta conversa de... – Ela parou de falar porque, como ele já a havia convidado para comer, Sophie não queria que a convidasse novamente se contasse que estava morrendo de fome.

Ou será que ela queria?

Mais tarde, Sophie iria lembrar aquele momento para saber exatamente como estava se sentindo.

Feliz e relaxada. Era bom estar na companhia dele.

– Tome café comigo – disse Bastiano.

Sem motivo algum.

Bastiano nunca fazia nada sem algum propósito. Porém, podia ver que ela estava cansada e provavelmente faminta depois de um longo turno.

E ela podia ouvir claramente a bondade nas palavras dele. Por isso, depois de uma breve hesitação, ela concordou com a cabeça.

– Obrigada.

Sophie não tinha como saber que Bastiano raramente era bondoso.

CAPÍTULO 2

NATURALMENTE.

A conversa entre eles fluía com rapidez, e era agradável estar com ele. Sophie serviu-se de um pouco de *Shakshuka*, colocou o prato junto a um copo de água gelada em uma bandeja e virou-se. Primeiro ela olhou para a cadeira onde havia pendurado o casaco, mas o casaco dele também se encontrava ali. Estava do avesso, e ela podia ver o forro roxo escuro. Sophie também reparou na camisa amarrotada no chão ao lado da cadeira. Ela olhou para Bastiano, que se moveu para o centro da cama, como se estivesse abrindo espaço para ela. Assim, caminhou até a cama e sentou-se com a bandeja sobre o colo, não muito longe das coxas dele.

A bandeja havia mantido os ovos aquecidos em meio a um apetitoso molho vermelho, e Sophie deu a primeira garfada. Era um pouco mais apimentado do que esperava, e ela perdeu o sorriso ao tomar um gole de água.

– É bom? – perguntou ele.

Os olhos dela focaram nos de Bastiano, mas não sem desviarem breve e furtivamente para a cicatriz na bochecha dele. Sophie adoraria descobrir a história por trás dela.

– Sabe quando você sempre quis provar alguma coisa, e quando finalmente prova...

Ele ficou esperando ela torcer o nariz e dizer que não era bom, mas então ela sorriu.

– É melhor do que eu esperava.

As palavras dela soaram provocantes, mas só para Sophie, pois o prazer da companhia dele estava levando a mente dela a lugares até então desconhecidos.

Sim, ele era incrivelmente atraente, e ela estava ciente da situação em que se encontravam. Mesmo assim, podia sentir a pulsação no pescoço.

Ela era inocente dos lábios para baixo, lábios que haviam sido mantidos fechados com muita determinação durante os beijos com o noivo. Nunca tomara café no quarto de um homem, e tampouco se sentara na cama e conversado com tanta espontaneidade.

Ela também nunca havia olhado nos olhos de outra pessoa com tanta facilidade.

Era realmente melhor do que ela esperava.

Será que era a mistura de especiarias no *Shakshuka* que estava deixando as bochechas dela coradas, ou seriam os primeiros sinais do desejo?

Sophie fez de tudo para não se aprofundar naquele pensamento. Desviou o olhar e falou rapidamente:

– Pelo visto o sultão Alim acrescentou um monte de coisas novas ao cardápio desde que assumiu a gerência do hotel.

– Sultão? – Alim e ele eram amigos. O Grande Lucia era o hotel favorito de Bastiano em Roma, e os dois sempre farreavam juntos quando estavam na cidade, mas apesar dos gastos exorbitantes e o estilo de vida suntuoso, até onde Bastiano sabia, Alim sempre fora muito discreto em relação ao status régio.

– Nós só descobrimos que ele é da realeza alguns meses atrás – revelou Sophie. – A família dele veio de viagem e se hospedou aqui, e claro que a equipe da recepção descobriu tudo. – Ela fez uma pausa. – Ele é um bom chefe.

– Em que sentido? – Ele gostava de ouvir a opinião dos funcionários, e sabia muito bem que esse tipo de informação não podia ser obtida por meio de um questionário. Ele não queria admitir, mas também gostava de ouvir o que ela pensava.

– Ele conhece todos os funcionários pelo nome – disse Sophie. – É justo e gentil. Preparou uma ceia de Natal e deu presentes para todos que estavam

trabalhando na temporada de festas. – Ela ficou em silêncio por um instante e lembrou-se daquele dia solitário: ir para o trabalho tinha sido a melhor parte.

– Há quanto tempo trabalha aqui? – perguntou Bastiano.

– Há quase dez meses. Eu estou em Roma há pouco mais de um ano. – Sophie lembrou-se de quando chegou à cidade, de como estava nervosa, pois nunca havia passado uma noite sequer longe de casa. – Eu levei algumas semanas para encontrar um emprego. Teria aceitado qualquer coisa. Eu queria muito trabalhar aqui, e achei que nunca ia conseguir porque era necessário um treinamento de dois meses, mas Benita me aceitou.

– Benita?

– A gerente das camareiras. Aqui é muito melhor do que no meu emprego antigo.

– Suponho que para trabalhar em uma padaria você tenha que acordar muito cedo.

– E como! – Sophie revirou os olhos. – Os turnos são bem melhores e todo mundo é muito amigável. Bem – acrescentou ela, pensando em Inga. – Quase todo mundo.

– Tem sempre uma pessoa com quem a gente não se dá bem no trabalho. – Sophie deu de ombros.

– Eu gosto muito de trabalhar aqui; eu mal posso acreditar na minha sorte. Para mim, é o trabalho perfeito.

– Por quê?

– Eu gosto de ordem – disse Sophie. – Gosto de coisas arrumadas e organizadas. Quando vejo uma suíte no estado em que está a sua, fico me coçando para não colocar tudo no lugar.

– É mesmo?

– Sim, é mesmo. – Ela apontou com a cabeça para a cadeira. – Eu penduraria o casaco e colocaria a camisa para lavar. – Então ela olhou para ele. – E teria arrumado esta cama, mesmo com você nela. – Ela então hesitou. Aquela era uma piada que fazia com os hóspedes, geralmente os do vigésimo andar, quando queria apressá-los para poder limpar os quartos.

Não era algo para se dizer para um hóspede como Bastiano; ele jamais seria enxotado, nem de brincadeira.

E não foi só isso que a fez hesitar. A súbita compreensão da situação em que ela se encontrava também a silenciou. Não a imagem de uma cama feita, mas os pensamentos que incitava provocaram uma onda de calor.

Bastiano não disse nada; apenas manteve os olhos dela fixos.

– Este emprego é perfeito. Às vezes as pessoas perguntam o que quero ser, ou se estou estudando além de trabalhar, mas eu quero só isso. Eu estou feliz.

– É um ótimo lugar para se estar – disse Bastiano, embora não conhecesse a sensação. Quanto mais metas alcançava, maiores se tornavam os objetivos dele. – Você não sente falta da sua família e de seus amigos?

– Eu fiz alguns amigos... – Ela pensou nos colegas de apartamento, e embora não fossem particularmente próximos, todos tinham um bom relacionamento. E Sophie pensou em Gabi, uma cerimonialista que conheceu na primeira semana na cidade e com quem se deu bem logo de cara.

Geralmente ali era o fim da conversa para Bastiano. Na verdade, quase nunca chegava tão longe, pois ficar sentado na cama conversando com uma mulher era algo que ele não fazia com frequência.

Com frequência? Ha! Nunca.

Mas ele descobriu que estava com vontade de conhecê-la melhor.

– Você não sente saudades de casa? – perguntou ele, refazendo cuidadosamente a pergunta.

– Às vezes – admitiu ela. – Mas se eu ainda estivesse lá... – Sophie parou antes que contasse o que não deveria e descansou os talheres, embora ainda não tivesse terminado os ovos. A conversa pendia para assuntos que ela geralmente não abordava.

Os amigos novos sabiam muito pouco sobre ela. Para eles, era Sophie, 24 anos, solteira e feliz.

Não faziam ideia do quanto ela havia lutado e de tudo o que tinha desistido para alcançar uma vitória tão pequena.

– Se você estivesse lá... – insistiu Bastiano. Agora ele estava explicitamente interessado em saber mais sobre ela.

Sophie sentia-se pronta para levantar-se, colocar um fim na conversa e ir cuidar da vida dela. Para voltar ao mundo real.

Surpreendentemente, descobriu que gostava mais dali.

Gostava da tranquilidade do quarto e da facilidade com que conversava com aquele homem. O sorriso dele expressava uma compreensão mútua e uma familiaridade que a levava de volta para casa.

Algo lhe dizia que ele... entenderia.

E por mais que ela estivesse feliz, os últimos 12 meses tinham sido solitários.

– Eu já fui noiva – admitiu Sophie. – Se tivesse ficado lá, amanhã seria o meu primeiro aniversário de casamento.

– Se tivesse ficado? Então foi você que terminou o relacionamento?

– Com muita maturidade e consideração. – Sophie deu uma risadinha que indicava que as coisas não tinham sido bem assim. – Eu fugi, se é que é possível fugir de casa aos 23 anos. Um mês antes do casamento, peguei um trem para Roma e, quando cheguei aqui, liguei para os meus pais e disse que não iria me casar com Luigi.

Ele riu, um som grave e longo que quase serviu de consolo para aquela ligação terrível que ela havia feito para os pais.

Sophie tinha a impressão de que ele não ria com facilidade, e que o que estava acontecendo entre os dois naquela manhã era algo delicioso e raro.

O impossível havia acontecido, percebeu Sophie.

Estava sozinha com ele no quarto, e ali era exatamente onde queria estar.

– Você já voltou para casa desde que veio morar aqui? – perguntou ele. Sophie ficou muito grata por ele ter puxado assunto, pois os pensamentos dela estavam a mil por hora.

– Não, foi tudo um grande desastre. Eu sabia que eles iam ficar ultrajados comigo, mas só quando chegou o meu aniversário e minha mãe nem sequer me telefonou que eu percebi a gravidade da situação.

– Quando foi o seu aniversário?

– Alguns meses depois que fugi. – Ela lhe disse a data. – Eu fiquei arrasada.

Aniversários sempre significaram para Sophie a família reunida ao redor de um bolo enquanto centenas de fotos são tiradas.

E a mesma coisa aconteceu no Natal; foi por isso que ela ficou tão grata por Alim ter permitido que os funcionários festegassem. Todos os colegas de apartamento dela haviam voltado para casa para ficar com a família, então o jantar e o presente do hotel foram o Natal de Sophie naquele ano.

– Eles devem sentir a sua falta – disse Bastiano, mas ela balançou a cabeça.

– Eu não tenho certeza. Venho de uma família grande. Eles queriam que eu me casasse para terem uma boca a menos para alimentar. Você sabe como são as coisas lá.

Ele assentiu. Bastiano sabia do que ela estava falando, mas então ele olhou para Sophie e teve certeza de uma coisa: eles *sentiam* falta da terra natal, pois desde que havia aberto as cortinas era como se um raio de sol extra tivesse entrado no quarto.

– E você vai voltar?

– Sou a única filha deles... – Sophie deu de ombros, tentando omitir a dor por trás da decisão inevitável. – Se eu voltar, vou ter que seguir as regras deles. Não sei o que vai acontecer. Por enquanto, estou vivendo o meu sonho.

Mesmo que isso fosse solitário, às vezes.

– E você? – perguntou ela.

– Eu não tenho família.

– Ninguém?

Ele balançou a cabeça, e percebeu que ela esperava que continuasse.

– Eu fui criado pelo irmão da minha mãe e a esposa dele.

– O que aconteceu com a sua mãe?

– Ela morreu.

– Qual era a sua idade?

Ele não respondeu.

– E o seu pai?

– Você sabe sobre ele tanto quanto eu: nada.

– Não é bem assim. – Sophie sorriu. – Sei que ele era bonito.

Sim, ela era como um raio de sol, pois, até então, sempre que ele revelava que nunca havia conhecido o pai, a conversa terminava ou o assunto mudava. Mas com Sophie era diferente, pois ela sorria em vez de ficar constrangida e possivelmente ainda flertava com ele. A conversa estava longe de acabar.

– O que aconteceu com a sua *zia* e o seu *zio*? – perguntou ela.

– Eu os vejo de vez em quando, mas nós não nos falamos – disse Bastiano, partindo um brioche e entregando-lhe um pedaço para umedecer no molho apimentado que havia sobrado. – Eles me expulsaram de casa quando eu

tinha 17 anos. – Ele se lembrou da briga que tiveram quando o caso que ele havia tido com o inimigo, uma Di Savo, veio à tona. – E com razão.

– Então, o que faz aqui em Roma? Negócios?

– Em parte – disse Bastiano, sendo evasivo. Sophie obviamente não sabia que ele estava considerando comprar o hotel. E não queria que ela soubesse, pois isso mudaria tudo entre eles. Assim, para evitar falar de trabalho, ele disse algo pessoal. – Eu levei um bolo na noite passada.

– Ah! – Ela sorriu diante daquela revelação. – Eu não consigo imaginar por que alguém faria isso com você.

– E nem o meu ego – admitiu Bastiano. – Ela é inglesa, e mora em um castelo.

– Que bacana – disse Sophie, e então deu de ombros.

– Acho que ela iria me dar muito trabalho.

Sophie franziu o cenho, pois não sabia o que ele queria dizer.

– Como era o seu noivo? – perguntou ele, curioso sobre o homem que ela havia deixado para trás.

– Era muito mais velho do que eu, com mais de 40 anos – disse Sophie, fazendo uma careta.

– Foi por isso que fugiu?

– Na verdade, não. – Ela balançou a cabeça. Ao pensar naquela época, lembrou-se do instante em que sentiu como se pudesse ver o próprio futuro revelando-se diante de si, e de não ter gostado do que viu.

Sophie talvez não percebesse, mas não havia nada de ordinário naquela manhã. Nunca se sentira tão à vontade com um estranho antes. Bastiano sabia mais da vida dela do que os colegas de apartamento com quem vivia há um ano. Mais do que Gabi, com quem ela conversava cada vez menos. E ele sabia mais do que os pais dela, que nunca se importaram em perguntar o lado dela da situação.

– Certa noite, Luigi foi jantar na casa dos meus pais, como ele fazia com frequência...

Bastiano não disse nada, e ainda lutou para não arquear a sobancelha... mas aos 40 anos, não era o sujeito que deveria recebê-los em casa?

– Naquela noite eu estava me sentindo um pouco doente, e por isso não comi muito. Quando minha mãe levou os pratos para a cozinha e meu pai e

meus irmãos nos deixaram a sós, ele me perguntou o que havia de errado comigo. Eu disse que havia começado a tomar anticoncepcional. – Ela corou um pouco ao contar essa parte, mas bem menos do que tinha corado ao contar para o noivo. Na verdade, Bastiano parecia completamente tranquilo com o assunto delicado.

Diferente de Luigi.

Sophie nunca tivera com quem conversar. Precisou aprender tudo sozinha. Até mesmo o médico do vilarejo não era muito amigável. No final das contas, foi uma amiga dela da padaria que acabou lhe contando que ela podia parar de menstruar se quisesse.

– Qual foi a reação dele? – perguntou Bastiano.

– Ele ficou irritado. Perguntou: “Por que quer fazer isso?” E então me disse que queria ter muitos filhos, e logo!

Ela fez uma cara tão feia que Bastiano teve que rir.

– Eu disse que nós precisávamos do meu pagamento na padaria, e nessa hora a minha mãe entrou na cozinha. Claro, ela não ouviu a parte da pílula, mas me ouviu dizer que eu queria adiar ter filhos para poder trabalhar, e ela sugeriu que cuidaria deles enquanto eu trabalhasse. Não é que eu não quisesse ter filhos...

Bastiano a interrompeu quando ela tentou explicar o que não precisava de explicação.

– Sophie – disse ele com aquela voz deliciosa. – Você fez muito bem em fugir.

Bastiano foi a primeira pessoa para quem ela contou sua história, e a reação dele a fez se sentir orgulhosa em vez de envergonhada, como a família dela fizera.

– Obrigada.

A conversa fluía mais do que naturalmente, pois Bastiano, que nunca se empenhava em conversar com as pessoas, resolveu contar mais sobre si mesmo.

– Eu paguei para que Lydia e o pai, Maurice, viessem de Londres para cá, com o pretexto de falarmos de negócios. Mas quando ela chegou, disse que ia sair com os amigos em vez de jantar comigo.

Sophie encarou-o, intrigada, pois não conseguiu se imaginar recusando um jantar com ele, mas Bastiano achou que ela estava curiosa sobre sua história.

– Acho que ela percebeu que eu não queria só jantar. – Ele viu as bochechas de Sophie corarem, e logo esclareceu que não estava atrás de sexo. Isso nunca era problema para Bastiano. – Como o seu noivo, eu havia enfiado na cabeça que era hora de sossegar.

O motivo principal dele era simplesmente derrotar Raul.

Bastiano tinha tudo o que o dinheiro pode comprar, e Raul também. A única coisa que nenhum dos dois tinha era uma família.

Ele estava determinado a ser o primeiro.

Era simples assim.

– Há quanto tempo estavam saindo juntos? – perguntou Sophie.

– Era o nosso primeiro encontro. – Bastiano bocejou. Era realmente um alívio não ter que explicar que, de onde ele vinha, o amor e o romance não eram pré-requisitos para um casamento. – Na hora pareceu uma boa ideia, mas agora nem tanto. – Ele deu de ombros. – Pensando melhor, acho que sirvo mesmo é para a vida de solteiro.

– Bem, com a sua beleza e... – Ela olhou para a suíte extravagante antes de dizer o óbvio. – ... o seu dinheiro, por que não se divertir?

– Ah, mas eu me divirto – disse Bastiano, ainda que não pudesse afirmar o mesmo sobre as últimas semanas.

Ele se deitou, e o silêncio pesou quando seus olhos se encontraram. Ela não usava quase nenhuma maquiagem, percebeu ele ao notar os cílios negros. Sentiu os olhos dela fixos em sua boca, e por um instante não soube o que fazer, pois geralmente quando havia uma mulher na cama dele, não havia dúvidas do que estava prestes a acontecer.

Venha aqui, queria dizer ele.

Sophie sabia disso.

A onda de calor agora ameaçava dominar a mente dela, e seria fácil entregar-se ao desejo, mas Sophie não era igual a Inga, mesmo que ele achasse o contrário.

Havia um motivo para os funcionários serem proibidos de aceitar presentes.

Porém, Bastiano não parecia esperar nada dela.

Sophie não se sentiu nem um pouco pressionada ao repousar os talheres, tomar um gole de água e levantar-se.

Ela sorriu educadamente para ele e, sem problema algum, voltou a ser uma camareira.

– Obrigada – disse Sophie. – Estava uma delícia.

– De nada – respondeu Bastiano. – Os brioches também estavam.

Ela fez menção de pegar o prato, mas estava sobre a coxa dele. Embora estivesse coberta pelo lençol, Sophie achou melhor que ele lhe entregasse o prato, pois podia ver a trilha de pelos no abdome dele, por mais que tentasse não olhar. Sophie sentiu uma vontade intensa de puxar o lençol para baixo. As mãos dela tremeram sutilmente, e assim, do nada, não era mais uma funcionária. Seus dedos se encontraram por um instante longo demais, e em vez de afastar a mão ela a deixou ali mais um pouquinho, sentindo o calor da pele dele.

– Eu preciso ir – disse ela, lutando para recobrar o auto-controle.

– Claro.

Mas em vez de ir embora, permaneceu ali e colocou o prato ao lado da cama. Não estava incerta; estava mais nervosa por causa da própria curiosidade.

– Obrigada – disse ela, mais uma vez.

Bastiano podia sentir a hesitação que a dividia. Ele ergueu o indicador e tocou duas vezes a bochecha sem a cicatriz.

Um beijo na bochecha não era nada, pensou Sophie, pois sempre cumprimentava a amiga Gabi assim. Por mais que tentasse se convencer do contrário, porém, Sophie sabia que não havia nada de inocente naquela situação.

Não era sequer uma decisão consciente. Era como se estivesse deslizando sozinha na direção dele.

Abaixou-se e levou a boca até o ponto onde a barba por fazer da manhã de Bastiano dava lugar à pele macia. O contraste fez uma onda de arrepios descer pelas costas dela.

Quando tentou beijar a outra bochecha, Bastiano afastou um pouco o rosto, pois não gostava que ninguém tocasse na cicatriz. Preferia que as bocas de ambos se encontrassem, mas não conseguiu o que queria desta vez.

No entanto, ela entendeu errado o gesto e, quando seus lábios tocaram a cicatriz, eles permaneceram ali como se não houvesse nada de errado com a pele dele.

CAPÍTULO 3

SOPHIE ESTAVA tão em sintonia com Bastiano que era como se seus corpos estivessem se tocando.

Era hora de dizer adeus, Sophie sabia disso. Ainda dava tempo para se despedir com dignidade e ir embora.

Ou ela podia encontrar aqueles lábios e descobrir a felicidade.

Com Luigi ela odiava cada beijo, e ainda mais a ideia de fazer sexo com ele.

Mas não com Bastiano.

Aquilo era muito melhor do que qualquer sonho. E do que a realidade da qual ela havia fugido.

– Venha aqui – murmurou ele, trazendo a cabeça dela para mais perto.

Ela sempre evitara aquele tipo de contato, mas naquele instante ansiava por ele.

Os lábios de Bastiano eram macios e a barba por fazer da manhã não pinicava; era áspera e deliciosa, combinando perfeitamente com o desejo que se acumulava dentro dela.

Em vez de resistir, Sophie abriu os olhos.

A língua de Bastiano era como uma recompensa ao enrolar-se ao redor da dela antes de ele sugar a pontinha. Eles provavam o sabor um do outro, e provocavam um ao outro, e não só com as bocas. Ele acariciava os seios dela por cima do vestido. O polegar dele atormentava o mamilo, fazendo Sophie desejar pela cama.

Ela se afastou, sabendo que ainda dava tempo de ir embora. Tinham compartilhado apenas um beijo.

– Seu gosto é apimentado – disse Bastiano.

– E o seu é doce.

– Mas eu não sou – avisou ele.

– Eu estou trabalhando – disse Sophie, pois iria se meter em uma baita enrascada se alguém descobrisse.

– Seu turno acabou uma hora atrás – lembrou ele, antes de esticar o braço e apertar o botão que ligava o aviso de “Não Perturbe” do lado de fora.

– Estou usando uniforme...

– Que bom – disse ele.

Sophie suspeitava que ele achava que ela era experiente.

Talvez aquele fosse o momento certo de informar que ela não era. Que aquela manhã era a maior das exceções para ela.

Mas sabia que isso mudaria tudo. E não havia nada que ela quisesse mudar naquele homem ou naquela manhã, mesmo se isso fosse possível.

Sophie imaginou se seu corpo estava se movendo por conta própria novamente, pois prontamente se deixou levar quando ele a puxou para mais perto e a guiou para que se sentasse sobre a barriga dele.

Bastiano olhou para ela enquanto seus dedos abriam os botões do uniforme, revelando um sutiã tão transparente que os mamilos pareciam que iam rasgar o tecido, com suas auréolas escuras. As mãos dele tomaram os seios dela; queria arrancar aquele vestido e o sutiã e trazer a cabeça dela para perto da sua, mas ela fechou os olhos em êxtase enquanto ele brincava com os seus seios.

– Solte o cabelo – disse Bastiano, pois queria assistir Sophie levar o membro dele para dentro da boca por entre as cortinas das madeixas. Colocou-a sentada sobre suas coxas, e o lençol moveu-se com ele.

Sophie deparou com a ereção dele. Como era a primeira vez que estava diante daquilo, envolveu-a com as duas mãos.

– Sophie – falou Bastiano, pois não queria mãos e dedos curiosos, mesmo que a sensação fosse boa. Todavia, os movimentos dela o deixavam hipnotizado.

– Solte o cabelo – disse ele novamente, mas Sophie parecia não ouvi-lo, pois não era apenas o prazer dele que se intensificava. A calcinha dela estava molhada, e ansiava por senti-lo lá. Queria levantar-se e tirá-la, mas as pernas dela pareciam coladas às coxas de Bastiano.

Ela passou o dedo sobre a ponta e retirou uma gota prateada solitária, e o gemido que ele soltou a fez ficar de joelhos. Ele ergueu o vestido dela e deslizou cada centímetro da grossura sobre o monte de Vênus dela.

Sophie ajoelhou-se com as mãos sobre o peito dele, mordendo o lábio por causa do prazer que ele proporcionava. Ah, aquilo era tão errado! Porém, estava descobrindo tantas coisas que se sentia como uma pessoa daltônica vendo cores pela primeira vez.

O medo que Sophie sempre teve do sexo agora havia sumido por completo. Estava excitada como nunca havia estado na vida.

Mesmo com a barreira da calcinha, ele forçou a entrada só um pouquinho, o suficiente para deixá-la ansiosa por mais.

Ele pegou um preservativo na gaveta do criado-mudo e o entregou para Sophie.

– Coloque – disse ele, e sua voz falhou quando seus dedos tocaram os lábios rosa que logo iriam engolir todo o comprimento dele.

As palavras ditas por ela o fizeram congelar.

– Eu não sei.

A consciência de Bastiano tinha desaparecido há muito tempo. Ele achava que a enterrara com Maria, mas ao perceber que iria ser o primeiro dela, sua voz interior fez-se presente mais uma vez.

Bastiano sabia muito bem como as coisas funcionavam, especialmente em hotéis, e geralmente ele não precisava sair do quarto ou pegar o telefone para que alguma mulher caísse em seu colo.

Sophie não fazia o estilo dele. Era uma pessoa muito doce.

– O que diabos está fazendo aqui? – perguntou ele.

– O mesmo que você – disse ela, e os lábios dele se comprimiram, como se tivesse provado em primeira mão a audácia dela.

– Acho que deveria ir embora. – A consciência dele parecia ditar o que ele deveria dizer. – Não estou interessado em me envolver com ninguém. Eu voltei para a vida de solteiro, Sophie.

– Já me disse isso – declarou ela.

– Você está se guardando, e uma aventura de uma noite só em um quarto de hotel...

– Já é de manhã – interrompeu Sophie, mas Bastiano a colocou sobre a cama e puxou o lençol.

– Vá.

O tom dele não deixava dúvidas, mas ela continuou sentada na cama.

– Fora – disse ele, e então Sophie saiu da cama.

Humilhada, ela enfiou os tênis enquanto Bastiano olhava para o teto ou para qualquer outro lugar que não fosse Sophie.

E mais uma vez ela pôde ver a vida se abrindo diante de si.

Arrependimento.

Um profundo arrependimento, pois sua primeira vez não ia ser com um homem lindo e sensual como ele.

Bastiano era especial. Ele era a personificação da beleza masculina, requintada e ainda assim crua, com uma corrente elétrica que combinava com a dela.

Era por isso que ela vinha esperando, para encontrar alguém que a correspondesse.

– Você está certo – disse ela, abotoando o uniforme. – *Estou* me guardando para alguém que eu queira, na hora que eu quiser.

– Vai conseguir coisa melhor.

– Por favor... – Ela bufou.

Ele então olhou para Sophie.

– Há exatamente um ano, me disseram que eu merecia coisa melhor do que o homem que meus pais tinham escolhido para tirar a minha virgindade.

– Mas ele teria sido o seu marido.

– Acha que saber disso alivia a situação? – perguntou ela, em um tom de urgência.

– Não – admitiu Bastiano, sentindo uma pontada de culpa ao lembrar-se da própria busca por uma esposa-troféu. Ele olhou para Sophie, que ainda arrumava o uniforme. No quarto ele geralmente não tinha que pensar, mas ela era inteligente e forte, e sabia o que queria.

– Não importa – disse Sophie. Ela começou a pensar em todas as consequências profissionais da sua humilhação. Ele era um hóspede, afinal de contas, e ela estava desesperadamente tentando voltar a ser só uma empregada. – Desculpe por qualquer mal-entendido.

Bastiano detestava pedidos de desculpas.

Não havia acontecido nenhum mal-entendido.

– Sophie.

Ela o ignorou e foi para a porta, determinada a ir embora desta vez. Estava à beira das lágrimas, o que era raro para Sophie.

Ele estava fazendo um favor para ela, disse Bastiano para si mesmo.

Porém, era um favor que nenhum dos dois queria.

– Sophie – chamou ele, levantando-se da cama. Bastiano nunca havia corrido atrás de ninguém, mas foi o que ele fez quando ela saiu pela porta. Sophie parou e se virou.

Ele estava completamente nu. A visão a fez perder o fôlego, como se ela tivesse subido até aquele andar pelas escadas. Ele era alto, e por isso, quando parou bem na frente dela, os olhos de Sophie ficaram entre a clavícula e o mamilo cor de mogno dele.

– Você esqueceu o seu casaco.

Ela não olhou nem para cima, nem para baixo; a cadeira próxima à janela parecia estar a quilômetros de distância.

– Você pode pegar para mim?

– Tem certeza? – Ele levou a mão até o queixo dela e, de forma firme e gentil, ergueu a cabeça dela para poder encará-la.

– Eu não entendi a pergunta.

– Sim, você entendeu. Sophie, eu vou embora amanhã de manhã. O que acha de jantarmos esta noite...?

O que era outra exceção às regras dele, uma vez que geralmente o jantar vinha antes da cama, e não o contrário.

– Eu vou trabalhar esta noite – disse ela, surpreendendo-se ao conseguir recusá-lo.

– Tem certeza?

Sophie nunca tivera tanta certeza em toda a vida. Ela queria aquele homem. Estava cansada das outras pessoas tomarem as decisões por ela.

No aniversário de 13 anos, queria ganhar uma saia e uma blusa que havia visto em uma loja. Porém, ao chegar em casa depois da escola, encontrou uma surpresa sobre a cama: um vestido e um par de sandálias novos.

Por mais que fossem bonitos, eram mais apropriados para uma garota de 10 anos. Sophie era muito nova para compreender o tamanho da decepção e da raiva que foi obrigada a reprimir enquanto agradecia aos pais sorridentes.

E se lembrava muito bem do dia em que o pai contou que ela precisava sair da escola, pois ele havia arranjado um emprego para ela na padaria. E por mais que sorrisse, trabalhasse duro e tivesse orgulho de estar ajudando em casa, sentia que não estava vivendo a própria vida.

Ouvir que era hora de se casar foi a última gota d'água para Sophie.

– Ele é 20 anos mais velho do que eu – dissera ela ao descobrir com quem deveria se casar.

– É um homem equilibrado – respondera a mãe. – E confiável.

O homem diante de Sophie naquele momento não era nenhuma dessas coisas, mas ele não só havia perguntado se era aquilo que ela queria, como também estava esperando que ela respondesse.

De fato, a sensação era muito boa.

A escolha era dela.

Assim, ela escolheu.

– Certeza absoluta.

CAPÍTULO 4

BASTIANO FECHOU as cortinas e desligou as luzes.

Empurrou o carrinho do café da manhã para fora do quarto.

Ela esperava um beijo avassalador antes de continuarem de onde haviam parado, mas Bastiano decidiu que aquilo deveria ser feito com calma.

– Você está nervosa? – perguntou ele, aproximando-se.

– Não.

– Nem um pouco? – checkou ele, pois podia ver a pulsação no pescoço dela enquanto abria lentamente os botões do vestido.

– Eu fico nervosa quando ligo para os meus pais. – Ela sorriu por causa da expressão séria dele. – E fico nervosa ao pagar as contas...

Ele sorriu quando ela se aproximou e roçou os lábios na bochecha dele.

– Mas eu não me sinto assim agora.

Bastiano viu o vestido dela formar um montinho no chão. Depois, ela sentiu as mãos dele abrindo o sutiã, antes de ambos ficarem completamente nus juntos. As mãos dele eram quentes sobre os braços dela conforme retiravam a peça íntima delicada.

Então Bastiano a virou de costas. Era como se cada poro do corpo dela clamasse pelo toque dele; era como se o olhar dele fosse capaz de escaldá-la.

– Eu sinto como se conhecesse você – disse ela.

O que não fazia sentido, pois nunca tinham se visto antes. Mesmo assim, ela estava longe de sentir vergonha.

– Ninguém me conhece.

Ele a levou para a cama, mas desta vez foi diferente, pois ele não lhe deu instruções. Não havia motivo, afinal sabia que ela não iria obedecê-lo.

– Não vai pedir para que eu solte o cabelo? – perguntou Sophie, subindo na cama.

– Não – disse Bastiano, pois desta vez não queria nenhuma cortina entre eles.

Deitou-se de lado, com a cabeça apoiada sobre a mão para observá-la.

Ela se deitou no colchão, que mais parecia uma nuvem.

– Confortável?

– Muito confortável.

Era tão bom quanto o toque delicado da mão dele no seio dela. Bastiano aproximou-se e começou a devolver os beijos que ela havia roubado enquanto a despia.

O toque dos dedos dele era suave sobre os mamilos eriçados como botões, e ele podia sentir o desejo no corpo dela. O calor da palma da mão dele sobre o seio era um doce tormento; a cada beijo, Bastiano a deixava cada vez mais incitada. Quando os dedos dele beliscaram o mamilo, Sophie gemeu, sendo recompensada com um beijo.

Ela estava tão focada na felicidade que os lábios dele lhe proporcionavam que nem percebeu quando a mão dele deslizou para o meio de suas pernas; ele adorou quando elas se abriram gentilmente, em vez de resistirem.

Sophie tinha gosto de tudo o que era bom, e Bastiano de tudo o que era ilícito.

A boca dele começou a descer pelo pescoço dela. Os beijos, de início gentis, foram se intensificando juntamente à complexidade dos movimentos dos lábios dele.

Sophie agarrou-se nos ombros quentes de Bastiano quando a boca dele encontrou o seio dela. Ali ele brincou e mordiscou o mamilo, provocando-a. O raspar da barba era sublime, e ela fincou as unhas na pele dele quando sugou Bastiano intensamente o mamilo dela.

No entanto, ele queria ouvir mais daqueles gemidos, e então seus dedos começaram a explorar dentro dela.

Sophie arqueou as costas para sentir melhor a mão dele, abrindo a boca ao perder a conexão com o mundo.

Bastiano queria saborear lentamente cada centímetro do corpo dela, mas ao sentir com os dedos como ela estava úmida e ardente, percebeu que logo não iria mais conseguir ser gentil.

Foi pegar um preservativo, mas ela o deteve.

– Eu ainda estou tomando pílula.

Bastiano decidiu deixar a bronca para depois. Sabia que estava seguro, mas sempre usava proteção; ele não confiava em ninguém.

Seria a primeira vez para ambos, pois nunca havia feito amor sem preservativo.

– Nervosa? – verificou ele.

– Nunca.

Mas ele estava.

A emoção naqueles olhos cor de âmbar pegou-o de surpresa, pois a ansiedade dela se equiparava ao medo dele de machucá-la.

Por algum motivo que não conseguia identificar, Bastiano sentiu uma rara preocupação em não a machucar ao penetrá-la. Apesar da resistência inicial, ele logo percebeu que ela estava ansiosa para engoli-lo.

Não, Bastiano não roubou a inocência de Sophie; ela a renunciou com gratidão ao abraçar a mistura de dor de prazer.

Ele se deitou sobre ela, apoiado nos cotovelos, e beijou os lábios tensos dela, lutando contra o próprio desejo.

Sophie fechou os olhos com força e colocou a mão no peito dele, pois cada movimento vagaroso de Bastiano causava um novo trauma. Era uma súplica silenciosa para que ele fosse com calma. Quando ele saiu de dentro dela, a dor transformou-se em uma necessidade aguda, e ela arqueou o quadril para que ele a preenchesse novamente.

– Mais devagar – sussurrou ela.

Sophie podia sentir que ele se esforçava ao máximo para manter o ritmo delicioso e despreocupado que ela havia suplicado. E quando a dor passou, Sophie tirou as mãos do peito dele, pronta para atender à necessidade aguda dele de possuí-la.

Quando o ritmo se intensificou, ele olhou dentro dos olhos dela. Sophie deslizava as mãos pelas costas e as nádegas rijas dele, permitindo que ditasse o ritmo.

Bastiano colocou as pernas dela ao redor do corpo, posicionando-se com cuidado e uma paciência que o corpo dela não podia retribuir. Segurou o corpo dela com força e, quando o orgasmo dela começou, intensificou as investidas. Em meios aos gemidos dela, Bastiano ajoelhou-se e a penetrou profundamente, erguendo o corpo dela de forma a deixá-la completamente aberta para ele.

Olhou para baixo, para o ponto de conexão entre eles, e então despejou suas últimas gotas preciosas no fundo de Sophie enquanto ela pulsava ao redor dele.

Sophie soube imediatamente que ele havia lhe dado tudo o que ela poderia querer em sua primeira vez quando ele a soltou e se retirou de dentro dela. Bastiano tomara cuidado e lhe dera prazer, ele abrira a mente dela para o próprio corpo, mas naqueles últimos segundos agonizantes ela se sentiu roubada.

Não em relação à virgindade, pois havia se entregado de corpo de alma.

Mas em relação ao tempo.

Estava desesperada para aprender muito mais coisas com Bastiano.

CAPÍTULO 5

SOPHIE ACORDOU no meio da tarde, nos braços de Bastiano.

Se a felicidade fosse um lugar, ela o havia encontrado.

Examinou os desejos e as necessidades, e descobriu que estava satisfeita.

Ah, precisava ir ao banheiro, mas fora isso não queria mais nada. Não queria levantar para não o acordar, e ainda não queria voltar para a realidade.

Estava decidida a fazer aquele dia durar!

Ela levantou o braço dele, pegou o uniforme e a roupa íntima e foi para o banheiro suntuoso ao estilo romano, com paredes de pedras e uma profunda banheira de alabastro no centro do cômodo. As janelas eram projetadas para que os hóspedes pudessem desfrutar do esplendor de Roma na mais absoluta privacidade.

Com um sorriso malicioso, abriu a torneira da pia e jogou as roupas dentro. Não apenas para que seu uniforme estivesse novinho em folha no dia seguinte, mas para garantir que não fosse sair dali tão cedo!

Mas então olhou novamente para a banheira que parecia chamá-la, e se perguntou: por que não?

No apartamento dela havia um pequeno chuveiro, e quase sempre um colega esperando do lado de fora pela vez de usar o banheiro.

Assim, depois de pendurar as roupas no aquecedor de toalhas, em vez de limpar a banheira como sempre fazia em uma suíte, ela abriu as torneiras no máximo e despejou todos os produtos que tinha direito: óleos, sais, essências.

As garrafinhas adoráveis que ela costumava repor todos os dias foram derramadas na água quente e perfumada antes de Sophie entrar na banheira.

Quando a água envolveu seu corpo ainda entorpecido pelo toque dele, Sophie percebeu que iria lembrar-se daquele dia maravilhoso sempre que olhasse para aquela vista. Era assim que estava se sentindo por causa dele: simplesmente maravilhosa.

Não sentia vergonha alguma pelos acontecimentos daquela manhã, mas sabia que ela logo viria.

Se tivesse feito a coisa certa segundo os padrões da família, a primeira vez dela teria sido há um ano, e teria sido algo esquecível, em vez de memorável. Sophie fechou os olhos e sorriu, pensando em Bastiano.

E foi assim que ele a encontrou ao entrar no banheiro, até o pescoço em espuma e quase cochilando.

– O que aquelas roupas estão fazendo ali? Parece que os ciganos chegaram na cidade.

Sophie abriu os olhos e sorriu para aquela figura nua e maravilhosa, de rosto franzido por causa das roupas dela que pingavam.

– Só para você saber, eu lavei o meu uniforme porque eu sei que é um cavalheiro, e jamais permitiria que eu fosse embora com roupas molhadas.

– Admiro a sua astúcia – disse Bastiano. – Entretanto, não sou um cavalheiro, e se eu quisesse mandar você embora, eu o faria sem me importar com as suas roupas.

– Não. – Ela não acreditava, pois aos olhos de Sophie, ele era perfeito.

Ela estendeu a mão convidando-o para entrar, mas Bastiano hesitou, pois não era dado a esse tipo de intimidade. Disse para si mesmo que a espuma e a fragrância pareciam convidativas antes de entrar do outro lado da banheira, de costas para a vista. Sophie descansou os pés no peito dele.

Bastiano decidiu ignorá-la.

– O que foi? – perguntou ele quando ela o cutucou com o calcanhar.

– Eu quero uma massagem.

Ele estava relaxado demais para recusar, então começou a trabalhar nas solas dos pés dela com o polegar, desfrutando dos gemidos dela.

– Sua amiga inglesa não sabe o que está perdendo – disse Sophie.

Bastiano percebeu que ela achava que ele era uma pessoa bondosa e atenciosa, e resolveu não a contrariar.

– Você está dolorida? – perguntou, e ela sabia que ele não se referia aos pés.

– Um pouco – admitiu ela, sorrindo provocantemente quando seus olhos se encontraram. – Não o suficiente para não repetir a dose.

– Para pernas tão esguias – disse Bastiano. – As suas são bem fortes.

– Porque eu fico de pé o dia inteiro, subindo e descendo escadas.

Sophie aceitou o fato de que aquele era o único dia que ela teria ao lado dele, e por isso resolveu ceder à curiosidade.

– Como ganhou essa cicatriz?

Eram raras as circunstâncias em que ele se encontrava à vontade o bastante para responder àquela pergunta.

– Em uma briga.

– Quantos anos tinha?

– Dezessete.

– Foi uma briga com o seu tio? – perguntou, pois ele havia contado que fora expulso de casa com essa idade.

– Não.

– Esse foi um ano agitado na sua vida então!

– Acho que sim.

– Com quem você brigou? – perguntou Sophie, ignorando o aviso nos olhos dele para deixar o assunto em paz.

– Com um homem que eu odeio até hoje.

A mudança de tom não abalou Sophie; ela apenas esperou que Bastiano continuasse, mas ele não revelou mais nada.

Aquele era o tipo de conversa que estava sempre fora dos limites. Porém, como Bastiano havia lhe mostrado uma brecha de quem era, também estava curioso sobre ela.

– O que você estava fazendo aos 17? – perguntou ele.

– Eu já disse, trabalhava na padaria... – Então ela se lembrou daquela época, e deu uma risadinha. – E estava apaixonada. Ou pelo menos achava que estava.

– Por quem?

– Um homem que costumava passar na padaria a caminho do trabalho.

– Ele ia lá para ver você? – perguntou Bastiano, presumindo que isso fosse óbvio. – Eu passaria lá de manhã, de noite e na hora do almoço para um pedaço de bolo.

– Ah, mas aí você ficaria tão gordo quanto o padeiro.

– Eu perderia tudo na malhação – disse ele, puxando-a para mais perto e colocando as pernas dela ao redor da cintura. Entre beijos, ela continuou.

– Não era nada disso. Ele era casado! Eu só tinha uma quedinha, que ele educadamente ignorou.

Bastiano tentou imaginar qual seria a reação dela se ele contasse os seus pecados. Não que tivesse intenção de fazer isso.

Ela se recostou e fechou os olhos, completamente à vontade, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

– Eu geralmente limpo esta banheira. – Ela suspirou. – Uma vez tive que trazer um balde de gelo com uma garrafa de champanhe até este mesmo banheiro. O que não é incomum, só que desta vez o casal estava na banheira.

– Bem, não era eu – disse Bastiano secamente.

– Claro que não, você é educado demais para isso.

Ele estava prestes a corrigi-la e dizer que não se importava em fazer as camareiras corarem, quando se refeou.

– O que mais já viu? – perguntou ele.

– Tanta coisa. – Sophie sorriu e recostou-se na banheira, fechando os olhos ao relembrar. – Já vi vários casamentos, são os eventos que eu mais gosto. Sempre tem alguma coisa incrível acontecendo aqui. Eu geralmente não levo os cafés da manhã, mas alguns casais tomam champanhe às 7h... – Agora ela sorria ao lembrar-se do ato de romantismo. – Eu nunca sequer provei champanhe, muito menos depois de acordar.

– Quer que eu peça um champanhe para nós? – ofereceu ele.

– Não – disse ela de olhos fechados. Porém, da mesma forma como fizera ao acordar nos braços dele, Sophie examinou suas vontades. Não precisava de nada, suas necessidades já tinham sido supridas, mas ainda havia um último e minúsculo desejo. – Achei que eu não estava com fome.

– E está?

– Na verdade, não – admitiu Sophie. Porém, estava determinada a aproveitar aquela vida boa enquanto podia. – Mas eu *poderia* comer um

gelato e tomar um *espresso*...

Bastiano murmurou quando um dos prazeres simples da vida se transformou em uma necessidade e pegou o interfone ao lado da banheira. Ele fez o pedido e orientou para que a camareira desprezasse o sinal de “Não Perturbe” só dessa vez, e que deixasse os pratos na sala.

Dez minutos depois, ainda na banheira, Sophie cobriu a boca com a mão e tentou não rir quando Inga entrou na suíte empurrando o carrinho.

Bastiano vestiu um robe e nem se deu o trabalho de fechar a porta, e por isso a conversa dele com Inga chegou aos ouvidos de Sophie.

– Há mais alguma coisa que eu possa fazer, *signor* Conti? – perguntou Inga.

– Não, isto é tudo – respondeu Bastiano.

Quando ele voltou para o banheiro, Sophie torceu o nariz.

– Eu não suporto ela.

– Por quê?

– Porque... – Sophie deu de ombros, sentindo-se subitamente constrangida, afinal de contas ela não estava fazendo o mesmo que Inga?

Não, decidiu ela, pois aquilo não tinha nada a ver com dinheiro ou bolsas de grife. Fizera uma promessa a si mesma há muito tempo, que sua primeira vez seria quando quisesse e estivesse pronta, e essa promessa havia sido cumprida. Mas se esqueceu de tudo isso quando percebeu que ele estava de mãos vazias.

– Onde está o *gelato*?

Ele não respondeu. Em vez disso, ergueu-a nos braços e a levou de volta para a cama, ainda molhada e pingando. Ela riu e tentou impedi-lo, mas ele apenas sorria para ela.

– Pronto. – Ele a colocou apoiada em um travesseiro e despejou uma dose do café sobre o *gelato* antes de levar o prato até ela. A combinação dos gostos doce e amargo era perfeita.

– E o seu café? – quis saber ela.

– Acho que você não iria gostar – disse ele, tomando uma colherada do sorvete que deixou a língua e os lábios dele quase azuis por causa do frio.

– O que está fazendo? – perguntou Sophie quando ele se ajoelhou e abriu as pernas dela.

– Beijando você de um jeito melhor.

Sim, ela achou aquilo fabuloso.

AQUELE DIA ela passou na cama, escondida do mundo.

Um dia fazendo amor, cochilando, rindo e conversando. Nos braços dele, Sophie acordou e não quis olhar para o relógio ao lado da cama. Não queria que aquele dia acabasse nunca, embora soubesse que o fim estava próximo.

As cortinas eram grossas o bastante para bloquear a luz do sol, mas por causa da quietude no ar, ela sabia que já era de noite. E estava certa: ao erguer a cabeça para olhar o relógio, viu que faltava uma hora para o seu turno começar.

Logo teria que se separar dele.

Desvencilhou-se dos braços dele e voltou para o banheiro maravilhoso, onde tomou uma ducha, prendeu o cabelo para cima e vestiu o uniforme seco.

Bastiano ainda dormia no quarto principal.

Não, ela jamais iria se arrepender daquela noite.

Já tinha ouvido as amigas falando da primeira vez, e algumas a descreviam com um tom pesaroso. Porém, a primeira vez dela tinha sido perfeita. Ele tomara conta de Sophie na cama e fora dela.

Pela primeira vez na vida, havia sido paparicada e adorada, mas sabia que o mundo que haviam construído não tinha sido feito para durar.

Sophie queria acordá-lo, mas não sabia como fazê-lo sem derramar lágrimas, e isso certamente não fazia parte do trato. Assim, foi para a sala e escreveu um bilhete.

Mai ti dimentichero' mai.

Jamais vou me esquecer de você.

Bastiano iria achar a mensagem sentimental demais, no entanto ela não ligava para isso. Embora estivesse triste por ter que ir embora, ela não sentiu qualquer pinga de culpa enquanto esperava pelo elevador.

A mãe dela jamais a perdoaria se descobrisse, e isso era um fato. E tampouco Benita, a chefe das camareiras.

Sim, para os outros isso parecia errado, mas para Sophie tudo parecia estar no devido lugar no mundo. Ela guardou a lembrança no peito com carinho.

Ao chegar ao saguão, Sophie saiu do elevador como se estivesse flutuando. Ainda não queria começar a trabalhar, mas sabia que a amiga Gabi estava cuidando dos preparativos de um casamento que iria acontecer no dia seguinte. Não, ela não iria contar nada para Gabi; algumas lembranças eram preciosas demais para serem compartilhadas.

Sophie, porém, não encontrou a amiga em nenhum dos salões de festa. Era como se Gabi a estivesse evitando; elas costumavam conversar o tempo todo, mas nos últimos meses Gabi estava sempre ocupada ou cansada demais.

Sophie foi até a recepção, onde Anya estava trabalhando.

– Você viu Gabi?

– Gabi! – disse Anya, revirando os olhos dramaticamente. – Eu fiz mais do que isso. Tive que chamar uma ambulância para Gabi. Ela entrou em trabalho de parto.

– Como assim? – perguntou Sophie, incapaz de registrar o que havia acabado de ouvir. – Gabi não estava grávida... – Ao dizer isso, porém, a recente distância entre as duas começou a fazer sentido.

– Ela já estava no sexto mês – disse Anya. – Eu só fui descobrir quando a bolsa dela estourou. Acho que o bebê vai nascer esta noite.

– Alguém foi acompanhá-la? – perguntou Sophie, sabendo que não iria poder fazer nada.

– Acho que ela ia ligar para a mãe assim que chegasse ao hospital.

Sophie começou a turno da noite com a cabeça completamente absorta em pensamentos. Para ela, não importava onde iria trabalhar naquela noite. Só queria saber como a amiga estava.

– Você está ouvindo, Sophie? – chamou Benita.

– Claro – disse Sophie, forçando-se a pelo menos parecer que prestava atenção.

– Você pode me ajudar a preparar o salão de festas para o casamento de amanhã? Nós estamos muito atrasados.

Sophie assentiu e escreveu as instruções em seu caderninho enquanto Benita falava com o resto da equipe.

– O sultão Alim teve que viajar para a terra natal dele inesperadamente – explicou Benita. – O que facilita um pouco as coisas para nós esta noite.

Laura, você e eu vamos cuidar deste andar quando tivermos um tempo para respirar. Agora, na suíte presidencial em que está hospedado o *signor* Conti...

Sophie sentiu o coração disparar e as bochechas corarem ao ouvir o nome dele.

– É um hóspede importante para o Grande Lucia – explicou Benita. – Hoje ele recusou que arrumassem a suíte. Entretanto, se mudar de ideia, Inga e Laura, vocês podem cuidar disso, por favor? – Pelo tom de Benita, às vezes Sophie achava que ela sabia o que Inga aprontava. – Lembre-se de que o *signor* Conti está pensando em comprar o hotel. Ele pode muito bem virar o chefe de vocês no futuro, então tomem cuidados redobrados, por favor. Lembrem-se de que ele está aqui para observar os funcionários e obter o máximo de informações possíveis sobre o funcionamento do hotel.

Sophie sentiu como se o chão tivesse se aberto sob seus pés. As instruções continuaram, mas Sophie não ouviu mais nada. Ela teve vontade de pedir para Benita contar mais sobre Bastiano. Tomada pelo terror, mal percebeu quando a chefe sorriu para a equipe.

– Muito bem, pessoal, ao trabalho.

Sophie foi obrigada a trabalhar abalada, segurando as lágrimas a noite toda.

A chefe de Gabi, Bernadetta, foi chamada para finalizar todos os preparativos da noite para o dia. Ela era uma mulher venenosa, para dizer o mínimo, e naquela noite pegou pesado com a frágil Sophie. Benita a fez amarrar as fitas e mudar as cadeiras de lugar várias e várias vezes, e não parou de repetir para que Sophie prestasse atenção enquanto colocava os cartões com os nomes dos convidados nas mesas.

Às 2h, Benita *finalmente* avisou que Sophie podia fazer um intervalo.

– Está tudo bem? – perguntou Ronaldo, o porteiro, quando Sophie saiu pela cozinha para tomar um pouco de ar. Ronaldo também estava no intervalo, fumando um cigarro.

– Vou ficar melhor quando for de manhã. É horrível trabalhar com Bernadetta, e ainda há toda essa conversa de que o hotel vai ser vendido.

– Eu sei! Espero que Di Savo o compre – disse Ronaldo. – Ele já tem um hotel aqui em Roma.

– E o outro possível comprador? – sondou Sophie.

– Conti? – perguntou Ronaldo, erguendo as sobrancelhas. – Ele é um aventureiro.

– Em que sentido?

– Em todos os sentidos. Ele e Di Savo são inimigos jurados. A segurança foi instruída para ficar em alerta, já que os dois estão hospedados aqui ao mesmo tempo.

– Sério?

Ronaldo assentiu.

– Especialmente porque na noite passada Di Savo estava com a convidada de Conti. – Ele arqueou uma sobrancelha. – Nós só podemos torcer para que Di Savo saia ganhando na disputa pelo hotel e a garota. Só sei que Bastiano Conti é um cretino sem coração.

– Como sabe disso?

– Eu sou o porteiro – disse Ronaldo. – Ele sempre se hospeda aqui, já que ele e o sultão são amigos. Pode acreditar, sei de tudo o que acontece por aqui. Eu não deixaria a minha irmã ficar perto daquele sujeito.

– Eles são amigos? – checkou Sophie, lembrando-se das perguntas sutis de Bastiano: ele fingira para ela estar surpreso ao saber que Ali era um sultão.

– Bons amigos. Eu achava que o sultão tivesse um gosto melhor.

Se o fato de Sophie ter dormido com o possível novo chefe já era ruim o suficiente, a forma como havia se deixado levar era completamente humilhante. Bastiano a fez se abrir como se fossem dois enamorados.

Pois era isso que ela havia achado que eram.

Todas as lembranças maravilhosas de Sophie agora estavam maculadas.

Ela achava que ele havia feito todas aquelas perguntas para conhecê-la melhor, quando na verdade só estava usando Sophie.

Ainda bem que ela não contou que achava que Inga fazia visitas especiais para os hóspedes. Sophie podia não gostar dela, mas também não queria que ela tivesse problemas; aquele era um delito indefensável.

Um delito que Sophie também cometera.

Ah, Sophie podia olhar a situação de qualquer ângulo que quisesse... ela estava encrencada.

Aquele emprego era a maior conquista da vida dela. Sophie amava ir para o trabalho todos os dias, amava os colegas e os amigos que havia feito. E agora,

de repente, podia perder tudo isso.

Pela manhã o salão já estava pronto para o casamento, mas Sophie ainda trabalhava a mil por hora. Quando Benita pediu para alguém ajudar com o café da manhã, ela não se voluntariou.

Simplesmente não sabia como encará-lo.

BASTIANO, PORÉM, estava mais do que pronto para encarar Sophie.

Ele havia acordado por volta da meia-noite, descansado como não se sentia há muito tempo.

Demorou alguns instantes para perceber que ela havia ido embora. Bastiano chegou a ir até o banheiro, esperando encontrá-la na banheira com espuma até o pescoço.

Lembrando-se de que Sophie havia dito que gostava de organizar as coisas, ligou para a recepção e pediu que alguém fosse arrumar a suíte. Mas foi Inga que apareceu, para a decepção dele, juntamente a outra camareira.

– Você estava trabalhando esta tarde – comentou Bastiano.

– Eles pediram para eu dobrar o meu turno. – Inga sorriu.

Ele pediu café da manhã.

Shakshuka para Sophie e brioches sicilianos para ele, só que desta vez também pediu frutas vermelhas e uma garrafa de champanhe.

Finalmente, quando a manhã chegou, ele ouviu uma batida na porta.

– Entre – disse Bastiano.

Conhecia o suficiente do ramo para saber que Sophie não podia escolher qual quarto atender. Mas isso não o impediu de erguer-se na cama e dizer *buongiorno...* e voltar a deitar-se ao perceber que não se tratava de Sophie.

As cortinas foram abertas, mas Bastiano deliberadamente continuou de olhos fechados.

– Posso servir o café? – perguntou Inga, quando o protocolo ditava que ela deveria ir embora.

– Não.

– Posso fazer algo mais para o senhor?

Ele abriu os olhos. Por mais imperceptíveis que fossem, Bastiano conseguia ver as maquinações por trás da oferta velada; Inga adoraria ir para a cama com o futuro chefe.

– Pode ir embora. – Com um gesto, ele a dispensou.

Inga saiu, e os minutos se arrastaram enquanto ele esperava por Sophie.

Já era quase 9h, e Sophie ainda não tinha aparecido. Bastiano sabia que iria pegar muito mal se ligasse para a recepção perguntando por ela.

Não havia nada que pudesse fazer, a não ser esperar.

Assim, quando a manhã se anunciou, Bastiano saiu da cama e serviu-se sozinho do café, que já estava frio demais. Quando abriu o jornal, seu dia subitamente piorou.

Havia uma foto de Raul di Savo, seu arqui-inimigo, sentado em um café que Bastiano reconheceu como sendo o que ficava em frente ao hotel. Ele estava de mãos dadas com Lydia Hayward.

Ela não tinha ido ver as amigas, no final das contas.

Bastiano e Raul tinham reputações célebres, e ambos sabiam muito bem quais eram as táticas um do outro.

Raul devia ter descoberto que Lydia era convidada dele, concluiu Bastiano. Sua irritação aumentou dez de vezes, e ele amassou o jornal e o jogou no chão.

O telefone tocou. Era Maurice, despejando desculpas por Lydia continuar indisponível e querendo saber quando poderiam conversar sobre o castelo. Só que agora Bastiano não tinha nenhum interesse na velha construção decrepita de Maurice.

– Não vai ser possível, Maurice. E quando vir a sua enteada, diga que Di Savo só mostrou interesse por ela para me irritar. E nada mais.

Ele não tinha dúvidas de que Maurice iria dar o recado, e que com sorte isso iria causar uma baita briga entre eles.

Em seguida, ligou para a recepção e pediu que suas malas fossem feitas e que um carro ficasse à sua espera.

Esqueça Roma! Esqueça banhos perfumados e brioques sicilianos! E acima de tudo, esqueça Sophie!

Bastiano voltou a ser um cretino.

CAPÍTULO 6

SOPHIE SIMPLEMENTE não sabia como encarar Bastiano.

Ela não estava apenas com medo de perder o emprego. Sentia-se com raiva e humilhada. Ele deve ter ficado o tempo todo rindo internamente da cara dela.

Assim, depois da mais longa noite de todas no trabalho, ela foi para casa. Lá, ligou para o hospital para saber como Gabi estava. Depois de se informar sobre os horários de visita, decidiu que iria ver a amiga no dia seguinte, antes do horário do trabalho.

Sentiu-se enjoada ao pensar em voltar para o hotel, com a certeza de que iria estar em sérios problemas.

Talvez ele não fosse comprar o hotel, pensou Sophie enquanto tentava dormir. O que provavelmente não ajudaria a conter a situação, pois agora ela sabia que Bastiano era amigo do sultão Alim. E por mais que Alim fosse um sujeito bacana, a reputação dele com as mulheres também era famosa. Sophie ficou ali deitada, imaginando Bastiano agradecendo a Alim pela *grata surpresa* que ele havia mandado para a suíte.

Apesar de todas as preocupações, o arrependimento não era uma delas. Sophie sabia muito bem que se as coisas tivessem sido diferentes, estaria agora celebrando o aniversário de um ano de casamento.

E ao entrar na ala da maternidade no dia seguinte, Sophie também sabia perfeitamente que aquela mulher pálida deitada na cama poderia muito bem ter sido ela, com Luigi e o filho recém-nascido ao lado.

Não.

Talvez ela fosse sofrer as consequências mais tarde, mas sua primeira vez tinha sido exatamente como desejara.

– Sophie... – Gabi começou a chorar assim que a amiga entrou.

Ela havia comprado flores e um ursinho verde-limão para o bebê, que não estava por perto.

– Está tudo bem. – Sophie abraçou a amiga, sem saber ao certo o que dizer.

– Como está o bebê? As enfermeiras não quiseram me dizer nada.

– Eu ganhei uma garotinha – disse Gabi. – Lucia.

– E como ela está?

– Ela está no berçário. Nasceu prematura, mas os médicos disseram que, para o tamanho dela, Lucia está indo bem.

– Eu comprei isto para ela.

Sophie entregou o ursinho, e Gabi sorriu ao ver o primeiro brinquedo da filha.

– Eu nem acredito que ela já está aqui – disse Gabi.

– Ninguém está acreditando... – Sophie arregalou os olhos. – Pode acreditar! Por que diabos não contou que estava grávida?

– Eu achei errado contar para todo mundo antes de contar para o pai... – admitiu Gabi. Sophie esperou, mas Gabi balançou a cabeça; ela claramente não estava pronta para falar do pai da filha. O que não impediu Sophie de tentar!

– Ronaldo?

– Ah, por favor – disse Gabi, e suas lágrimas se transformaram em uma risada. – Ronaldo?

– Bom, ele é bonito. – Sophie deu de ombros. – E vocês dois estão sempre conversando.

– Eu converso com Ronaldo porque ele sabe de todas as fofocas – confessou Gabi.

Nem *todas* as fofocas, era o que Sophie esperava.

Ela ainda ficou mais um pouco com Gabi e prometeu visitá-la em breve, mas logo teve que ir para o trabalho, morrendo de medo do que podia estar esperando por ela.

Benita sorriu para Sophie quando ela chegou corada e juntou-se à equipe para as instruções.

– O casamento está a todo vapor – disse Benita, antes de dar as instruções para aquela noite. – O *signor* Conti foi embora mais cedo, esta manhã.

Ninguém ouviu quando o coração de Sophie parou. Ela ficou parada, olhando para o lápis sobre o caderninho, sentindo as lágrimas se acumularem enquanto Benita continuava.

– A equipe esteve ocupada a manhã toda, e ninguém teve tempo de arrumar a suíte presidencial. Sophie, por favor, quero que comece a limpeza. Vou ajudar você assim que puder.

Com o coração pesado, Sophie foi para o mesmo elevador no qual havia flutuado de volta para a terra no dia anterior.

Cada suíte presidencial possuía a própria área para funcionários e produtos de limpeza, e por isso não era necessário um carrinho.

Sophie entrou na suíte, percebendo que parecia mais arrumada do que quando havia ido embora. No quarto principal, o café da manhã estava sobre o carrinho, intocado. Ela ergueu as tampas das bandejas e encontrou brioques e *shakshuka*, além de frutas vermelhas. Mas o que trouxe lágrimas aos olhos dela foi a garrafa de champanhe fechada em um balde de gelo, que Sophie sabia que Bastiano pedira para ela.

Era a coisa mais romântica que já havia acontecido com ela.

Ou melhor, que não tinha acontecido.

Talvez eu tenha sido um pouco apressada demais, pensou Sophie.

O cheiro dele ainda estava no ar, e as lembranças na mente dela.

Como Sophie tinha certeza de que ia ser despedida, deitou-se só por um instante na cama em que dormira e tentou fazer o coração se acalmar.

Ela não podia perder o emprego!

Por isso mesmo era melhor Sophie começar a trabalhar, pois Benita podia aparecer a qualquer momento.

Primeiro, empurrou o carrinho com o café da manhã até o corredor, e depois recolheu o lixo. Havia um jornal amarrotado no chão, e ao desamassá-lo Sophie deparou-se com uma foto de Raul di Savo e uma beldade loura sentados no café que ficava em frente ao hotel.

Aquela era Lydia, Sophie tinha certeza.

Deve ter sido por isso que Bastiano foi embora mais cedo. A partida apressada dele não tinha nada a ver com ela; Sophie sabia que não passava de um peão nos joguinhos dele. Havia sido apenas uma distração, e nada mais.

Sophie esfregou a banheira em que tinham ficado juntos, conversando; doía relembrar a forma como ele a carregara para a mesma cama que há pouco arrumara.

Arrumar uma suíte presidencial para o próximo hóspede demorava muito. Coube a Sophie deixar tudo perfeito, já que Benita só apareceu mais tarde, com a lista de verificação.

Decoração, garrafas, copos, móveis... tudo tinha que estar brilhando. Cada tópico da lista foi checado nos mínimos detalhes.

Geralmente eram necessários dois pares de olhos para não deixar nada passar.

Mas não naquela noite.

Sophie havia apagado qualquer vestígio dos dois naquele quarto.

– Está tudo pronto para o próximo hóspede. – Benita sorriu. – Muito bem, Sophie. O *signor* Conti geralmente deixa a suíte de pernas para o ar.

– É mesmo? – Sophie não pôde deixar de insistir por mais detalhes.

– Ele gosta da companhia de mulheres, e sabe como dar uma festa. Você fez um excelente trabalho – disse Benita, apagando as luzes. – Ninguém diria que alguém se hospedou aqui.

Agora Sophie só precisava dizer a mesma coisa para o coração.

CAPÍTULO 7

O ANIVERSÁRIO de Sophie era só mais um dia qualquer.

Ela acordou tarde e tomou café com a colega de apartamento, Teresa, que depois foi para o emprego como garçoneiro.

O fato de Teresa não ter dito nada sobre a data não deveria deixá-la triste.

Dava importância demais às coisas, disse Sophie a si mesma. Ela vestiu uma blusinha, uma saia e saiu de casa um pouco mais cedo do que o normal para o turno da noite no Grande Lucia.

Havia um monte de cartas na caixa de correio no saguão do prédio; Sophie percebeu que estava prendendo a respiração enquanto folheava a correspondência.

Nada.

Não recebera nenhuma ligação dos pais, e agora via que eles também não tinham mandado nem um cartão. Seu irmão mais velho havia ligado na semana passada, e contara que Luigi ainda jantava na casa deles todas as semanas, e agora passara a tomar vinho.

– Você acha que isso me deixa com vontade de voltar para casa e me casar com ele? – dissera ela, antes de desligar.

Eles não a compreendiam.

Mas Bastiano, sim.

Mesmo depois de tantos meses, pensar nele ainda fazia com que Sophie parasse no meio da rua.

A lembrança daquele dia era suficiente para fazê-la sorrir, como um presente que podia abrir para melhorar os dias em que se sentia pequena e esquecida.

Como ainda tinha tempo livre antes de o turno começar, Sophie decidiu ver como Gabi e a pequena Lucia estavam. Fazia tempo que as duas não se falavam. Uma semana depois de voltar ao trabalho, Gabi tinha sido chamada para uma viagem internacional, para ajudar a organizar os preparativos do casamento do sultão Alim. A mãe dela ficara cuidando de Lucia.

O que parecia terrivelmente glamouroso para Sophie.

– Sophie! – Com um sorriso cansado, Gabi abriu a porta. – É tão bom ver você!

A pequena Lucia estava chorando, e Sophie ficou mais do que feliz em segurá-la enquanto a amiga almoçava.

– Que horas começa o seu turno? – perguntou Gabi.

– Às 14h. Como foi a viagem?

– Foi... – Gabi deu de ombros. – Foi difícil deixar Lucia.

– Mas como foi a viagem? – Sophie nunca havia viajado para fora da Itália. Ela nem imaginava como era o Oriente Médio! Mas então lembrou-se de que a amiga tinha uma quedinha por Alim, e imaginou que talvez suas perguntas fossem um tanto desconfortáveis. – E Alim?

– Eu quase não o vi.

– Então não sabe quem vai comprar o hotel?

Gabi balançou a cabeça.

– Todos estão com medo de perder o emprego. – Sophie suspirou.

– Acho que vai ficar tudo bem. – Gabi tentou tranquilizá-la. – Raul di Savo tem vários hotéis, um deles aqui em Londres. Tenho certeza de que não haverá muitas mudanças.

– E se o outro comprar o hotel?

– Que Deus nos ajude se isso acontecer. – Gabi suspirou. – Conti compra prédios antigos só para modernizá-los. – Ela franziu a testa. – O sultão Alim passou os últimos dois anos restaurando o hotel. Conti vai arruinar tudo...

– Talvez não – disse Sophie, embora ela se lembrasse de Bastiano falando do castelo de Lydia e de todo o trabalho que o lugar exigiria.

Será que ele só conseguia pensar em trabalho?

– Aparentemente, ele transforma todas as aquisições em centros de reabilitação de excelência – disse Gabi. – Acho que não vamos ter muitos casamentos no Grande Lucia se isso acontecer. – Ela deu de ombros quase que imperceptivelmente. – Não que eu me importe com isso. Acho que não posso contar com esse emprego por muito tempo, pois minha mãe quer que eu consiga um trabalho com um horário melhor.

– Ela ainda está chateada por causa da gravidez?

Gabi assentiu.

– Ela está começando a aceitar. Nós pelo menos voltamos a conversar. Na verdade, eu não conseguiria trabalhar sem a ajuda dela.

– E o pai de Lucia? – perguntou Sophie.

– Não estou pronta para falar dele.

– Tudo bem – disse Sophie, antes de olhar para o relógio. – É melhor eu ir. Venho ver vocês em breve.

Mais uma vez o aniversário dela passou despercebido, e claro que Sophie não podia culpar a amiga. Gabi já tinha muito com o que se preocupar.

No armário de Sophie havia uma pilha de uniforme limpos com o nome dela, recém-engomados. Ela vestiu um deles e rapidamente prendeu o cabelo.

Na reunião dos funcionários, ela foi informada de que o hotel estava bem cheio. Havia um grande número de quartos para serem arrumados, e eles não podiam perder tempo se quisessem dar conta de todos.

– Sophie, você vai ficar no vigésimo andar, com os apartamentos ímpares.

Sophie assentiu. No vigésimo andar ficavam os quartos mais baratos, sem vista para os marcos de Roma.

– Ah, e Sophie... – Ela esperava ouvir que deveria ir ajudar Inga depois que terminasse o serviço, mas acabou ouvindo uma notícia surpreendente. – Chegou uma entrega para você na recepção.

– Uma entrega?

– Sim. Hoje é seu aniversário ou algo do tipo?

Sophie assentiu, e seu coração começou a bater depressa, imaginando se talvez – *talvez* – seus pais tivessem enviado alguma coisa para ela ali no hotel.

Ela estava quase dando pulinhos no lugar de tanta ansiedade, e quando a reunião finalmente terminou, foi direto para a recepção em vez de se dirigir para o vigésimo andar.

– Chegou alguma coisa para mim? – perguntou Sophie para Anya.

– Sim, sua garota de sorte.

Sophie soube assim que Anya saiu da chapelaria com o buquê que aquele não era um presente dos pais dela; os dois jamais mandariam um presente desse tipo.

Não era um buquê grande; Anya lhe entregou um arranjo pequeno, envolto em papel de seda claro, exsudando elegância.

As flores eram realmente primorosas.

Cerca de uma centena de pequenas rosas dos mais variados e delicados tons de creme, adornadas nas beiradas por um verde suave, que pareciam ter sido pintadas individualmente com pinceladas habilidosas. Seu perfume era como o de um dia de verão.

– É maravilhoso – suspirou Anya. – Todo mundo veio aqui dar uma olhadinha nele.

Neste instante Inga chegou, ilustrando o que Anya havia dito.

– São lindas.

– Acho que Sophie tem um admirador – provocou Anya. – Vamos lá, abra o cartão.

– Quem as enviou? – perguntou Inga, mas o cartão estava em branco.

– Eu não sei – mentiu Sophie.

Ou seria verdade?

O Bastiano de que todos falavam não enviava flores.

Ou será que ele tinha se lembrado?

Ou seria aquele um presente surpresa de Gabi?

A hipótese das flores terem vindo da mãe de primeira viagem estressada e sem dinheiro fazia mais sentido do que acreditar que tinham vindo de Bastiano. Porém, o coração de Sophie sabia quem era o admirador dela; cada flor era como um beijo doce em sua alma.

– Elas precisam de água – disse Anya. – Eu posso fazer isso. Você pode buscar o buquê antes de ir embora.

– Obrigada – agradeceu Sophie, embora estivesse relutante em deixar o buquê. Ela selecionou uma das rosas e a prendeu no coque desarrumado.

Ah, o vigésimo andar nunca tinha visto uma camareira tão sorridente. Mesmo que as flores não fossem de Bastiano, era bom simplesmente saber

que alguém havia se lembrado dela.

– Benita está procurando por você – disse Laura. – Ela quer conversar na sala dos funcionários.

O medo de ser despedida acompanhou Sophie no elevador até o térreo. Mas se consolou com o fato de que já haviam se passado vários meses.

Três meses, na verdade.

E Sophie sabia que Bastiano tinha se hospedado algumas vezes no Grande Lucia desde então, mas nunca quando ela estava trabalhando. Infelizmente ela não ficava de olho na lista de hóspedes, e acabava descobrindo essas coisas tarde demais.

Se o pior tivesse que acontecer, ele já teria acontecido, pensou Sophie.

Ao abrir a porta da sala dos funcionários, as mãos dela estavam um pouco suadas.

– *Buon Compleanno!*

Todos gritaram feliz aniversário para ela, e havia inclusive um bolo com velas e refrigerante.

– Seu *chef* favorito preparou para você – disse Benita. – Ele pediu para o avisarmos com antecedência no ano que vem. Deveria ter nos contado!

O *chef* havia preparado uma *torta setteveli* para ela, também conhecido como Bolo dos Sete Véus. Camadas de mousse de chocolate, avelã, pralina e creme, com cobertura de chocolate.

Era a última coisa que esperava. Ver os amigos reunidos para lhe desejar feliz aniversário significava o mundo para ela, e Sophie agradeceu aos céus pelo dia em que conseguiu aquele emprego no Grande Lucia.

O bolo parecia feito de seda de chocolate, com um gostinho de sua terra natal.

– Para falar a verdade, este é o melhor bolo que eu já provei.

– Não coma demais – provocou Benita, cutucando a cintura de Sophie. – Senão vai precisar de novos uniformes.

Sophie riu; o bolo estava tão delicioso que nada a impediria de comer uma segunda fatia. Logo os funcionários reunidos foram voltando aos seus afazeres, e o resto do bolo foi guardado na geladeira para ela levar embora.

O resto do turno passou voando. As flores e o bolo elevaram os ânimos dela, mas a volta para casa iria ter que esperar, pois quase ao fim da noite

Benita a chamou.

– Sophie, um hóspede importante está para chegar. Você pode trabalhar mais uma hora?

– Claro.

Horas extras eram sempre bem-vindas, ainda mais quando Benita se dava o trabalho de perguntar a disponibilidade dela.

As duas correram para a suíte presidencial, que estava arrumada, mas ainda precisava dos toques finais que um hóspede importante exigia.

Era difícil estar ali, mas Sophie deu o melhor de si para fingir que aquele era um quarto como outro qualquer, e não o lugar em que passara um dia mágico com Bastiano.

– Por que esses ricos avisam em cima da hora? – perguntou Sophie quando as flores e o champanhe chegaram ao quarto.

– Porque não precisam; sabem que nós vamos sempre estar a postos – disse Benita enquanto arrumava os lençóis de seda da cama. – Mas não é uma estrela do rock que vai se hospedar esta noite aqui, é o *signor* Conti, o futuro...

– Ela se interrompeu, pois a notícia ainda não havia sido confirmada.

Sophie amassou o lençol que segurava quando Benita deixou escapar que Bastiano não só estava chegando naquela noite, como também ia ser o novo dono do hotel.

– Eu não deveria ter dito isto – admitiu Benita.

– Tudo bem, eu não vou contar para ninguém.

– Por favor. Alim quer deixar para fazer o anúncio formal para os funcionários depois que o contrato for assinado. – Benita suspirou longamente. – Eu realmente gostaria que o outro tivesse comprado o hotel. Conti não me parece uma boa pessoa.

– Por quê? – Sophie geralmente concordava com tudo o que Benita dizia, mas desta vez o sangue lhe subiu à cabeça. Estava cansada de ouvir as pessoas falando mal de Bastiano. – Duvido que ele tenha se tornado bilionário por acidente. Acho que o Grande Lucia vai ter muita sorte em ter um dono astuto como o *signor* Conti.

Benita ergueu uma sobrancelha quando Sophie saiu em defesa dele, mas decidiu não falar nada sobre o suposto novo chefe!

– O quarto está perfeito – disse Sophie, corando um pouco depois de mostrar sua opinião para a supervisora.

Ela colocou um pedaço de papel sobre a cama dele, informando a previsão de tempo para o dia seguinte. Ela queria acrescentar um coraçãozinho.

Benita fechou as cortinas, de forma que a única coisa que o estimado hóspede precisaria fazer ao chegar seria arrancar as roupas e cair na cama suntuosa. Parecia uma pena bloquear a vista, mas era assim que as coisas eram feitas no hotel. Antes de diminuir as luzes e marcar o quarto na planilha de serviços, Benita deu uma última olhada em tudo antes de sair.

Sophie ficou ali parada, com o coração a mil por hora, sem saber ao certo o que fazer.

Ah, ela queria muito falar com ele; só precisava descobrir antes se estava encrencada. Mais do que isso, precisava vê-lo novamente.

De repente, Sophie descobriu o que poderia fazer para que Bastiano soubesse que estava pensando nele. Foi até as janelas e abriu as cortinas, lembrando-se do momento em que seu coração o havia descoberto.

Não a figura de quem todos tinham medo, mas o homem que fizera o coração dela derreter com um sorriso. Ela olhou para Roma e lembrou o sorriso dele.

– O que estava fazendo? – perguntou Benita quando Sophie finalmente saiu do quarto.

– Estava verificando se deixei o papel com a previsão do clima de amanhã. Está tudo perfeito.

– Já pode ir para casa, Sophie. Quando é o seu próximo turno?

– De manhã, às 6h.

– Bom, então vá descansar.

Sophie caminhou lentamente pelo corredor e, em vez de pegar o elevador e ir até o subsolo, desceu no saguão. O que esperava encontrar ali, ela não sabia.

Bastiano, talvez? Mas ele ainda não tinha chegado.

Benita já havia informado que no dia seguinte teria de trabalhar no saguão. Certamente, ela não iria até as suítes presidenciais.

Sophie precisava falar com ele.

Mas como?

Um telefonema? Alguém poderia reconhecer a voz dela na recepção; talvez ele nem atendesse a ligação.

Ao chegar ao saguão, pensou em ficar por ali e esperar pela chegada dele.

– Sophie? O que faz por aqui? – Inga a fez parar.

– Acho que eu derrubei o meu caderninho...

Nesse instante, ela se decidiu e foi em direção aos elevadores.

Era errado; podia muito bem ser despedida pelo que estava prestes a fazer. O coração dela disparou ao apertar o botão que a levaria até o andar de onde havia acabado de sair.

Ele poderia estar acompanhado de uma mulher, ou de um amigo, pensou Sophie em pânico. O mordomo iria estar na área, além dos carregadores e mensageiros. Um milhão de coisas poderiam dar errado, mas ela simplesmente precisava conversar com ele e agradecê-lo pelas lindas rosas.

Se Bastiano era mesmo o novo dono, ela provavelmente iria perder o emprego. Assim, entrou na suíte.

As luzes estavam baixas, e havia uma música suave tocando para recebê-lo.

Ela não tocou em nada.

Sentou-se ao lado de uma escrivaninha e esperou enquanto o tempo passava, até que finalmente ouviu vozes.

Vozes!

Levantou-se e foi para uma pequena alcova onde os funcionários dificilmente iam.

Sophie ficou no escuro, escutando o coração bater depressa. Ela percebeu a tolice das próprias ações e começou a antever a ira dele... Mas também estava animada porque iria finalmente revê-lo.

– Eu não trouxe bagagem... – Ela ouviu a voz grave dele dizendo ao mordomo que não havia nada para desembalar e arrumar. E depois, de forma tensa: – Sei fazer o meu próprio drinque!

BASTIANO SÓ queria que aquele homem fosse embora.

O mordomo fechou a porta, e o silêncio finalmente reinou.

O que diabos ele fazia ali?

Por que estava fazendo uma oferta por um hotel que ele nem queria comprar, só para provocar Raul?

Raul também não queria o hotel.

Ele havia feito uma visita a Bastiano algum tempo atrás. De início Bastiano achara que ele estava ali para discutir sobre o hotel.

Mas, em vez disso, Raul pediu o endereço de Lydia.

O preço de Bastiano?

Que Raul devolvesse o anel da mãe dele.

Naquela manhã, um pacote chegou para ele no instante em que havia acabado de conversar com um florista sobre a surpresa para o aniversário de Sophie.

Agora, depois de tantos anos, ele finalmente tinha o anel da mãe em mãos. Lembrou-se de quando Maria o provou e o ergueu contra a luz.

Mas a memória não era amiga dele.

O anel fazia ressurgir lembranças que há muito tempo ele enterrara.

– Devolva-me o anel, Maria.

Ele podia ouvir a voz de sua versão mais jovem tentando manter a calma enquanto ela tomava o anel da mãe dele para si.

Algumas horas depois, ainda usando o anel, ela morreu.

Bastiano colocou-o sobre a mesa brilhante, pois segurá-lo reavivava lembranças negras e poeirentas que ele preferia nunca perturbar.

Levantou-se e se serviu de conhaque. Olhando para a suíte, lembrou-se da última vez que tinha estado ali, de quando descobrira sobre Raul e Lydia pelo jornal. Mas então voltou mais algumas horas no tempo, para a felicidade do dia que passara longe do mundo, e as lembranças eram tão nítidas que por um instante pôde sentir o cheiro de Sophie.

Ele podia jurar que sim.

Bastiano se perguntou se Sophie tinha arrumado a suíte antes de sua chegada; ao preencher o pedido do café da manhã, ele se perguntou se ela iria vir entregá-lo.

Era o que esperava.

Então ouviu um ruído.

A intenção dela era chamá-lo ou sair dali de dentro, mas agora estava paralisada no escuro, aterrorizada pela situação em que se metera.

– Sophie?

Agora ela sabia que precisava se revelar.

– Eu não sabia mais o que fazer para ver você... – disse ela ao sair das sombras e caminhar na direção dele.

A presença de Sophie era suficiente para Bastiano saber que ela era o verdadeiro motivo para ele estar ali. Era o motivo pelo qual o contrato ainda não tinha sido assinado: enquanto mandasse os advogados verificarem isso ou aquilo, sempre teria uma chance de revê-la.

– Se queria me ver, era só ter voltado na manhã seguinte – disse Bastiano.

– Fiquei com medo de perder o meu emprego! – Seu tom de voz estava elevado. Havia medo misturado com desejo nele, sim, pois os meses que se passaram tinham obscurecido a lembrança do poder dele. – Você não me contou que estava pensando em comprar o hotel. Por que mentiu?

– Eu nunca menti.

– Mentiu, sim. – Ela apontou o dedo para ele. – Eu jamais teria dito as coisas que contei para você se...

– E eu sabia disso – respondeu Bastiano prontamente. – Queria que me tratasse de igual para igual.

– Mas nós não somos iguais. – Ela chegou bem perto do rosto dele, e toda a raiva e a dor que haviam se acumulado nos últimos meses explodiu. – Você é rico e eu sou uma empregada, como nós poderíamos ser iguais...?

– Você sabe que somos. – Ele também estava quase gritando. – Aqui, nós somos.

Sophie sentia os meses de negação e frustração, e naquele instante absolutamente odiou a beleza dele, que conseguia hipnotizá-la por completo. Em contrapartida, odiava a fresta em sua armadura que não o deixava esquecer-la.

Ele a beijou com força, e ela lutou consigo mesma para não retribuir.

– O que vai acontecer quando você for o novo dono? – perguntou ela. – Meu trabalho é tudo para mim...

– Eu não vou comprar o hotel. – Ele roubou mais alguns beijos, e quando ela se afastou, ele simplesmente a beijou de novo.

– Então o que veio fazer aqui?

Em vez de dizer, ele permitiu que sua boca mostrasse.

Aquele dia tinha sido um inferno, e ele estava louco para relaxar. Seus dentes se chocaram quando suas bocas se encontraram mais uma vez, e a

língua dele brincou com a fúria dela quando Sophie retribuiu o beijo ardente.

Sophie ouviu os botões voarem quando ele puxou o uniforme dela; e murmurava conforme sentia o gosto familiar dele.

– Agora nós somos iguais – disse ele enquanto removia muito deliberadamente o uniforme dela, deslizando-o pelos braços e a cintura até formar um montinho no chão.

– Não.

Ele era um homem rico de terno caro, e ela vestia apenas a roupa íntima sem graça. Porém, logo terminou de despi-la.

Virou-a e a colocou contra a parede, seu terno prensando a pele nua dela.

Sophie fechou os olhos e saboreou o aroma dele, lembrando do desejo silencioso de ver aquele homem menos contido. O som do zíper e da respiração ansiosa dele transformaram a raiva dela em desejo, e desta vez foi Sophie quem segurou a cabeça dele, beijando-o com força enquanto colocava as pernas ao redor da cintura de Bastiano.

– Nunca me decepcione – implorou ela. As palavras dela não eram um exagero. Mesmo enquanto a possuía e a consumia, Sophie sabia que estava se expondo para a dor, que no dia seguinte a abstinência iria recomeçar.

Ele colocou uma das mãos na parede enquanto agarrava as nádegas dela com a outra. Era tão intenso quanto o desejo dela queria que fosse. Ela não compreendia como a mulher que há pouco tremia escondida no escuro agora se contorcia nua junto a ele.

Agora eles eram iguais.

Tanto no desejo quando na luxúria.

– Eu pensei em você... – disse ele. Era irrelevante se ela acreditava ou não, pois as palavras a afetaram de qualquer jeito.

– Vai fazer com que eu seja despedida – sussurrou Sophie quando seus corpos começaram a relaxar. Lentamente, ele a colocou no chão.

– Nunca – disse Bastiano. – Você deveria estar trabalhando?

– Não, só de manhã.

– Que bom. Nós temos a noite inteira.

CAPÍTULO 8

– VOCÊ PREPAROU a minha suíte – disse Bastiano quando foram para o quarto principal e ele se deparou com a vista maravilhosa de Roma.

– Sim.

Sophie não se sentia em desvantagem por só ela estar nua, pois pôde ir direto para a cama e assisti-lo se despir.

– Queria que você se lembrasse de mim quando entrasse no quarto.

– Eu não preciso de uma vista para me lembrar de você. – Era indubitavelmente a coisa mais romântica que Bastiano já tinha dito, mas ele aparentemente não percebeu a importância daquelas palavras. Sophie ficou pensando na sinceridade dele enquanto o esperava tomar uma ducha rápida.

– Você recebeu as minhas flores. – Ele viu a rosa pequenina no cabelo dela. Por mais lindas que as flores fossem, porém, Sophie não o deixaria em paz tão facilmente.

– Três meses depois.

– Foi você que desapareceu – apontou Bastiano, enquanto se secava.

– E você se esqueceu de dizer que estava pensando em comprar o hotel. Consegue imaginar o que senti quando descobri?

– Eu ia contar antes de você sair para trabalhar.

– Estava com medo de perder o meu emprego, e fiquei pensando em tudo o que contei para você.

– Sophie, eu não estava tomando notas. – Ele deitou na cama, e seu cheiro de banho tomado era divino. – Não estava pensando no hotel, eu só... – Foi a

vez dele de ficar em silêncio e relembrar-se propriamente daquele dia perfeito.

– Achei que você ia ficar mais uma noite – disse ela. – Sua reserva era até segunda-feira.

– Eu estava com raiva – admitiu ele. – Descobri que... – Bastiano balançou a cabeça. Ele não queria comentar a rixa com Raul.

Estava cansado disso.

Mas Sophie já sabia o motivo de ele ter ido embora.

– Você descobriu sobre Raul e Lydia.

Ele olhou para ela, abrindo lentamente um sorriso.

– Você não deixa passar nada.

– Com a formação certa, eu governaria o mundo. – Sophie sorriu e contou como ficou sabendo.

Eles se deitaram juntos, e ele a puxou para mais perto e colocou a cabeça dela na curva de seu braço, onde ela adorava ficar.

– Raul e eu não nós falávamos há 15 anos. Achei que ele queria discutir sobre o hotel, mas queria descobrir onde Lydia mora.

– E você contou?

– Por um preço – disse Bastiano, pensando no anel.

– Por que se odeiam tanto?

– Nós sempre nos odiamos. Nossas famílias são rivais.

Era a versão mais fácil da história. Aquela era uma conversa muito complexa para dois estranhos, mas mesmo assim eles ficaram apreciando a vista, Sophie com a cabeça aninhada na curva do braço dele. Aquilo era mais do que um encontro casual, Bastiano sabia.

Sophie chegara sem aviso. Entrara no palco da vida dele, mas havia muitos escombros por ali, muitos danos, e ele não sabia como arrumar tudo.

– Nós costumávamos ser amigos – admitiu ele, por fim. – Nossas famílias não gostavam disso, mas não ligávamos, e na adolescência achávamos que podíamos conquistar o mundo. Então Raul foi para a universidade.

– E o que você fez?

– Eu trabalhava no bar do meu tio. – Não havia motivos para enfeitar as coisas. – Depois que ele partiu, eu dormi com a mãe dele. – Bastiano esperou que ela erguesse as sobrancelhas ou virasse o rosto, mas nada disso aconteceu.

– Nós tivemos um caso, e logo depois que todos descobriram, ela morreu em um acidente de carro.

– Quantos anos tinha?

– Dezessete. Mas eu não era exatamente um inocente. Até tentei persuadi-la a deixar o marido e fugir comigo, mas ela se recusou. Raul acredita que eu a matei.

– Era você que estava dirigindo?

Ele franziu o cenho.

– Não.

– Bem, então, como isso poderia ter sido culpa sua?

– O marido dela descobriu sobre nós.

– Quantos anos essa mulher tinha?

– Trinta e quatro – disse Bastiano. Ele achava que ela estava mais próxima da casa dos 40 na ocasião, mas não era muito mais velha do que ele era agora.

Sophie franziu os lábios.

– *Poutana*.

– Ei! – Ele partiu em defesa de Maria, como sempre fazia. – Nós estávamos... – Bastiano refreou-se tarde demais, pois Sophie sabia o que ele estava prestes a dizer.

– Apaixonados? – desdenhou ela, balançando a cabeça. – Isso não é amor.

– Como sabe?

– Eu sei o que não é o amor – respondeu Sophie com calma. – Eu fugi de casa porque, apesar da minha inexperiência no assunto, acreditava que o amor deveria fazer você sorrir.

– Talvez. Se viver em uma propaganda de margarina.

– Então, se era amor, por que ela não deixou o marido?

– Ela era muito religiosa – disse Bastiano. – Quando Maria era mais nova, ela queria ser freira.

Sophie bufou.

– Então por que não se tornou uma?

– Por que aos 16 anos ela engravidou de Raul.

Bastiano desligou as luzes. Não estava irritado com a avaliação mordaz de Maria, muito pelo contrário. Na verdade estava tocado por alguém tê-lo defendido, apesar das evidências incriminadoras.

Eles ficaram em silêncio, mas o sono não veio.

Era difícil falar daquela época, mas também era difícil ouvir.

– Foi com Raul que você brigou? – perguntou ela.

– Depois do funeral. Essa foi a parte fácil. No dia seguinte nós descobrimos que ela havia deixado um dinheiro de herança, para ser dividido entre eu e ele. Raul acha que eu sabia que Maria tinha esse dinheiro...

– E você sabia?

– Não. Raul disse que iria me fazer pagar, que eu nunca seria ninguém sem o dinheiro dela.

– Então ela deixou dinheiro suficiente para você comprar o Grande Lucia?

– Não. – Ele riu diante daquilo. – Eu comprei um prédio em ruínas... – Ele se lembrou do velho convento. – Não havia estradas que levavam até ele, e nem muitos turistas, e eu o comprei por quase nada. Depois disso, comprei vários outros.

– Você poderia ter gastado esse dinheiro. Mas em vez disso, olhe tudo o que conseguiu.

Ela não sabia a extensão da riqueza dele, apenas que podia comprar um hotel, o que indicava o quanto Bastiano havia conquistado com o dinheiro que achava que não tinha merecido.

Na mente de Sophie, ele merecia cada centavo.

– Mês passado – disse Sophie para a escuridão. – Quando eu liguei para casa, meu irmão contou que Luigi agora começou a beber.

Bastiano não disse nada.

– Aparentemente, a culpa é minha. – Ela se virou e viu que ele estava de olhos abertos, mas não olhava para ela. – Como eu disse para o meu irmão, acho que esse é um problema que já existia antes que eles pudessem me culpar.

– Você certamente sabe se impor. – Ele olhou para Sophie, que praticamente pôde ouvi-lo sorrir. – Sempre foi assim, durona?

– Tive que aprender a ser assim. E rápido. Tenho cinco irmãos, e todos ficariam perfeitamente felizes em fazer com que eu cuidasse deles. Eu só cuido de mim mesma, a menos que seja paga.

BASTIANO DORMIU, mas Sophie continuou acordada, atormentada pelas próprias palavras sobre o amor.

Ele a fazia sorrir. E não como em um comercial de margarina.

Só as lembranças dele e dos dois juntos haviam feito Sophie sorrir nos últimos três meses mais do que em toda a sua vida.

E o mundo girava mais depressa quando os dois estavam na cama, pois quando Sophie pegou um copo de água, pôde ver o contorno do Coliseu pela janela.

Quando voltou para a cama, ele a puxou para mais perto, e ela descansou a cabeça sobre o peito dele e observou a manhã chegar.

Não havia motivos para ela não mover o lençol, não havia motivos para timidez. Assim, deslizou a mão para baixo, e sentiu ele crescer entre os seus dedos.

Ela não fazia ideia do que estava fazendo, mas era como se ele estivesse acordando para cumprimentá-la. Sentiu o calor na palma da mão antes de beijar só a pontinha, antes de ajoelhar-se e correr a língua pela lateral dele, fazendo com que crescesse ainda mais, alcançando o comprimento do rosto dela.

Bastiano tirou o cabelo dela do rosto, enrolando-o em sua mão.

Geralmente ele preferia uma cortina de cabelo, mas com Sophie ele gostava de assistir o maxilar dela se estender e os movimentos da língua. Gostava de assistir quando ela cerrava os olhos, e quando os dois se perdiam no esquecimento do prazer, alheios ao mundo que acordava.

Tão alheios que não ouviram a porta principal sendo aberta.

Bastiano gemendo o nome dela, isso não passou batido.

– Sophie...

Uma das mãos dele acariciava as nádegas dela enquanto a outra segurava a cabeça dela pelo cabelo. Sophie estava perdida no tempo quando ele atingiu o clímax em sua boca.

E Inga estava parada ali, dominada pela inveja enquanto olhava para o uniforme de Sophie no chão do quarto.

Sophie, sempre tão doce e sorridente, sempre condenando Inga.

Com o futuro chefe: Bastiano Conti.

Ah, os dois não tinham terminado ainda, e não perceberam a presença dela na suíte. Quando os olhos de Inga pousaram em um anel, ela soube exatamente como iria punir Sophie pela hipocrisia.

Colocou o anel no bolso do uniforme de Sophie e silenciosamente empurrou o carrinho de volta para o corredor. Então, com uma caneta, mudou a ordem do pedido dele para sete.

– Ei. – Inga voltou para a cozinha com o carrinho. – O café da manhã do *signor* Conti é só para daqui uma hora. Ainda bem que eu percebi.

Ainda bem.

Não para todo mundo.

Quero ver você explicar isso, Sophie!

CAPÍTULO 9

– EU VOU me atrasar – disse Sophie enquanto os dois tomavam banho juntos.

– Não vá trabalhar hoje.

– Eu não teria problemas se você fosse o novo chefe... – Ela riu. – Não, eu vou trabalhar, mas não ficar com peso na consciência nos dias de folga.

– Mas, desta vez, você vai voltar – avisou ele, abraçando-a. – Hoje vamos sair, para algum lugar bacana.

Sophie então franziu o cenho, pois seu dilema era um dos mais clássicos: não tinha nada adequado para vestir em um encontro com Bastiano Conti. Por sorte, ele pressentiu a preocupação dela.

– Pode deixar que eu cuido de tudo.

QUANDO SOPHIE saiu, Bastiano começou a planejar a noite deles.

Mais do que isso: estava pensado em levá-la para a casa dele de avião.

Ele nunca tinha sentido vontade de levar ninguém para o velho convento, mas depois de ter contado sua história para ela, depois de saber que estava do lado dele, pela primeira vez sentia vontade de explorar o passado...

Ao lado dela.

Bastiano fora criado para não se importar com mais ninguém além de si mesmo, mas agora sabia por que havia voltado para Roma.

Sophie.

Talvez o fato de ter recuperado o anel da mãe fosse um sinal de que as coisas estavam começando a mudar. Pela primeira vez na vida, acreditava que talvez, apenas talvez, a vida tinha lhe reservado algo além de uma chance de se vingar.

Bastiano caminhou até a mesa em que pusera o anel na noite passada, mas o anel não estava mais lá.

Ele conseguia se lembrar exatamente do instante em que o havia posto ali, pois fora no instante em que sentira que Sophie estava por perto.

E tentou se lembrar se ela o vira com ele.

Olhou debaixo da mesa.

O quarto estava imaculado, diferentemente da última vez em que estivera ali, e depois de alguns minutos de busca ficou claro que o anel havia sumido.

Lembrou-se da expressão dela ao dizer que iam sair naquela noite.

Talvez Sophie tivesse decidido que precisava comprar algo para vestir.

Se tivesse tirado algumas notas da carteira dele, Bastiano não teria se importado. Mas ele havia acabado de recuperar o anel da mãe.

Bastiano ainda estava procurando pelos cantos enquanto se vestia, repassando os detalhes da noite anterior. Nem se deu o trabalho de colocar a camisa para dentro da calça antes de sair do quarto.

E foi assim que ela o encontrou.

Sophie havia acabado de voltar da reunião dos funcionários. Iria ficar no saguão naquele turno, certificando-se de que tudo estivesse brilhando, inclusive a porta giratória de bronze.

Não era a tarefa favorita dela, mas estava tão feliz naquele dia que poderia trabalhar em qualquer lugar.

Sophie sabia que eles haviam compartilhado algo muito importante na noite anterior.

Mas aquele não era o Bastiano que ela conhecia.

Ela só conhecia duas versões dele: vestido imaculadamente ou deliciosamente nu.

Agora ele estava desalinhado, com as roupas amassadas e sem os sapatos.

– Sophie...

O cabelo estava bagunçado e a barba por fazer, no entanto o mais desconcertante era a impaciência dele, pois ela pôde senti-la quando Bastiano

se aproximou.

– Podemos conversar?

– Eu não posso. – Ela sorriu e tentou tratá-lo como qualquer outro hóspede. – Bastiano, não aqui...

– Sim, aqui! – A voz dele estava baixa, mas seu tom fez Ronaldo e alguns hóspedes olharem para eles. – Você está com algo que me pertence?

– Bastiano... – Ela estava nervosa. Os olhos dele ardiam em fúria, e os lábios formavam uma linha tensa. – Eu não sei do que está falando.

– Apenas me devolva, e nós não falaremos mais no assunto.

Sim, ele compreendia que ela provavelmente achava que merecia alguma coisa depois de duas noites na cama de um homem rico, mas, caramba, *não aquele anel!*

– Algum problema?

Inga estava se aproximando. Sophie forçou-se a respirar para falar.

– Não, nenhum problema.

– Sophie... – Bastiano estava lívido, até sua cicatriz parecia pular no rosto dele, mas mesmo assim ele esperou até que Inga fosse embora. – Devolva o meu anel.

– Eu não sei do que está falando, Bastiano – disse Sophie. Podemos conversar depois que o meu turno terminar?

Inga então voltou, agora trazendo consigo Benita.

– Posso ajudar, *signor* Conti?

– Não é nada – disse Bastiano, fazendo o possível para controlar a raiva. Aquele era o trabalho dela, afinal de contas.

Mas as coisas já tinham saído do controle.

– O *signor* Conti está suspeitando que Sophie pegou o anel dele – disse Inga.

– Tenho certeza de que tudo não passa de um mal-entendido. – Benita sorriu. – Você o derrubou? – Ela olhou para o chão. – Alguém pode tê-lo entregado na recepção.

– Não, eu não o *derrubei* – respondeu secamente Bastiano, com os olhos fixos em Sophie. – Eu vou voltar para a minha suíte e procurar mais uma vez, tenho certeza de que está lá.

– Quando Sophie preparou a sua suíte – respondeu Benita pacientemente.
– O senhor ainda não havia chegado ao hotel... – Ela parou de falar ao reparar o rubor nas bochechas de Sophie e que Bastiano havia acabado de sair da cama. Quando a ficha caiu, Benita piscou aturdidamente.

Todos já deviam estar sabendo, mas Sophie sabia que Benita esperava mais dela.

– Você poderia vir até o meu escritório, Sophie? – Benita sorriu para Bastiano. – Eu quero resolver este assunto.

Ocasionalmente funcionários eram flagrados roubando, e ela sabia muito bem o que acontecia nesses casos.

– Vou ter que vasculhar o seu armário na sua presença – disse Benita. – Esta é uma acusação muito séria, embora eu não acredite que seja verdadeira. Você esteve com o *signor* Conti desde que ele fez o check-in?

– Eu não peguei o anel dele.

– Não foi isso que eu perguntei – disse Benita, embora a vermelhidão das bochechas de Sophie respondesse por ela. – Então você não vai se importar se eu olhar o seu armário. E se eu não tenho motivos para me preocupar, imagino que não se importaria em me mostrar os seus bolsos.

Bastiano decidiu resolver a situação por conta própria. Embora não tivesse intenção de comprar o hotel, Benita ainda não sabia disso. Assim, entrou no escritório pronto para assumir o controle do problema, e bem a tempo de ver Sophie tirar do bolso o anel da mãe dele.

– Não sei como isto veio parar aqui... – Ela balançou a cabeça, e então virou-se para ele. – Não fui eu.

– Está dizendo que nunca viu esse anel antes? – insistiu Benita, embora seu tom dissesse que as evidências eram claras.

– Sim – disse Sophie. – Eu nunca... – Então ela parou, pois dizer que nunca havia visto aquele anel seria mentira. Na noite anterior, quando estava escondida no escuro, vira Bastiano encarar aquela joia por um bom tempo.

E ele sabia disso.

Ela se virou para ele, seus olhos implorando para que acreditasse nela.

Bastiano não disse nada.

Não estava nem desapontado com ela.

Ele estava desapontado com *eles*, pois por um instante começara a acreditar na possibilidade dos dois juntos.

– Você pode esperar lá fora, Sophie? – disse Benita, com a voz fria como gelo.

Sophie o fez.

Ela se encostou na parede e escutou pedaços da conversa; ouviu Bastiano mencionar a polícia, e sabia que Benita perguntaria se ele queria prestar queixas.

– Não – disse Bastiano, vendo que Benita estava decidida a tomar tal medida. – O anel não vale o problema que isso me causaria. Eu já o recuperei. – A cabeça dele latejava; queria sumir dali. – E não é preciso despedir Sophie. Isso foi só um...

– *Signor* Conti, nós dois sabemos que eu tenho mais do que um motivo para despedir Sophie. – Ela sorriu mecanicamente. – O senhor possui vários estabelecimentos, e está ciente de que qualquer tipo de relação entre uma funcionária e um hóspede é proibida. – Ela balançou a cabeça. – Eu vou lidar com Sophie, e também vou informar ao sultão Salim...

– Isso não será necessário.

Mas Benita não estava brava apenas com Sophie. Estava irritada com o estimado hóspede pelo caos que a libido dele causara.

– Diferentemente de Sophie – respondeu Benita secamente. – Eu valorizo o meu emprego e vou resolver as coisas seguindo as regras. Acredito que o senhor entenda a minha postura como a encarregada pelos funcionários.

– É claro.

Sophie ainda estava encostada na parede quando Bastiano saiu, lívida, mas mesmo assim ela o encarou nos olhos.

– Se você precisava de dinheiro, deveria ter me dito...

Sophie sentiu-se ferida.

Profundamente.

– Eu nunca o procurei por causa de dinheiro, Bastiano – disse ela, mas ele começou a ir embora, e isso a enfureceu. – Foi mais do que isso, você sabe.

– Por favor... – Ele fez um gesto com a mão no ar, dispensando-a.

– Então por que me mandou flores no meu aniversário?

Bastiano parou e virou-se para ela.

Ela nunca tinha visto ele daquele jeito. Até agora.

– Seu aniversário? – Ele franziu o cenho. – Quem falou alguma coisa sobre o seu aniversário? Eu enviei flores para que soubesse que eu estava no hotel, e para que me procurasse. E foi o que você fez.

Bastiano esperou por um tapa raivoso, ou para que Sophie dissesse que ele estava sendo o cretino que todos afirmaram que era.

Porém as palavras dela doeram ainda mais.

– Eu não acredito em você – disse Sophie. – Você não é assim.

Benita interveio.

– Eu assumo daqui em diante, *signor* Conti.

Ela esperou até ele ir embora, e então virou-se para Sophie.

– O *signor* Conti não quer envolver a polícia, mas eu não tenho escolha senão despedir você.

A decepção de Benita era a pior parte.

– Eu não roubei aquele anel.

– Sophie, então por que ele acha que você fez isso? Nós arrumamos o quarto e fomos embora juntas, muito antes de ele chegar.

Ela não soube responder.

– Nunca imaginei que você seria capaz disso. Com qualquer hóspede isso já seria ruim, mas ele é o novo dono do hotel.

– Eu não sabia disso na primeira vez que...

– Então foram várias vezes? – Benita balançou a cabeça. – Por favor.

Aquela manhã estava indo de mal a pior.

Ela foi obrigada a entregar o cartão magnético dos funcionários e o uniforme. Tudo o que havia no seu armário eram alguns shorts e uma blusinha. Depois de se vestir, ela o esvaziou.

– Você estava num bom emprego aqui – disse Benita. – Sabe como as notícias correm neste ramo. Vai ter dificuldades em encontrar trabalho em um bom hotel...

Era verdade.

Tudo o que Benita dizia era verdade.

Porém, por mais assustada que estivesse, não era isso que machucava Sophie.

Era o olhar que ele lhe lançara, o sorriso negro que dizia que não esperava nada de bom dela.

E não teve sequer chances de se defender.

Dario, o chefe da segurança, foi chamado para escoltá-la. Ela não pôde nem usar a entrada lateral... foi obrigada a sair pela porta da frente, para servir como um aviso para todos os outros funcionários.

E Bastiano viu tudo acontecer. Viu quando a equipe da recepção, o porteiro e as empregadas pararam o que estavam fazendo para assistir Sophie ir embora, de cabeça erguida.

– Sophie – chamou Anya. – Seu buquê...

E ela quase desabou.

Sophie olhou para as rosas perfeitas e lembrou-se da alegria em seu coração ao recebê-las, e então olhou para ele.

– Eu gostaria de nunca ter posto os olhos nele – disse, olhando dentro dos olhos dele.

– Digo o mesmo – sussurrou Bastiano, só para os olhos dela.

Enquanto voltava para a suíte, não pôde deixar de pensar que tudo em que tocava apodrecia. Lembrou-se de Sophie no dia em que haviam se conhecido, sorridente e alegre, e no quanto ela amava o emprego.

Agora, ela estava no olho da rua.

O anel parecia queimar a mão dele. Bastiano ouviu uma batida na porta no instante em que o guardou no bolso.

– Serviço de quarto.

Não do tipo que ele gostava.

Era Inga com o café da manhã. Ela ergueu a tampa da bandeja para servi-lo.

– Não.

– O senhor gostaria...?

– Fora! – rosnou ele, e quando a porta bateu viu que se tratava dos malditos ovos que pedira na noite anterior, enquanto secretamente esperava por ela.

Arremessou o prato, e os ovos escorreram pela parede.

Não, não havia nenhuma estrela do rock hospedada no Grande Lucia, mas foi o que os funcionários que vieram arrumar o quarto algumas horas depois pensaram.

CAPÍTULO 10

POR SORTE os colegas de apartamento estavam no trabalho quando Sophie chegou, de forma que ela pôde extravasar as lágrimas que segurava.

Ontem havia sido o melhor dia da vida dela.

Mas aquele era o pior.

Por três meses ela havia vivido sob o domínio do medo, sabendo que poderia perder o emprego a qualquer momento por causa do que acontecera entre Bastiano e ela. Mesmo assim, não estava preparada para passar por toda aquela humilhação dolorosa. E ainda nem sabia como o anel tinha ido parar em seu uniforme.

Havia sido tachada como ladra e como vadia, não só pelo chefe e os colegas de trabalho, mas também pelo próprio Bastiano. O pior fora aquele olhar, como se ele não esperasse nada melhor dela.

Aquele fora o primeiro vislumbre do homem que todos diziam que ele era, frio e impiedoso. Diferentemente do Bastiano que ela conhecia.

Depois de tirar aquela roupa e vestir uma camiseta de dormir, soltou o cabelo e sentiu algo preso neles.

Uma flor.

O cabo estava quebrado, mas de alguma forma as pétalas ainda permaneciam perfeitas.

Ao lembrar-se do que ele havia dito, que enviara as flores só para ela saber que ele estava hospedado no hotel, Sophie teve vontade de esmagar a flor e jogá-la no lixo, mas não teve forças.

Aquilo era tudo o que restara dos dois, o único lembrete tangível de um período da vida dela que havia chegado próximo da perfeição. Em vez de jogá-la fora, Sophie a colocou no meio das folhas de seu diário e o guardou debaixo do colchão. Era tudo o que podia fazer para tentar preservar sua frágil beleza.

AS COISAS não melhoraram no dia seguinte.

Na verdade, elas pioraram.

Benita estava certa: conseguir um emprego em um hotel do calibre do Grande Lucia mostrou-se um desafio quase impossível.

As ligações dela nunca eram atendidas, ou eles pediam que apresentasse um currículo e referências. Sophie sabia que precisava ir a uma biblioteca para usar o computador, mas até isso parecia assustador.

– Conseguiu alguma coisa? – perguntou Teresa, a colega de apartamento, quando Sophie voltou de mais um dia infrutífero em busca de trabalho.

– Não. Nem mesmo os cafés estão contratando.

O verão realmente tinha chegado ao fim.

– Alguém deixou um recado para você, uma mulher chamada Bernadetta. Pediu para ligar para ela. Talvez seja uma oportunidade de trabalho.

Bernadetta?

Sophie franziu o cenho ao ler a mensagem, e retornou a ligação. Bernadetta era a chefe de Gabi, e talvez soubesse de algum lugar que estivesse contratando.

Mas depois de dois minutos de conversa ela percebeu que sua esperança era em vão, e que Bernadetta estava ligando apenas por obrigação.

– O sultão Alim pediu para que eu entrasse em contato – explicou ela de maneira profissional. – Eu disse a ele que não tenho certeza se você é confiável o bastante para lidar com algo tão confidencial, mas ele insistiu.

– Eu não entendi.

– A *Matrimoni di Bernadetta* foi chamada para organizar o casamento dele.

– O casamento dele? Com quem ele vai se casar?

– Gabi. Ela só não sabe disso ainda.

Sophie agarrou o telefone, completamente perplexa.

– Gabi? – checkou ela, mas Bernadetta continuou.

– O casamento vai acontecer no sábado, no Grande Lucia. Como você é a amiga mais próxima de Gabi, o sultão quer você lá. Também precisa que se certifique de que ela esteja em casa no sábado, para atender ao telefone quando ele ligar.

– Ela não sabe de nada?

– É uma surpresa.

O coração de Sophie disparou. Gabi, a Gabi *dela*, estava prestes a ser pedida em casamento pelo sultão.

– Isso significa que Alim é o pai da filha dela?

Mas Bernadetta era irredutível.

– Acha que consegue segurá-la em casa no sábado de manhã?

– Eu farei o meu melhor – disse Sophie, sentindo a cabeça girar enquanto Bernadetta passava as instruções. Pelo visto, Alim havia pensando em tudo, inclusive providenciara para Sophie um vestido apropriado para um casamento real.

– Vá falar com Rosa. Ela está fazendo o vestido de Gabi, e vai fazer o seu também.

– Rosa? – Sophie engoliu em seco. Rosa era amiga dela, mas seus vestidos eram caros demais.

– Está tudo pago – praticamente sussurrou Bernadetta entre os dentes. – Avise-me se houver algum problema. E eu devo salientar novamente que Gabi não pode saber de nada.

– Tudo bem.

Aquela era uma das melhores notícias da vida dela, e não havia ninguém com quem compartilhá-la.

Primeiro ligou para Gabi que, depois de demonstrar seus sentimentos por Sophie ter perdido o emprego, perguntou se havia algo que pudesse fazer para ajudá-la.

– Você pode me ajudar a preparar um currículo? – perguntou Sophie. – Eu tentei, mas não sei como colocar margens.

– Claro. Venha aqui em casa.

– No sábado – disse Sophie, antes de acrescentar: – Eu tenho que ir ao médico às 9h, mas depois vou para a sua casa.

Não era uma mentira. Sophie precisava mesmo ir ao médico para pedir uma receita nova para seu anticoncepcional. Ela adoraria ser um pouco mais organizada; com um casamento da realeza no sábado, precisava muito das pílulas para evitar ficar menstruada naquele dia!

O casamento ia ser uma ótima distração para Sophie, levando em conta seus problemas, mas seu coração ficava cada vez mais pesado com o passar dos dias. Até mesmo para entrar em uma boutique exclusiva ela precisou forçar um sorriso.

– Este ficaria perfeito em você – disse Rosa ao segurar um vestido diminuto contra o corpo dela. Era de um cinza prateado maravilhoso, que a fez se lembrar dos olhos de Bastiano.

– Experimente – sugeriu Rosa. – E calce os sapatos, para vermos o efeito completo.

Sophie entrou em um trocador suntuoso, tirou a saia e a blusa e tentou colocar o vestido pela cabeça, antes de perceber que havia um zíper invisível.

– Pronto? – perguntou Rosa.

O vestido era incrível, com um caimento que dava a Sophie curvas que ela geralmente não tinha.

– Ele não é muito ousado para um casamento? – perguntou Sophie, preocupada.

– Sim, mas por isso eu separei uma echarpe de chiffon que vai ficar ótima com ele. Aliás, que número você calça?

Quando ficou sozinha, Sophie ergueu o cabelo para decidir se deveria usá-lo preso ou solto. Foi então que reparou na própria silhueta.

Ela estava com um busto.

Ah, não havia dúvidas de que Rosa fazia milagres com os tecidos, mas também não podia negar que seus seios pareciam um pouco maiores.

Era por causa da pílula, disse Sophie a si mesma.

– Aqui – falou Rosa. Sophie vestiu o tecido claro sobre os ombros antes de calçar os sapatos. – Você está linda. – Rosa sorriu. – Eu mal posso esperar para ver a expressão de Gabi quando ela descobrir tudo o que Alim preparou.

– Ele convidou muitas pessoas? – perguntou Sophie um pouco depois, ao experimentar pela primeira vez depois de muito tempo um conjunto de peças íntimas maravilhoso.

– Apenas familiares e amigos próximos.

Foi o primeiro indício de que Bastiano iria estar lá.

Enquanto Rosa embrulhava a calcinha prateada e o sutiã de renda em papel de seda, Sophie jurou que Bastiano jamais iria vê-los.

Mesmo assim, no dia do casamento, acordou pensando em fazer mais do que apenas ver Bastiano.

Durante o banho, tentou aplacar a ansiedade gerada pelo fato de sua menstruação estar atrasada. O estresse podia fazer isso, disse Sophie a si mesma. Pelo menos era o que ouvira das amigas.

Na consulta com o médico, tentou esclarecer essa dúvida. Mas o doutor apenas lhe entregou um potinho.

– Eu tomo a pílula todos os dias – disse Sophie ao voltar do banheiro com a amostra de urina, para o médico fazer o teste.

– Você a toma sempre no mesmo horário?

– Sim... – respondeu Sophie. Ela então engoliu em seco ao se lembrar da manhã em que havia sido despedida. – Talvez eu tenha me atrasado para tomá-la, um dia desses.

– Um dia desses? – O médico franziu o cenho. – Sophie, você está grávida.

– Acho que não. – Sophie balançou a cabeça. Ela estava ali para ouvir que não precisava se preocupar. – Não pode ser.

O medo de Sophie foi aumentando enquanto o médico a examinava.

– Eu diria que está de 12 semanas.

– Como eu não percebi antes? – Ela começou a chorar, mas o médico era muito mais gentil do que aquele da cidade dela, e explicou com calma que nem todas as mulheres apresentam sintomas.

– Algumas pessoas comentaram que meu uniforme parecia mais justo – disse Sophie. – Eu não dei muita atenção a isso.

Sophie saiu do consultório atordoada, como nunca havia se sentido antes.

Ela só sabia que precisava ir para a casa de Gabi.

– Oi. – Gabi sorriu, e ao ver os olhos inchados da amiga, acrescentou: – Você vai conseguir outro emprego.

– Eu amava aquele emprego – disse Sophie. Era mais fácil dizer isso do que a verdade, e Gabi logo começou a trabalhar no currículo dela.

– Você realmente precisa de referências – declarou Gabi. – Por que não coloca o meu nome? Eu posso dizer que me ajudou a organizar alguns casamentos.

– Isso não é bem verdade – suspirou Sophie.

Em pouco tempo Gabi entregou as cópias do currículo para Sophie. Mas a curiosidade levou a melhor, e ela acabou perguntando o que a amiga tinha ido fazer no quarto de Bastiano.

– Ah. – Sophie imediatamente entrou na defensiva. – Então agora você acha que eu roubei o anel?

– Claro que não!

– Eu jamais roubaria – disse Sophie. – E mesmo se roubasse, não seria um anelzinho de pérola e esmeralda. Seria um anel de diamantes.

Gabi riu, e no mesmo instante o telefone tocou. Sophie viu o rosto da amiga empalidecer, antes de Gabi pedir licença e ir para o quarto.

Deve ser Alim!

Alguns minutos depois Gabi voltou, declarando que estava com dor de cabeça.

– Do nada? – perguntou Sophie enquanto era levada até a porta.

Apesar de estar feliz pela amiga, também se sentia terrivelmente sozinha. Gabi estava se esforçando para ser uma boa mãe solteira, mas ainda tinha um emprego e sua mãe morava em Roma.

E agora ela também podia contar com Alim.

Sophie ficou imaginando como poderia ter esperanças, sendo que ela não tinha nada disso.

Não tinha nada além do orgulho siciliano. E naquele dia, até isso ia ser difícil de encontrar.

Mas Sophie tentou.

Ela se arrumou, colocando maquiagem mais por necessidade do que por escolha. Só um pouco, o suficiente para que nenhum convidado percebesse que havia chorado. E resolveu usar o cabelo solto, na esperança de que pudesse ocultar a vermelhidão no rosto dela ao entrar no hotel.

O vestido era um sonho, mas agora que Sophie sabia que estava grávida, isso parecia terrivelmente óbvio, pois seus seios estavam maiores e havia uma

curva sutil na altura de sua barriga. Sophie ficou feliz pela echarpe ocultar qualquer indício de que seu corpo estava mudando.

Assim, partiu para o Grande Lucia.

Ela resolveu fazer um mimo para si mesma e pegar um táxi. Quando chegou, Ronaldo se apressou para abrir a porta do passageiro.

– *Benvenuto...* – As boas-vindas calorosas de Ronaldo morreram quando ele percebeu quem saía do carro, e sua reação demonstrou todo o constrangimento da situação. – Sophie.

– Ronaldo.

Ela desceu do carro e levou um segundo para arrumar o vestido. Mas na verdade, estava tentando invocar coragem para entrar no hotel.

O saguão não lhe parecia mais um lugar familiar, pois em vez de ouvir o seu nome e ver os sorrisos e os acenos de sempre, todos os seus ex-colegas desviaram o olhar e fingiram estar ocupados.

Tudo isso ela podia aguentar, pensou Sophie ao parar do lado de fora do salão e informar seu nome.

A frieza, os olhares furtivos e os sussurros machucavam, mas era uma dor que ela podia suportar. O que o coração dela não conseguia aguentar, porém, era a sensação de que Bastiano estava presente.

Mesmo sem vê-lo, sabia que ele estava ali.

Podia sentir a corrente elétrica que atravessava seu corpo sempre que ele estava por perto, e podia sentir o olhar dele enquanto era acompanhada até o seu lugar.

Ele estava ali, Sophie tinha certeza absoluta.

SIM, BASTIANO estava presente.

Ele havia retirado a oferta pelo hotel e teria ficado muito feliz se nunca mais tivesse que colocar os pés ali, mas Alim era seu amigo.

Bastiano estava se acomodando em seu lugar para esperar a noiva, depois de ter desejado toda a sorte do mundo para o noivo curiosamente nervoso, quando Sophie apareceu.

Ela estava deslumbrante, pensou Bastiano.

Viu Sophie hesitar momentaneamente ao perceber que seu lugar era próximo ao dele.

– Sou amiga da noiva – alegou ela para a organizadora enquanto se aproximavam cada vez mais dele. – Eu deveria ficar do outro lado.

Mas aquele não era um casamento comum, e por isso teve que ficar ali mesmo, longe do lado em que a realeza estava concentrada.

– Nós, plebeus, ficamos sempre juntos – disse Sophie ao sentar-se ao lado de Bastiano, que esboçou um sorriso tenso.

– Por enquanto – respondeu ele, olhando para a frente, e não para ela.

Assim que a cerimônia terminasse ele iria encontrar outro lugar, decidiu Bastiano. Por hora teria que respirar o perfume de Sophie, que o deixava atordoado. Estava ciente de cada movimento involuntário dela, sentada extremamente imóvel ao lado dele.

Então as portas do salão se abriram, e todos se levantaram. Sophie virou-se para ver a amiga, mas tudo o que conseguia sentir era o olhar de Bastiano fixo em sua nuca.

– Você sabia de tudo! – disse Gabi apenas com os lábios ao avistar Sophie. Quando Alim beijou a pequena Lucia, Sophie deu o melhor de si para não desmoronar.

Ela queria contar para Bastiano sobre a gravidez, queria acreditar que ainda havia esperança para os dois.

Mas não havia.

Nunca houvera, e só agora ela se dava conta disso.

Queria ficar feliz pela amiga, mas ter que assistir o casamento ao lado do homem que havia estilhaçado seu coração e sua felicidade era um inferno particular. Algo demais para suportar.

Gabi e Alim estavam apaixonados, parecia claro para quem quisesse ver. O que amplificava ainda mais o desespero dela, ao lado de Bastiano.

– Quanto tempo ainda falta para terminar? – perguntou ele em certo ponto.

– Como eu vou saber? – respondeu Sophie. Ela praticamente pôde sentir a risada desanimada dele.

Foi uma verdadeira agonia.

Por fim, Gabi e Alim estavam finalmente casados.

Quando as cadeiras foram retiradas, os convidados tomaram seus lugares para a festa, e Sophie percebeu que havia sido posta ao lado dele.

Isso ela não iria suportar.

– Gabi... – Ela beijou e congratulou a amiga, tentando juntar todas as forças para dizer o que precisava dizer. Mas Gabi falou por ela.

– Você já vai?

– É que...

Ela se sentia enjoada.

Ah, talvez fosse coisa da cabeça dela por estar grávida, mas de repente começou a se sentir zozza e nauseada, e completamente deslocada.

– Eu compreendo, Sophie – disse Gabi, pois ouvira todos os rumores e não conseguia pensar em nada pior do que ser obrigada a se sentar ao lado da pessoa que tinha feito seu mundo desabar.

– Estou tão feliz por você – declarou Sophie. – De verdade. Eu não teria perdido seu casamento por nada no mundo.

Gabi pegou o cartão com o nome de Sophie sobre a mesa e escreveu alguma coisa nele.

– Este é o telefone pessoal de Alim. Coloque-o como referência.

– Eu não posso.

– Sim, Sophie, você pode.

– Só vou fazer isso se estiver desesperada.

Desesperada ela estava, mas não por causa do trabalho.

Ela queria ir até Bastiano e pedir clemência. Queria cutucar o ombro dele e dizer que não havia pegado aquele maldito anel. E queria contar o que descobrira algumas horas atrás.

Os olhos dela estudaram o salão e imediatamente o encontraram, falando com uma loura de pernas longas. Ou melhor, ela estava falando com ele, pois os olhos inquietos de Bastiano vasculhavam o salão em busca de Sophie.

Ela olhou para a recepção, onde Anya estava; elas teriam conversado, se Anya não estivesse evitando Sophie. Inga também se encontrava ali, polindo as portas de bronze e conversando com Ronaldo.

Todos a ignoravam.

Assim, Sophie foi embora. Querendo ou não, ela não pertencia mais àquele lugar.

E não apenas no casamento. Era hora de admitir que não havia mais nada para ela em Roma e que precisava voltar para casa.

O DESAPARECIMENTO dela não passou despercebido.

– Com licença – disse Bastiano para a loura.

Ele não fazia ideia de quem ela era, mas isso não era novidade.

A diferença era que naquela noite o anonimato não tinha nenhum charme.

Queria conversar com Sophie, saber como ela estava. Queria saber se estava tudo bem no mundo dela para poder esquecê-la sem peso na consciência.

Bastiano, sendo Bastiano, já sabia que eles tinham colocado um ao lado do outro. Porém, ao sentar-se, percebeu que o cartão com o nome dela havia sumido.

Ela deve ter pedido para mudar de lugar, decidiu Bastiano quando todos os outros lugares foram ocupados, menos aquele ao seu lado.

Porém, quando as luzes diminuíram, ficou evidente que ela não estava mais na festa.

– Onde está Sophie? – perguntou ele ao casal sorridente, depois de aturar pacientemente o jantar e os discursos intermináveis.

– Acho que ela não estava aguentando mais – disse Gabi, encarando Bastiano de frente. – Ser chamada de ladra pelos ex-colegas, ser o centro de fofocas tão dolorosas. Eu estou muito grata por ela ter aguentado até o fim da cerimônia.

Mais tarde, Bastiano não aguentou e foi conversar com Alim.

– Acho que vocês pegaram pesado demais com Sophie.

– Ah, então agora você é a favor de contratar ladrões? – disse Alim, mas então percebeu a preocupação do amigo. – Ela vai ficar bem.

– Ela não vai conseguir trabalho.

– Isso não é verdade. Acabei de saber que vou servir de referência para ela.

Com uma recomendação do sultão Alim de Zethlehan, ela iria ficar bem.

Bastiano agora podia relaxar e deixar para trás aquele incidente infeliz.

Só que ele não conseguia.

Havia um monte de convidadas lindas na festa, mas Bastiano acabou indo para a cama antes do noivo e da noiva.

SOZINHO.

Como sempre, ele acordou antes do sol.

– *Entra!* – chamou ele em italiano quando o café da manhã chegou às 6h em ponto, fechando os olhos para indicar que não queria conversar.

Algumas coisas nunca mudavam.

Outras, sim.

– Posso servir o senhor?

Ele se deparou com os olhos azuis-claros de Inga, a camareira de quem Sophie não gostava.

– Fora – ordenou, lutando para conter a raiva, pois ele ligara os pontos e descobrira o que havia acontecido.

Foi preciso menos de uma hora para provar que seu palpite estava certo.

Estava parado ao lado de Dario e Benita, assistindo a um vídeo das câmeras de segurança.

– Meu café da manhã é servido às 6h todas as manhãs. Menos naquela manhã.

– O senhor pediu que ele fosse servido às 7h – disse Benita, verificando a papelada.

– Não. – Ele tinha certeza.

O vídeo mostrava Inga, entrando na suíte dele bem na hora. E lá estava ela, dois minutos depois, saindo com o carrinho.

Sophie não era uma ladra.

O que mais desconcertava Bastiano, porém, era o fato de ter se importado a ponto de fazer justiça por sua camareira preferida.

– Ela vai ter o emprego de volta? – quis saber ele, mas Benita deu de ombros com pesar.

– Sophie não foi despedida apenas pelo roubo.

– Se o fato de se envolver com hóspedes é critério para despedir algum funcionário do Grande Lucia – disse Bastiano secamente. – Então a taxa de desemprego em Roma vai disparar. Você quer alguns nomes?

Benita fechou os olhos por um instante antes de responder.

– Não é necessário.

– Que bom! – retrucou Bastiano. – Então, você vai readmitir Sophie? – Desta vez Benita assentiu com a cabeça.

Uma hora depois, Bastiano embarcou no helicóptero para voltar para casa com a consciência limpa.

Ou quase.

CAPÍTULO 11

SOPHIE ODIAVA aquele emprego.

Ela tentava não demonstrar, é claro.

Mas não importava o quanto limpasse o bar xexelento na periferia de sua cidade natal, pois as superfícies nunca ficavam brilhando e os tapetes estavam sempre grudentos.

Preferia fazer a limpeza quando o bar estava fechado.

Era um trabalho que colocava um teto sobre sua cabeça, dizia Sophie a si mesma, ainda que não fosse por muito tempo. Pino, seu chefe, deixara bem claro ao contratá-la que as acomodações eram temporárias. Agora, no sexto mês de gravidez, ela ainda não fazia ideia de onde iria morar quando o bebê chegasse.

Não ia ser na casa dos pais.

Sophie fugira de casa em desgraça e voltara trazendo consigo a vergonha, e depois de muito pesar eles pediram para que o padre conversasse com ela. O homem lhe falou sobre casais que estavam desesperados por um bebê e que iriam oferecer um ótimo lar para o filho dela.

Uma discussão se iniciou quando Sophie avisou à família que iria cuidar do filho sozinha, e depois disso ela quase não os viu mais. A mãe de Gabi tinha mudado de opinião depois que Lucia nasceu, mas ela sabia que isso não ia acontecer com os próprios pais.

Mesmo que Pino a mantivesse no emprego, ela não queria criar o filho em um quarto sobre um bar como aquele.

E Pino lhe dava calafrios.

Foi por isso que, em vez de trabalhar em seu raro dia de folga como sempre fazia, Sophie subiu para o seu quarto.

– Aonde vai? – perguntou Pino. – Está quase na hora de abrir.

– Hoje é meu dia de folga.

– Bem, eu preciso de você hoje.

– Eu tenho uma consulta na cidade hoje. No hospital. Meu pré-natal de seis meses. Não posso perder.

O que era uma mentira. Sophie subiu para o quarto e se limpou o melhor que pôde no pequeno banheiro que dividia com Pino antes de colocar um vestido preto, botas e uma jaqueta fina.

Ao descer, ouviu Pino conversando com um dos clientes regulares, torcendo para conseguir passar despercebida.

– Sophie! – chamou-a ele, assim que ela alcançou a porta. – Quero você de volta às 17h.

Casta ficava a três horas dali, e ela não fazia ideia de quanto tempo iria levar para chegar ao velho convento partindo da estação de trem, e nem se a entrevista iria demorar.

Pela primeira vez em meses, Sophie tinha esperanças.

Uma mulher que fazia entregas no bar havia lhe contado a respeito do velho convento em Casta. Era um centro de saúde e bem-estar de luxo, e eles estavam em busca de camareiras com disponibilidade para morar no local.

– É lindo – dissera ela a Sophie. – E eles só compram tudo do bom e do melhor. – Ela torceu o nariz para Pino. – Você devia ligar para eles. Uma mulher chamada Karmela é a chefe das camareiras. Minha sobrinha trabalha lá. Eles a acolheram quando estava grávida e ela continuou trabalhando lá por mais dois anos depois que o bebê nasceu.

– Ela morou lá com a criança? – O coração dela começara a bater tão depressa que deve ter até acordado o filho, pois sentiu os chutes.

– Sim. Ela trabalhava bastante, é verdade, mas amava aquele lugar. E vá bem arrumada, pois o lugar é muito fino.

Ela se saíra muito bem na entrevista pelo telefone e agora, enquanto o trem atravessava um túnel, Sophie pegava um pente na bolsa.

Ah, adoraria poder se preparar um pouco mais, porém não tinha condições.

Ela ainda tinha o telefone de Alim!

Sophie pegou o cartão da bolsa e encarou-o por um bom tempo. Ainda não o tinha usado. O tipo de emprego que procurara não necessitava de referência, principalmente de um sultão, e ela não quisera usar aquela dádiva levianamente.

Mas naquele dia, ela iria usá-lo.

O trem saiu do túnel e entrou no coração do vale de Casta. Ela nunca havia estado ali, e a paisagem era de tirar o fôlego. Depois de passar diante do oceano, com uma montanha de cada lado, agora o trem corria por trilhos que singravam a encosta rochosa.

Com medo de olhar para baixo, ela fechou os olhos e descansou a cabeça no travesseiro.

Deveria ter ficado em Roma, pensou Sophie. Pelo menos lá estavam os seus amigos.

Ela morria de vontade de entrar em contato com Gabi, mas não sabia o que dizer, afinal, agora sua amiga era membro da realeza. Sophie não queria que Gabi achasse que ela estava pedindo ajuda, ainda mais quando contasse que estava grávida.

Mas não era só isso.

Alim era amigo de Bastiano.

Sophie sabia que Gabi iria ficar preocupada e que pediria ajuda a Alim.

Será que ele iria contar para Bastiano?

Ela supunha que sim, e a reação de Bastiano à notícia...

Sophie não queria saber.

Ah, ele iria ficar furioso, e com certeza acharia que ela havia armado para ele.

Com a ira dele, Sophie conseguiria lidar. Mais ou menos.

Mas não com a sensação de dever que viria depois.

Sophie não conseguia sequer pensar em forçar Bastiano a se casar com ela. Afinal, ela mesma fugira de um casamento forçado.

Ao pisar na estação, Sophie respirou o ar cheio de maresia; o vento açoitava seu cabelo, e ela puxou a blusa.

– Estou procurando o velho convento – disse Sophie para uma mulher no guichê de informações, e ela avisou que dali 15 minutos um ônibus iria partir para lá.

– Mas ele só vai até o sopé da montanha.

Sophie assentiu. Fora avisada disso ao telefone, e que no portão da entrada havia um interfone onde poderia avisar que chegara, para que um carro fosse buscá-la.

O ônibus atravessou a cidade de Casta e então começou a subir vagorosamente a montanha, mas Sophie estava nervosa demais para apreciar a vista. Ela desceu aparentemente no meio do nada e, seguindo as instruções de mulher, apertou o botão no portão e informou seu nome, avisando que tinha ido para uma entrevista.

Logo um carro apareceu e a levou por uma longa estrada íngreme com árvores debruçando-se de cada lado até o velho convento.

O lugar era suntuoso. Havia fontes e lindos passeios, e um ar de tranquilidade vindo do prédio antigo.

– Sophie? – A recepcionista era cordial, e a chamou pelo nome. Depois de preencher um formulário, ela foi levada até a sala de Karmela.

– Você disse ao telefone que já trabalhou em um hotel cinco estrelas.

– Eu trabalhei no Grande Lucia, em Roma, por um ano.

– Posso perguntar por que saiu de lá?

Sophie contou a verdade.

Em parte.

– Eu tive alguns problemas com o pai do meu bebê.

– Bem, ele não criaria problemas aqui. Os muros são altos, o acesso é limitado e a segurança elevada.

Não era desse tipo de problemas que Sophie estava falando, mas ela sorriu para Karmela.

– Aqui, todos os funcionários assinam um contrato de confidencialidade. Alguns de nossos hóspedes são muito famosos.

– O Grande Lucia também recebe hóspedes famosos e nobres.

– Eu entendo. Mas nossos hóspedes vêm aqui para... Digamos, se recuperarem dos excessos da vida.

– Ah.

– Isso seria um problema para você?
– Nem um pouco – disse Sophie.
– Está trabalhando atualmente? – perguntou Karmela, olhando a papelada dela.

– Sim. – Ela havia atualizado a informação à mão.
– Você se importaria se eu ligasse para lá para pedir algumas informações?
A garganta de Sophie ficou seca, e ela demorou um instante para responder.

– Acho que isso vai me deixar em uma situação constrangedora.
– Quanto tempo de aviso prévio seu chefe atual exige? – Karmela ergueu o olhar e a observou se esforçar para responder. Ah, ela não sabia como contar.

– Ele não reagiria bem se eu dissesse que estou deixando o emprego.
Karmela parecia ter compreendido a situação dela.
– E no seu emprego anterior?
– O sultão Alim é a minha referência. É o dono do Grande Lucia. Ele me passou o número pessoal dele.

– Posso ligar para ele?
– Claro – disse Sophie, anotando o número.
O resto da entrevista correu muito bem, com Karmela falando como se o emprego já fosse dela!

– Você vai ser responsável pela limpeza e pelo serviço de arrumação da tarde dos quartos. Nós encorajamos nossos hóspedes a comer no restaurante, mas ocasionalmente também terá que levar as refeições até a suíte. Alguns dos nossos hóspedes podem ser exigentes, mas tenho certeza de que está acostumada com isso.

Sophie assentiu, decidida a abordar o óbvio.
– Sei que não vou poder trabalhar por alguns meses, mas sou muito boa no meu trabalho, e depois que meu filho nascer vou me esforçar ainda mais.

– Sophie, nós estamos acostumadas com mães solteiras aqui. Há espaço nas celas para uma cama e um berço.

– Celas?
– Nós mantivemos as tradições. As celas eram onde as freiras costumavam dormir, mas não se preocupe, elas foram modernizadas. São básicas, mas muito confortáveis. Durante os dois primeiros meses você vai ser treinada de

acordo com os nossos padrões. O *signor* Conti gosta que tudo funcione do jeito dele, e isso vem dando certo...

– *Signor* Conti?

– Sì. Bastiano Conti. As clínicas dele são famosas no mundo inteiro. Este lindo prédio era um diamante bruto quando ele o comprou. Agora as pessoas vêm do mundo todo para se tratar aqui...

Sophie não estava mais ouvindo. Bastiano era dono do velho convento. Ela não podia trabalhar ali de jeito nenhum, pensou Sophie quando a esperança lhe foi arrancada.

Assim que ele visse que ela estava grávida...

Sophie fechou os olhos e tentou imaginar a reação de Bastiano. Ela simplesmente não suportaria.

Estava ocupada demais tentando não desmoronar quando Karmela encerrou a entrevista.

– O motorista vai te levar direto para a estação de trem. Eu entrarei em contato em breve.

E foi o que Karmela fez, pois na manhã seguinte Sophie recebeu uma ligação informando que havia conseguido o emprego.

Mas para o pesar das duas, Sophie educadamente o recusou.

CAPÍTULO 12

– *B*UON COMPLEANNO!

– *Grazie* – respondeu Bastiano mecanicamente quando sua assistente pessoal lhe desejou feliz aniversário.

Ela era nova, de fora da cidade e, claro, ainda não sabia que para Bastiano não existia essa coisa de feliz aniversário.

Afinal, fora nesse dia que a mãe dele morrera.

Queria ficar em paz, mas por causa da ausência de alguns dias, havia muito que colocar em ordem.

– Como foi a reunião em Roma? – perguntou ela.

– Bem.

Ele já havia voltado três vezes para Roma desde o casamento, e embora não quisesse mais comprar o Grande Lucia, era lá que ele ficara hospedado, segundo as instruções que passara para a assistente.

Mas Roma parecia uma cidade vazia.

Não havia sinal de Sophie e, dado tudo o que acontecera, não podia perguntar sobre o paradeiro dela.

Bastiano deu o melhor de si para ignorar a data, mas na hora do almoço ele cedeu e apertou o interfone.

– Diga ao motorista que eu vou sair.

Pouco tempo depois, desceu a estrada particular que havia construído ao comprar o convento e foi para a pequena cidade.

Estacionou ao lado de uma igreja e caminhou sobre o cascalho pela lateral até o cemitério.

Ele raramente ia ali.

Bastiano se recusava a visitar o túmulo de Maria, mais por culpa do que por pesar, porém não era por isso que estava ali.

Quando criança ele visitara o túmulo da mãe em certas ocasiões, mas isso nunca lhe trouxera nenhum conforto.

E naquele dia não foi diferente.

Ele só sentia culpa.

Havia sido criado assim.

Era uma culpa penetrante que o tempo não conseguia apagar, pois a existência dele roubara a vida dela.

A lógica tentava lhe dizer o contrário.

A mãe dele fizera de tudo para esconder a gravidez, até que um dia desmaiou. Ela havia chegado no convento com fome e fraca.

O Velho Convento podia não ser mais consagrado, mas para Bastiano ainda era. Por isso ele implementara a política de ajudar mães solteiras que desejavam trabalhar lá.

Se ao menos ela tivesse chegado lá antes.

– Eu estou com o seu anel – disse Bastiano para ela, mas não houve nenhum farfalhar repentino nas árvores, e os pássaros continuaram cantando do mesmo jeito.

Não havia sinal de que ela ouvira.

Ele pegou o anel do bolso, lembrando-se de quando conseguira recuperá-lo.

Agora, não parecia ser tão inestimável.

Ele olhou para a esmeralda e as pérolas minúsculas, mas em vez de beleza viu uma maldição.

As duas mulheres que ele amara tinham morrido usando o anel.

Então pensou em Sophie, esvaziando os bolsos e encontrando o anel, e nas duras palavras que dissera para ela.

Claro que as flores tinham sido um presente de aniversário; na hora fora mais fácil mentir do que admitir a verdade e se importar.

Ele a perdera por causa daquele anel.

O que antes era vital, agora parecia insignificante.

Bastiano arremessou o pequeno anel, pois ele nunca havia lhe trazido paz, apenas destruição e dor.

Simplesmente precisava descobrir por conta própria se Sophie estava bem.

Sentia-se tão impaciente na hora de voltar que acabou deixando o carro ligado diante do portão.

– Estacione-o – disse para o porteiro.

Ele entrou no convento e começou a dar instruções antes que mudasse de ideia.

– Quero falar com o sultão Alim – disse Bastiano. – Vou atender a ligação no meu escritório.

– Claro.

Pelo fuso horário, Zethlehan estava a três horas adiante da Sicília. Mas Bastiano não queria falar com Alim, ele queria falar com Gabi.

Só precisava saber como Sophie estava.

Alim estava demorando uma eternidade para atender. Ele caminhou de um lado para o outro no escritório, mas a vista do canal não conseguiu acalmá-lo, como geralmente acontecia.

Aos 17 anos, depois que o testamento de Maria foi lido, Bastiano escalou os muros do velho convento só para escapar das fofocas tóxicas da cidadezinha.

Enquanto Raul começava sua ascensão em Roma, Bastiano permaneceu em Casta.

Sua ascensão demorou um pouco mais que a de Raul.

Bastiano vira o potencial do prédio e sua oferta baixa foi aceita. Depois de conseguir um empréstimo, as reformas começaram.

Os primeiros clientes começaram a aparecer, e então um ator de segunda categoria reclamou para a imprensa que os preços da clínica eram altos demais. Em resposta à melhor publicidade que ele poderia ter pedido, Bastiano triplicou os preços.

Agora havia uma constante lista de espera, embora ele sempre deixasse dois lugares reservados se por acaso algum membro da realeza tivesse uma emergência.

Embora fosse dono de vários outros retiros exclusivos, aquela era a base que servia para ele de plataforma para o mundo. Graças aos amigos famosos,

Bastiano era um nome frequente nas mais cobiçadas listas VIPs. Ele viajava com frequência e festejava para valer, mas era para o Velho Convento que escolhia voltar.

Nos últimos tempos, todavia, aquelas paredes não eram mais um lar como antes.

– O sultão Alim está na linha.

Bastiano atendeu.

– Como está? – perguntou Alim.

– Estou bem – respondeu Bastiano. – Muito bem. Você já vendeu o hotel?

– Ele não está mais à venda. Por que, mudou de ideia?

– Não. – Bastiano raramente não sabia o que dizer. – Na verdade, eu gostaria de falar com Gabi. Gostaria de saber se ela tem notícias de Sophie.

– Sophie?

– A camareira...

– Eu sei quem ela é. Mas achei que vocês tinham retomado o contato.

– Por quê?

– Porque a sua chefe das camareiras ligou para mim pedindo referências. E eu não economizei elogios.

Sophie estivera ali?

Bastiano terminou a ligação em menos de um minuto. Depois, ligou para a recepção e chamou Karmela até seu escritório.

Todo esse tempo se preocupando com ela, só para descobrir que ela passara por ali.

– Algum problema? – perguntou Karmela, preocupada.

– Não – disse ele. – Você entrevistou uma jovem alguns meses atrás...

– Eu entrevisto muitas pessoas.

– Sophie. Ela costumava trabalhar no Grande Hotel.

– Ah, sim.

– Você não ofereceu um emprego a ela?

– Sim, ofereci. Ela era uma ótima candidata, mas quando liguei para oferecer o cargo ela disse que já havia aceitado outra proposta.

– Onde?

– Eu não perguntei – disse Karmela. – Fiquei desapontada e um pouco irritada por ela ter desperdiçado tanto tempo. Nem tive chance de dizer que

não haveria problemas quando o bebê nascesse...

– Bebê?

– O senhor sempre disse que não há problemas em contratar mães solteiras, contanto que as crianças não atrapalhem.

– Não, eu perguntei se ela está grávida.

– Sim, de cinco ou seis meses – respondeu Karmela. – Ela disse que precisou deixar Roma porque estava tendo problemas com o pai da criança.

Aquelas palavras eram como facas.

– Traga-me o currículo dela.

Ele suava em bicas. O que não era comum para Bastiano, mesmo no verão siciliano. Mesmo quando apertara o pescoço de Raul e o acusara de causar a morte de Maria, permanecera calmo.

Mas não agora.

Tentou lembrar-se da última vez em que a viu, no casamento. Se Karmela estivesse certa, naquela ocasião Sophie estava no terceiro mês de gravidez.

Ele teria reparado. Só que o sexo frenético e desenfreado fora fruto do puro desejo...

Karmela trouxe a papelada. As informações sobre o último emprego dela estavam escritas à mão.

– Onde fica este endereço?

– É o endereço de um bar, que não é lá essas coisas – disse Karmela. – Eu nem liguei para pedir referências.

– Por que não?

– Sophie disse que também mora no lugar, apesar de não se sentir à vontade lá e que a situação ficaria pior se o chefe descobrisse que ela estava pensando em deixar o emprego. Por isso eu liguei para o empregador anterior dela, o sultão Alim.

Bastiano mandou que ela se retirasse com um aceno, pois precisava digerir tudo o que havia descoberto. Mas antes que ela alcançasse a porta ele perguntou mais uma coisa, algo que as páginas em suas mãos não podiam dizer.

– Como ela estava?

Karmela ergueu as mãos e deu de ombros, sem saber o que dizer.

– *Signor* Conti, já faz alguns meses...

– Ela parecia bem? – perguntou ele de novo. Bastiano não se importava se as perguntas levavam Karmela a pensar que ele era o pai do filho de Sophie.

– Parecia cansada.

– E? – insistiu Bastiano.

Karmela pensou por um instante.

– Aliviada. Ela parecia assustadoramente aliviada por ter encontrado este lugar. Eu tive a distinta impressão de que ela mal podia esperar para sair de onde estava, e por isso fiquei surpresa quando ela recusou o emprego.

Mas Bastiano sabia o porquê.

Quando se conheceram, Sophie achara que Bastiano era um homem maravilhoso, um cavalheiro que não permitira que ela saísse da suíte dele de roupas molhadas.

Ela vira apenas um lado dele.

Até que ele provou ser diferente.

Em meio ao delírio do amor, ela implorara para que nunca a decepcionasse, mas ele a decepcionou.

Bastiano sabia que era hora de consertar as coisas.

– É HORA de abrir – chamou Pino, batendo com força na porta do quarto de Sophie.

– Eu já vou.

Era um fim de tarde chuvoso. Sophie estava exausta, e com uma dor de cabeça horrível.

Ultimamente não vinha conseguindo dormir. Estava sempre nervosa ou desconfortável com a presença de Pino. Naquela tarde o bebê estava dormindo, e Sophie queria apenas fechar os olhos e ficar com ele.

Porém, não tinha essa opção.

Saiu da cama e vestiu os sapatos. Depois de pentear o cabelo, ela se preparou para outro longo turno atrás do balcão, lavando copos até de madrugada.

Sophie sabia que não ia poder trabalhar por mais muito tempo. O parto estava previsto para dali seis semanas, e seu corpo lhe dizia que precisava de descanso.

Mas onde?

Fora tão confiante ao dizer para os pais e o padre que iria prover o necessário para o filho, mas na verdade havia conseguido economizar muito pouco dinheiro.

Ao sair do quarto, ela se deparou com Pino no corredor.

Ele lhe dava arrepios, a forma como estava sempre se esgueirando por aí.

– Estive pensando – disse ele, seguindo Sophie até o andar de baixo. – Você é uma boa funcionária, talvez possa continuar aqui depois que o bebê nascer.

– Continuar aqui? – No fim da escada Sophie virou-se, e por um segundo ou dois ela chegou a acreditar que Pino estava sendo gentil. Ele passou por ela e destrancou a porta.

– Você pode trazer as suas coisas para o quarto da frente. É mais quente lá.

Era meados de janeiro e, por mais que não parecesse tão frio, o clima estava chuvoso e o prédio era úmido. Mas não era por isso que Pino queria que Sophie se mudasse para lá.

O quarto da frente era o dele.

Nunca.

Agora Sophie não tinha mais por que lutar. Ela sabia que precisava falar com Bastiano.

Ah, ele havia ajudado a fazer aquele bebê, e tinha que arcar com as responsabilidades.

O que partia o coração de Sophie era saber que talvez ele não fosse querer vê-los.

Ela entrou no bar conforme os clientes chegavam. Já sabia de cabeça os pedidos da maioria deles, o que era bom, pois a mente dela estava muito atribulada para conseguir conversar.

Sabia que precisava ir embora.

E logo.

– Sophie! – O nome dela estava sendo chamado de todas as direções. Ela preparava os drinques, mas não os servia com um sorriso.

À esquerda, alguém tamborilava os dedos impacientemente.

Ele podia esperar.

Sophie havia se aperfeiçoado em ignorar um cliente impaciente até chegar a vez dele.

– Posso ajudar? – perguntou Sophie finalmente para o apressadinho, mas antes mesmo de erguer os olhos ela já entrou em alerta.

Suas unhas eram perfeitamente aparadas e bem-cuidadas, e seu perfume caro era completamente alheio àquele ambiente.

Ela ergueu o olhar lentamente, reparando no terno negro e na gravata, e então encontrou os olhos que há muito ansiava em ver, mas que vinha evitando a todo custo.

– Bastiano...

A mente dela trabalhava lentamente, tentando lhe dizer que era possível que ele estivesse passando por ali e tivesse resolvido parar para tomar alguma coisa, ainda que ela soubesse que aquela espelunca ficava a anos-luz de qualquer lugar que ele fosse frequentar.

– Qual vai ser o seu pedido? – perguntou ela.

– Quero falar com você em particular.

Ele estava lívido, e a cicatriz na bochecha destacava-se, como se fosse recente.

A fúria dele era palpável, e ela sentiu um aperto no peito quando os olhos dele repousaram na barriga dela.

O que Sophie não entendia era que a fúria dele não estava direcionada para ela.

Bastiano estava com os olhos fixos em Pino, parado com os braços cruzados atrás do balcão, observando Sophie trabalhar. Não era apenas a preguiça de Pino que enfurecia Bastiano, mas a forma como ele olhava para ela.

Tinha que tirar Sophie dali.

– Estou trabalhando – disse ela para ganhar tempo, pois mesmo depois de meses se preparando para aquele momento, foi capaz de dizer a coisa errada.

– O que vai beber?

– Sophie! Eu quero falar com você, lá fora.

– Ela já disse que está trabalhando. – Bastiano sequer olhou para Pino. – Acho que é hora de você ir embora.

O bar ficou em silêncio.

A voz de Pino era ameaçadora. E Bastiano, no fim das contas, era um forasteiro na cidade.

Um estranho bem-vestido e elegante. Ela viu quando Pino reparou no carro chamativo de Bastiano pela janela. Estava claro para todo mundo que ele não era dali.

– Eu não vou a lugar algum – disse Bastiano, olhando dentro dos olhos de Sophie. – Não enquanto não conversarmos.

– Bastiano – tentou ela, com a voz constricta. – Agora não.

Queria pedir para que ele não fizesse uma cena ali, pois já tinha visto encrencas demais naquele lugar.

– Você a ouviu – disse Pino, deixando a situação cem vezes pior ao colocar o braço ao redor dos ombros dela.

Sophie desvencilhou-se dele, mas o estrago já estava feito. Ela presenciou mais uma vez o outro lado de Bastiano.

Ele não explodiu, mas foi ainda pior. Era como se todo o bar tivesse congelado. Ela quase pôde ver a respiração condensada de Bastiano ao falar, pois as palavras dele eram feitas de puro gelo.

– Sophie. Vá esperar no carro.

Ela ficaria brava com Bastiano mais tarde. Mas, naquele momento, só queria ir embora dali com ele.

– Vamos conversar lá fora – sugeriu ela.

– Não – disse ele, sem tirar os olhos de Pino. – Espere no carro enquanto eu pego as suas coisas.

Os clientes abriram caminho enquanto a única mulher no recinto saía; quando ela entrou no carro, Bastiano acionou o alarme e a trancou em segurança.

Sabia que Sophie tinha medo daquele homem, pois nem o colocara como referência.

Bastiano conhecia *exatamente* aquele tipo.

Sem pedir licença, entrou corredor que levava aos fundos do bar.

Pino seguiu-o.

Bastiano subiu as escadas e entrou no armário que Pino chamava de quarto; ele provavelmente ficava com metade do salário de Sophie como aluguel.

Levou dois minutos para esvaziar o lugar.

Em um velho guarda-roupa de madeira, ele encontrou algumas saias e uma mala onde parecia haver sapatos. Havia poucas coisas nas gavetas, que ele logo esvaziou. Foi até o banheiro e pegou a escova de cabelo, a maquiagem e as calcinhas dela pingando sobre a banheira. Não que ela fosse precisar delas, pois logo iria ter coisas muito melhores, mas porque não conseguia suportar a ideia de Pino olhando para as peças íntimas dela.

Ao voltar para o quarto, olhou embaixo da cama e encontrou outro par de sapatos, e então levantou o colchão e encontrou a bolsa dela e um pequeno diário. Ele já tinha sido pobre, e conhecia todos os truques.

– Ela me deve duas semanas de aviso prévio. – Pino o observava da porta.

Bastiano não disse nada. Enquanto colocava os pertences de Sophie em uma bolsa, o diário dela caiu aberto, e entre as páginas havia uma rosa. A rosa *dele*.

– Eu disse... – continuou Pino, mas aquela rosa foi a gota d'água para Bastiano, que prensou o sujeito à parede.

– Você me enoja – disse Bastiano. – Seu eu descobrir que você tocou nela, sugiro que durma com um olho aberto.

Pino reconheceu a ferocidade de Bastiano, e então ergueu as mãos e deixou-o ir embora.

Ele saiu do bar com as coisas dela nas costas; ninguém ousou dizer nada.

Apenas Pino, lá de cima das escadas, em segurança.

– Pelo menos eu dei abrigo a ela. Onde você estava?

Sophie esperava ouvir algum barulho de briga vindo de dentro do bar, mas em meio ao absoluto silêncio Bastiano surgiu.

Ele destrancou o carro e jogou as coisas dela no banco de trás, lutando para conter a raiva enquanto as palavras de Pino ecoavam na mente dele.

– Você não tinha o direito de... – começou Sophie.

– Esse filho é meu?

– Você sabe que sim.

– Então eu tenho todo o direito.

Bastiano queria pisar fundo e queimar os pneus, mas nunca tinha dirigido com uma mulher grávida no banco do passageiro.

– Por que não me procurou? – Ele estava dando tudo de si para controlar a raiva. – Foi até o Velho Convento procurando emprego, mas acabou ficando

aqui. Por quê?

– Porque descobri que você era o dono da clínica. E eu não queria que soubesse da gravidez.

– Por quê? – quis saber ele, mas aquele não era o momento certo para uma discussão. Queria primeiro levá-la para Casta, onde ela iria descansar e comer. – Quando chegarmos ao convento, continuaremos esta conversa.

– O que os funcionários vão pensar quando eu chegar?

– Não faço ideia. E também não ligo.

– Bem, mas eu ligo – respondeu Sophie, irritada. – Você pretende acabar com todos os empregos que eu conseguir?

– Não se preocupe, Sophie, você nunca mais vai ter que trabalhar.

– Eu amava o meu emprego.

Bastiano sabia disso.

– Por que não me procurou? – perguntou ele novamente. – Eu sei que sou um cretino...

– Eu nunca disse isso.

Eles estavam se aproximando do trecho da estrada em que ele presenciara o acidente de Maria. O convento era visível à distância enquanto ele dirigia em um silêncio raivoso.

– É linda – comentou Sophie ao passarem por uma igreja modesta feita de pedras douradas, com um pequeno sino.

Bastiano olhou para a igreja, mas “linda” não foi a palavra que lhe veio em mente, pois atrás dela ficava o cemitério que só guardava lembranças ruins.

– Que bom que você gostou, já que nós vamos estar aí daqui a algumas semanas.

– Com assim?

– Nós deveríamos nos casar antes de o bebê nascer...

Deveríamos.

A palavra já dizia tudo.

Ela deveria ser esposa dele por obrigação, e nada mais.

Fora exatamente por isso que ela escolhera não contar nada para ele.

Bastiano estava certo.

Os dois eram iguais.

Sophie tinha certeza de que essa seria a reação dele.

Olhou para o homem que quando se conheceram considerava se casar com uma mulher com que não havia sequer namorado.

– Você tomaria mais cuidado escolhendo uma maçã do que escolhendo uma esposa.

– Eu não escolho maçãs. – Bastiano deu de ombros. – Elas chegam até mim descascadas e fatiadas.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

O carro se aproximou da entrada do convento, e os portões automáticos se abriram lentamente.

– Não precisa se casar comigo, Bastiano – disse Sophie. Ela não o olhou quando ele se virou para ela e respondeu:

– Considerando de onde nós viemos, sim, eu preciso.

CAPÍTULO 13

AMBOS DECIDIRAM deixar a conversa morrer.

Já era tarde da noite, e Sophie sentiu certo alívio quando o carro saiu do túnel formado pelas árvores e o Velho Convento surgiu adiante.

O prédio antigo era realmente uma visão reconfortante.

– Aonde estamos indo? – perguntou Sophie quando o carro saiu da estrada principal que levava até o convento e pegou uma trilha em direção ao oceano.

– Achou que eu ia colocar você em uma das celas?

Uma risadinha escapou dos lábios de Sophie, surpreendendo-a.

– Honestamente, eu não me importaria.

– Em vez disso, estou levando você para a solitária.

– Por mim, tudo bem.

O carro parou diante de um imenso prédio antigo, e Sophie pensou nos dias de antigamente, quando as freiras iam até ali para fazer retiro. Para alívio dela, ninguém veio correndo abrir a porta do carro. Na verdade, foi Bastiano que pegou a bolsa com as coisas dela e a carregou até a porta da frente.

– É aqui que você mora?

– Sim.

– Disse que ia me mandar para a solitária.

– É o que este prédio costumava ser. É o meu lugar favorito.

Ela podia ver o porquê, pois o lugar era impressionante.

As paredes de pedra tinham um charme de outrora, e a sala imensa oferecia uma vista privilegiada do oceano, que a maioria dos quartos provavelmente

também tinha. A mobília moderna combinava perfeitamente com o ambiente, como o imenso sofá de couro onde ela queria simplesmente esparramar-se. Porém, Sophie ainda não estava pronta para morar com ele.

– Eu quero ficar sozinha.

– Foi o que imaginei. Na verdade, estava pensando em instalar você em uma das nossas suítes mais isoladas, reservadas para membros da realeza e afins.

– E por que não fez isso?

Mas ele respondeu com uma pergunta.

– Falta quanto tempo para o bebê nascer?

– Alguns meses. O parto está previsto para o fim de março.

– É daqui seis semanas – disse Bastiano. – E parece que a distância não nos fez bem. – Ele podia ver que ela estava exausta, e por isso resolveu deixar o assunto para depois. – Vou levar você até o seu quarto.

Os olhos de Sophie se arregalaram por uma fração de segundo, o suficiente para Bastiano notar.

– Eu não sou um completo cretino, Sophie.

– Nunca disse que era.

Nunca mesmo, concluiu Bastiano enquanto ela o seguia pelo longo corredor.

– Você vai poder relaxar de verdade aqui – explicou ele. – Terá a sua própria piscina...

– As freiras costumavam nadar?

– Não – disse Bastiano. Ele não estava com ânimo para sorrir das piadas dela. – Eu mandei instalar.

O quarto era completamente diferente de tudo o que ela estava acostumada.

Ah, aquele podia ter sido um espaço para profunda contemplação, e ainda servia muito bem ao mesmo propósito, mas agora contava com uma cama imensa que mais parecia uma nuvem e um banheiro tão grande que ela iria precisar de um mapa para localizar a saída.

– Quer jantar comigo? – Ele estava oferecendo uma escolha.

– Não.

– Então vou pedir para que Karmela traga o seu jantar e desfaça as suas malas.

– Eu posso fazer isso – disse Sophie. – Não tenho muita coisa.

– Logo nós vamos dar um jeito nisso.

– Não quero que você me vista.

– Tudo bem. – Bastiano deu de ombros. – Precisa de mais alguma coisa?

– Não. – Sophie balançou a cabeça. Então lhe ocorreu que talvez ele estivesse se sentindo na obrigação de entretê-la. – Eu só vou tomar um banho e dormir. – Porém, ela ainda tinha uma última pergunta. – Como descobriu sobre o bebê?

– Eu já disse, descobri que você veio procurar trabalho aqui. Como os seus pais reagiram à notícia?

– Como eu já imaginava. Nós não nos falávamos há muito tempo, mas semana passada eles me ligaram e me convidaram para jantar...

– Que bom.

– Na verdade, não. Eles também convidaram o padre, para me falar sobre uma família adorável que pode dar tudo o que eu não posso ao meu bebê.

Ele não precisava perguntar qual tinha sido a resposta dela.

– Estou cansada, Bastiano. – Ela realmente estava. Sim, deveria estar trabalhando naquela noite, mas agora se sentia como se sua bateria estivesse descarregada. – Podemos deixar esta conversa para amanhã de manhã?

– Claro.

Para mostrar a Sophie como as coisas funcionavam, ele apertou o interfone para falar diretamente com Karmela.

– Você poderia mandar um jantar bem leve para o quarto de hóspedes?

– Claro – foi a resposta. – Mais alguma coisa?

– Deixe-me perguntar. – Sophie balançou a cabeça. – Não, só isso.

Ele se virou para ela.

– Nós podemos conversar amanhã à noite.

– Amanhã à noite?

– Eu tenho que trabalhar. Perdi um dia de trabalho.

– Sinto muito.

O sarcasmo dela passou batido, pois ele já tinha ido embora.

Não era apenas Sophie que precisava ficar sozinha. Bastiano também precisava processar os eventos daquele dia. Ele se serviu de uma bebida e deitou na cama, tentando absorver o fato de que logo iria ser pai.

E se não tivesse descoberto isso por conta própria, talvez nunca fosse ficar sabendo.

Ouviu um carro parar do lado de fora. Provavelmente era o jantar de Sophie.

Bastiano não estava com fome.

Um bebê!

Nunca havia pensado em ser pai. Já tinha pensado em se casar, mas sua mente parara por aí.

Algumas semanas atrás Bastiano ficara sabendo que Raul e Lydia estavam esperando um bebê, e ele silenciosamente agradecera aos céus por não estar no lugar deles.

Pensativo, ficou deitado por pelo menos uma hora, observando sua vida de solteiro desaparecer diante de seus olhos.

Uma partida na porta o fez olhar para cima. Lá estava Sophie, de roupão e com o cabelo molhado.

– Você pegou o meu pijama?

– Eu trouxe tudo o que estava lá.

– Meu pijama estava embaixo do travesseiro.

– Bem, eu não olhei embaixo do travesseiro! E quem diabos usa pijama?

– Eu dividia o banheiro com Pino – explicou Sophie.

– É justo. – Ele apontou para o guarda-roupa com a cabeça. – Pegue uma camisa minha, se quiser. Tenho o meu próprio banheiro, e não vou ficar espiando você.

Ela sorriu. Não pela primeira vez naquele dia, pois Sophie era assim: mesmo no meio de uma briga, havia alguns sorrisos.

– Pegue uma limpa – disse Bastiano quando Sophie pegou uma camisa dele que estava no chão.

– Não, tudo bem. Eu odeio roupa engomada. – Ela hesitou antes de fazer uma pergunta. – Hoje é seu aniversário?

– Como sabe?

– Karmela comentou alguma coisa quando trouxe a comida. Você deveria ter me contado. – Sophie sorriu docemente. – Eu teria mandado flores. Mas, enfim, isso poderia passar uma mensagem errada.

– Haha – disse Bastiano. – Não da minha parte.

Que bom, pensou Sophie, pois a última coisa que ela queria era complicar ainda mais as coisas com sexo.

– *Buon compleanno*. – Sophie virou-se para sair, mas então Bastiano disse:

– Eu ainda te quero.

Não, a mensagem dele era perfeitamente clara.

E para a própria surpresa, Bastiano descobriu que ainda desejava Sophie.

CAPÍTULO 14

SOPHIE NÃO tinha desculpa para não ter dormido bem.

O jantar estava delicioso, o banho a deixara relaxada, e a cama era macia como uma nuvem.

Foi Bastiano que mexeu com os nervos dela, mas de uma forma deliciosa.

Àquela altura da gravidez e com tantas coisas acontecendo, ela se surpreendeu com a intensidade da atração entre eles.

Sophie jogou os pés para fora da cama, e em vez de pisar em um piso barato de linóleo, sentiu a maciez de um tapete grosso. A casa dele era tão agradável que ela nem precisou vestir um robe.

Ainda era cedo, um pouco antes das 6h, e ela decidiu ir pegar um copo de leite.

Não esperava encontrá-lo na cozinha, esperando o percolador encher de água, vestindo apenas uma calça.

– Eu achava que o seu café era servido na cama.

– Não quando eu estou aqui. Odeio conversas pela manhã.

Sophie serviu-se de leite.

– Como andam os seus cuidados pré-natais?

Bastiano sempre conseguia surpreendê-la. Não imaginava que ele fosse fazer uma pergunta daquele tipo tão casualmente.

– Achei que não gostasse de conversar pela manhã.

– Você precisa fazer alguns exames.

– É verdade – admitiu ela.

– Um médico vem à clínica todos os dias. Vou pedir para que examine você, embora eu ache que deveria ter o bebê em Roma.

– Roma? – repetiu Sophie incredulamente. – Não tem um hospital por aqui?

– Sim, mas não quero ter o bebê em Casta. – Bastiano balançou a cabeça.

– *Eu* decido aonde o meu filho vai nascer.

– *Nosso* filho – corrigiu Bastiano. Ele não queria começar outra discussão, mas de forma alguma o bebê iria nascer em Casta. – Vou agendar a visita do médico.

– Bem, avise-me então – disse Sophie. – Quero ir até Casta. Preciso comprar algumas coisas para mim e para o bebê. Eu pensei em ir ao mercado hoje.

– Em Casta? – Ele lhe lançou um olhar chocado, mas ela deu de ombros.

– Você está se transformando em um esnobe, Bastiano.

– Eu virei um há muito tempo – disse ele. – Você não vai vestir o meu filho com roupas compradas em Casta. Nós conversaremos mais sobre isto hoje à noite.

Ele realmente não gostava de conversar pela manhã, pensou Sophie quando Bastiano pegou a xícara de café e a deixou sozinha na cozinha imensa. Ela voltou para a cama e ficou observando a manhã chegar, revelando um dia de inverno siciliano agradável.

O favorito dela.

O fato de não ter quase nada para vestir não importava, pois passou a manhã dentro do roupão branco grosso.

Quando o médico veio, ele a tranquilizou logo de cara.

– A clínica está cheia! – Ele revirou os olhos na direção do prédio principal enquanto a examinava. – É bom poder cuidar de uma gravidez tranquila, para variar.

– Ela não me parece muito tranquila.

– Estou vendo um bebê de bom tamanho e uma mãe saudável. Esta é uma boa notícia.

Ela ficou animada ao descobrir que o bebê tinha um tamanho adequado, levando em conta que suas refeições haviam sido esparsas.

– Com que tipo de situações você lida lá na clínica? – perguntou Sophie enquanto ele tirava uma amostra de sangue dela. Desde que Karmela mencionara o contrato de confidencialidade, estava louca para saber o que acontecia no Velho Convento.

– Acredite, minha jovem, você não quer saber.

– Eu quero, sim.

Depois o médico disse que ela precisava fazer um ultrassom.

– Bastiano me pediu para indicar você a um colega meu em Roma.

– Eu ainda não decidi aonde vou ter o bebê.

– Bem, sem querer dizer o óbvio, sugiro que decidam isso logo, pois bebês não seguem a agenda dos pais. Você poderia entrar em trabalho de parto esta mesma noite. – Ele sorriu amavelmente. – Mas não se preocupe, eu já trouxe vários bebês ao mundo.

– O senhor faria o parto, no caso de o bebê resolver nascer aqui?

– Seria um privilégio.

Sophie gostou do doutor.

Ele tinha cabelo grisalho e era paciente com as perguntas intermináveis dela; e não a fez se sentir uma estúpida.

Foi a primeira pessoa a ficar genuinamente feliz com o bebê.

Ela passou o resto da manhã sendo massageada pela equipe da clínica. Depois, deitou-se em uma espreguiçadeira à beira da piscina. O roupão era tão quentinho que não foi nenhuma surpresa quando ela cochilou.

– Ei.

A voz dele a acordou. Ao erguer o olhar, deparou-se com Bastiano de terno.

– Não se pode ter privacidade por aqui?

– A privacidade não vai nos levar a lugar algum – disse Bastiano. – Eu só vou voltar tarde da noite, o trabalho está acumulado. O que o médico disse?

– Que está tudo bem.

– E o que mais?

– Ele tirou uma amostra do meu sangue.

– E?

Sophie sabia exatamente porque ele estava ali. Para garantir que as instruções dele fossem seguidas à risca.

Bem, aquele jogo era para duas pessoas.

– Ele disse que eu devo fazer um ultrassom amanhã em Casta, e que ele ficaria honrado em fazer o parto.

Sophie ficou surpresa quando ele riu.

Ele também.

Bastiano casualmente brincou com o laço do roupão dela, e ao fazer isso sua mão roçou na barriga dela. Deixou a mão descansar sobre o tecido grosso.

– Sophie, por favor, não tenha o bebê aqui. Eu não suportaria se algo desse errado. – Ele podia sentir o suor nas palmas das mãos, e ao olhar para Sophie teve a certeza de que simplesmente não suportaria se algo acontecesse com ela ou com o bebê. – Se eu conseguir adiantar o trabalho, nós podemos nos mudar para um hotel por algumas semanas. Podemos nos casar lá...

– Em um hotel?

– É só uma formalidade. – Bastiano soube que havia dito a coisa errada quando ela retirou a mão dele. A proximidade que parecia ressurgir entre eles retrocedeu como a maré. – Tudo bem, nós podemos nos casar em uma igreja, tenho certeza de que há várias opções em Roma! Eu só não quero que ele nasça como um bastardo.

– Estamos no século XX e...

– Eu sei – interrompeu ele. – Mas quero que nós nos casemos antes de o bebê chegar.

– Não quero me casar com você – disse Sophie. – Eu não quero um marido que não me ame.

Sophie odiava ter que admitir, mas estava jogando um verde, na esperança de que ele a tomasse em seus braços e dissesse que não, que isso não era verdade.

Mas há muito Bastiano decidira que seu amor era uma dádiva perigosa, então foi particularmente cáustico em sua resposta.

– A sua vontade deixou de ser uma prioridade no instante em que parou de tomar a pílula.

– Por que o pai do meu filho não podia ter sido um desses cretinos que só querem saber de assinar um cheque?

– Você realmente consegue nos imaginar educando um filho juntos? – perguntou ele. – Acha mesmo que vou sorrir e acenar para o seu namorado

quando for buscar o nosso filho passar o fim de semana comigo?

– Pode tentar.

– Então deveria ter encontrado um sujeito mais moderninho. Eu sou tradicional. Sou siciliano, pelo amor de Deus!

– Quero que o meu filho cresça com amor...

– Eu posso ser amoroso.

– Não estou falando de sexo – disse ela.

Mas Bastiano estava.

Ele queria romper o embargo e arrancar o roupão dela. Tinha certeza de que aquela disputa seria melhor resolvida na cama.

– Eu espero mais de um casamento – disse Sophie. – Eu fugi porque não estava apaixonada...

– Você fugiu de um homem que precisa que sua mãe cozinhe para ele – alegou Bastiano. – E agora precisa se contentar com um bilionário viril. Buá-buá.

Ela olhava para o oceano em vez de olhar para ele.

Aquela conversa não ia chegar a lugar algum, percebeu ele. Bastiano já havia apelado para a razão, para a religião, e agora ele decidiu que ia usar suas boas e velhas táticas.

– Que tal sairmos para jantar hoje?

– Achei que tivesse que trabalhar.

– Eu posso cancelar. Nós vamos sair para jantar.

– Está me convidando ou me avisando? – quis saber Sophie. Bastiano projetou o maxilar. Ela sabia que estava se comportando como uma princesa mimada.

– Nunca chegamos a sair juntos.

– Não – disse ela. – Eu estava ocupada demais roubando o seu anel.

– Sophie... Eu sei que não foi você.

– Agora sabe? E como descobriu? – Ela queria desesperadamente ouvir que era porque ele sabia que Sophie jamais seria capaz de fazer isso. Mas ele não sabia.

– Nós podemos conversar hoje à noite. Eu tenho um monte de trabalho, mas até as 17h já estarei livre. Então, esteja pronta.

– Às 17h? – Sophie franziu o cenho. – Por que tão cedo?

– Se eu pudesse pedir para a minha assistente reagendar o sol, eu pediria – disse Bastiano.

– Como assim?

– Vejo você às 17h – disse ele. – E, por favor, não compre nada do mercado para usar! Os trapos que trouxe vão servir.

Ele foi embora, deixando-a com um sorriso.

Do fundo da falta de ânimo, ele conseguiu fazê-la sorrir. E deixar a pele dela arrepiada.

Ah, o desejo dela não havia desaparecido, nem um pouquinho. Porém, com certeza ele já não sentia o mesmo.

Um carro a levou até a cidade. Era dia de feira, então Casta estava bem movimentada. Era bom sair de dentro de casa e espalhar-se.

Postes de sinalização indicavam onde ficava o pronto-socorro, lugar que Bastiano veementemente proibira seu filho de nascer. Ela passou por uma escola e sorriu ao ouvir a risada das crianças.

Mais adiante ficava o velho tribunal, onde Bastiano contara que o testamento de Maria havia sido lido. A cidade era linda, com um hotel que já tinha visto dias melhores e uma rua repleta de lojas e cafés.

E também era um lugar excitante, pois Sophie avistou dois rostos famosos atrás de óculos de sol em um café em que ela entrou, com certeza após uma estada no Velho Convento.

O dono cumprimentou-a calorosamente.

– De passagem?

– Não, estou hospedada no Velho Convento. – Sophie sorriu.

– Ah, uma hóspede do *signor* Conti. – O dono sorriu. – Então precisamos encontrar uma boa mesa para você.

Ele chamou uma garçonete que a levou até uma mesa nos fundos.

– Para você – disse o dono ao trazer um copo grande de leite quente com groselha antes mesmo que Sophie olhasse o cardápio. – É a especialidade da casa, e vai fazer bem a você. E não se preocupe, ninguém vai incomodá-la aqui, nós vamos ficar de olho.

Ela levou um instante para perceber que eles achavam que ela era uma *cliente*.

Bastiano realmente havia feito maravilhas, pensou Sophie. Diferente da cidade natal dela, Casta era uma cidade alegre e agitada.

Sophie saiu à procura da igrejinha que havia lhe chamado a atenção no dia anterior.

Deve ter sido aqui que ele brigou com Raul, imaginou Sophie antes ao entrar no cemitério que ficava nos fundos. Ela leu as inscrições nas lápides.

Gino di Savo.

O pai de Raul, Sophie sabia. Ela viu que tinha morrido dez anos atrás.

Ao lado dele estava Maria, e Sophie tentou imaginar como funcionava a mente de uma mulher capaz de seduzir um garoto de 17 anos.

Então Sophie virou-se e encontrou o que procurava. O nome da mãe de Bastiano.

Philomena Conti.

Sophie comprimiu as narinas ao reparar na simplicidade do túmulo.

Ao ver a data da morte, nem tentou conter as lágrimas.

Philomena morrera no dia em que Bastiano nasceu.

Se Karmela não tivesse deixado escapar que era o aniversário dele no dia anterior, ela jamais teria descoberto. Compreendeu um pouco mais aquele homem; mesmo nas discussões sobre o filho, ele nunca mencionara o fato de a mãe ter morrido ao dar à luz para tentar assustá-la.

Era hora de parar de brigar, pensou Sophie.

SOPHIE TINHA algo para usar.

Ela vestiu a calcinha prata que havia comprado no dia em que Rosa a persuadira a provar o vestido para o casamento de Gabi.

O vestido não passava nem do busto dela, mas a echarpe cinza-prateada caiu como uma luva.

Pela primeira vez em meses Sophie colocou saltos, e embora não tivesse quase nenhuma maquiagem, despejou um pouco de água quente da torneira do banheiro no rímel para aproveitar até os últimos resquícios, e usou uma caneta para alcançar o final do batom.

Sophie ficou subitamente nervosa ao ver o carro dele chegando. Ela achava que estava produzida demais para os restaurantes que havia em Casta.

Caramba, até em Roma ela teria se sentido arrumada demais para sair às 17h!

– Sophie! – chamou Bastiano.

Ele achou que ela fosse alegar uma dor de cabeça para evitar o jantar, mas então ela surgiu, toda confiante.

Era como se uma estrela prateada tivesse surgido no céu antes mesmo de o sol se por.

– Aonde nós vamos? – perguntou Sophie quando eles passaram pelo carro.

– Nós vamos caminhar.

Com saltos altíssimos em uma trilha de terra, ela foi obrigada a aceitar o braço dele.

Era gostoso poder caminhar.

– Estou produzida demais? – perguntou ela quando chegaram ao convento.

– Talvez – disse ele. – Mas só porque prefiro você sem nada.

Era gostoso flertar, mas quando se aproximaram do restaurante, o nervosismo começou a falar mais alto.

– Vai ter muita gente?

– Nós estamos com vinte convidados – disse Bastiano quando entraram. – E, segundo as minhas instruções, todos estão jantando em seus quartos hoje.

Ah, era o paraíso.

Todas as mesas estavam sob a luz de velas, e cada uma delas havia sido acesa para Sophie. Bastiano, porém, levou-a para a sacada. O local tinha sido decorado com muito carinho, e havia uma única mesa posta só para eles.

– O ar está gelado – disse Bastiano. – Mesmo com os aquecedores...

– Você não está grávida de oito meses – contra-atacou Sophie ao sentar-se.
– Eu já me esqueci de como é não sentir calor.

– Nós não temos uma carta de vinhos – disse Bastiano depois de pedir uma água tônica com limão para os dois. – Meus hóspedes não têm limites.

Ele a fez rir.

E então quase a fez chorar.

– Eu devo desculpas a você – disse Bastiano. De repente, ficou sério. – Reagi da pior forma possível naquela manhã. O anel era da minha mãe, ele significava o mundo para mim, e eu tinha acabado de consegui-lo de volta com Raul.

– Com Raul? – Sophie franziu o cenho. – Por que ele estava com o anel?
– Eu o dei para a Maria. – Ele se sentia desconfortável em admitir. – Ela estava usando-o quando morreu, e todas as joias dela ficaram com Raul. Acho que ele nem sabia que o anel era meu.

– Como ele descobriu?
– Quando ele me pediu o endereço de Lydia, eu disse que só o daria se me devolvesse o anel.

Agora ela entendia melhor a reação dele naquela manhã.

Deve ter sido um inferno para consegui-lo de volta, só para perdê-lo.

– Foi Inga quem colocou o anel no seu uniforme.
– Inga? – Sophie franziu o cenho. – Ela confessou?
– Por favor... – Bastiano revirou os olhos. – Ela não tem consciência, ainda estava tentando culpar você enquanto era escoltada para fora.

E então ele contou como Inga gritara e xingara enquanto era levada para fora, e lembrou-se da dignidade de Sophie na mesma situação.

– Eu fiz Dario e Benita checarem os vídeos de segurança. Inga deve... – Ele hesitou. Não queria deixá-la envergonhada porque Inga provavelmente tinha ouvido os dois fazendo amor, então resolveu amenizar a verdade. – Ela deve ter visto o seu uniforme no chão.

Estava frio lá fora, apesar dos aquecedores, graças à brisa que vinha do oceano. Porém, subitamente Sophie sentiu uma espécie de lufada de ar quente sobre a pele ao lembrar-se daquela manhã, e olhou para ele.

– Acha que ela nos ouviu?
– Quem se importa?
– Eu me importo – disse Sophie, completamente chocada. – Embora não devesse me importar. Ela dorme com os hóspedes.

– Que chocante. – Bastiano fingiu estremecer, e então riu. – Deus abençoe as Ingas do mundo.

– Você é terrível, Bastiano!

– Ah, eu fui, mesmo.

E em vez de ficar brava, Sophie sorriu e riu, pois seu nome agora estava limpo. Era a melhor sensação do mundo.

Ou melhor: a sensação estava entre as melhores do mundo, pois naquele instante ele a encarava daquela maneira novamente, de uma forma que a

deixava com calor, que fazia o cansaço desaparecer e ela se sentir sensual e viva.

Um garçom trouxe uma porção de *mafalda*, que eles mergulharam no azeite.

– Os Conti e os Di Savo deveriam ter focado na produção de azeite, em vez de vinho – contou Bastiano enquanto comiam o pão. – Eles teriam ganhado uma fortuna.

– Os Conti e os Di Savo deveriam parar de brigar, ponto-final – disse Sophie, referindo-se a Raul.

– Concordo.

Ele estava cansado da rixa entre as famílias.

– Lydia também está grávida – contou Bastiano.

– Sua *quase* esposa.

Ela sabia que aquele amor não correspondido era uma maldição.

– Este pão está fantástico – disse Sophie, para mudar de assunto. Ela se perguntou se a sua nova vida iria ser assim dali em diante: mudando de assunto para não magoá-lo. Falando do clima e da comida, em vez do buraco que havia em seu coração.

– Você não vai conseguir algo melhor do que isso – disse Bastiano.

– Não é verdade – discordou Sophie. – O *chef* do Grande Lucia faz o melhor...

– Posso te contar uma coisa? – perguntou Bastiano, inclinando-se para mais perto. Ela encontrou os olhos dele e soube instantaneamente que estava diante de um sedutor, pois os lábios dele tinham aquele sorriso que a incendiava. Em vez de resistir, Sophie deixou-se levar, pois havia coisas muito piores do que ser seduzida por Bastiano.

– Diga – disse ela, pegando outro pedaço de pão.

– Eu roubei o *chef* do Grande Lucia. Ele está cozinhando para gente esta noite.

– Você roubou o *chef* de Alim? – Ela começou a rir.

Uma risada de verdade, pois Bastiano era tão habilidoso que ela se esqueceu dos joguinhos dele.

– Claro. Quando retirei a minha oferta, pedi para a minha assistente entrar em contato com o *chef* e fazer uma proposta que ele não poderia recusar.

Agora, em vez de alimentar as hordas de Roma, ele tem uma lista limitada de 22 pessoas para servir. Além dos funcionários...

– Seus funcionários comem no restaurante?

– Claro.

– Refeições cinco estrelas? – perguntou Sophie quando sobre a mesa foi colocado um prato de *busciate*, a melhor massa da Sicília com um molho leve de amêndoas.

– Todos merecem cuidados – declarou Bastiano. – Não apenas os hóspedes. É por isso que meus centros vão tão bem.

– Que incrível – disse Sophie. – Você deveria se sentir orgulhoso.

– E eu me sinto – concordou Bastiano. – As pessoas me acusam de destruir tesouros arquitetônicos, mas é porque não permito que tirem fotos dos interiores; não preciso de publicidade. Os retiros que ofereço são para o desfrute dos meus hóspedes.

E naquela noite o prazer era todo de Sophie.

Pontos de luzes começaram a dançar conforme o crepúsculo caía, e então ela compreendeu porque ele havia dito que não podia reagendar o sol, pois o astro agora era uma bola de fogo refletida no oceano.

– Quer dançar? – indagou Bastiano quando uma música suave começou.

Fazia meses desde que haviam estado nos braços um do outro e muita coisa mudara. Todavia, seus corpos se juntaram como se nunca tivessem se separado. Sophie envolveu o pescoço dele com os braços, seus olhos se encontraram e então se fecharam para o beijo.

Ela havia se esquecido do gosto da perfeição.

Como ele fazia mágica com aquela boca.

Como o calor da mão de Bastiano nas costas de Sophie fazia os dedos dela agarrarem a nuca dele. Como a sensação do corpo dele a excitava e fazia com que ela esquecesse os problemas.

Ela se sentia febril nos braços dele, dançando com ele, sendo seduzida por ele.

O beijo de Bastiano era a perfeição.

Ele fazia Sophie desejá-lo e sentir-se fraca.

– Por que você resiste a nós? – perguntou Bastiano.

Nos braços dele, Sophie não sabia a resposta.

– Venha – disse ele. – Vou levar você para casa.

CAPÍTULO 15

ELLES CAMINHARAM no escuro, mas a lua estava resplandecente e as estrelas iluminavam a noite. Deram as mãos como se fossem amantes eternos.

– Eu amei este lugar – disse Sophie, pois era mais seguro do que dizer “eu te amo”. Ela manteve as coisas leves, determinada a não revelar a dor que carregava no coração. – Fui a um café da cidade e eles acharam que era uma de suas clientes – admitiu Sophie, rindo. – Estou tentando imaginar por qual motivo acharam que eu me encontrava em reabilitação.

– Devem ter achado que você era a namorada de algum ator desregrado – disse Bastiano. – Às vezes esposas e namoradas vem passar um dia ou dois enquanto os maridos se endireitam.

– Mesmo? – Eles pararam diante da porta e ele lhe deu um beijo doce, um que fez os dedos dos pés dela se curvarem.

– Mesmo.

– Quem?

– Não posso contar – disse Bastiano.

Dali ela podia ouvir as ondas do mar. Ele sabia que aquele era o momento.

– Não até você se casar comigo.

Bastiano fazia tudo do jeito correto.

Bem, ele não se ajoelhou, mas tirou uma caixinha preta do bolso, fazendo a garganta dela se constringir.

E ali estava.

A prova de que ele não a amava.

Um diamante tão grande e reluzente que poderia muito bem ser uma das estrelas do céu.

Naquele instante ela soube que nunca teria a importância que tanto queria ter para Bastiano, pois aquele não era o anel que significava tudo para ele.

– Não está faltando alguma coisa aqui, Bastiano?

Ele sabia exatamente ao que ela se referia.

– Sabe por que as pessoas acham que sou um cretino? – Quando ela não respondeu, ele continuou: – Porque não digo o que as pessoas querem ouvir.

Era um péssimo jeito de pedir alguém em casamento, pois uma lágrima pesada escorreu pelo rosto dela.

– Às vezes a mentira é um ato de bondade.

– Mas não agora.

Se estivessem mesmo sendo sinceros um com o outro, ele iria lhe dizer o quanto aquilo doía.

– Você deu o anel da sua mãe para Maria.

– E olha no que deu! – Ele não entendia por que ela preferia o anel amaldiçoado da mãe dele ao diamante que ele havia escolhido com tanto carinho. – Eu joguei fora aquele anel velho. Só trazia desgraça.

Como ele era frio, pensou Sophie, a ponto de se livrar do pertence mais valioso ao coração dele. O que iria ser capaz de fazer a ela e ao filho deles? Mas então ele lhe contou algo, de forma honesta e verdadeira.

– Farei de tudo para que o nosso casamento dê certo. Vou ler todos os livros para ser o melhor pai que posso ser... – Ela chorava, ainda. – Sophie... Acredite em mim, você não quer o meu amor.

Soluçando, ela passou correndo por ele e foi para o quarto.

Acredite em mim, queria gritar Sophie. Eu quero.

Claro que eles iriam se casar.

Bastiano seria um pai maravilhoso. E mesmo sem o amor dele, Sophie sabia que o casamento poderia ser maravilhoso, pois se importava com ela. Provara isso naquele dia, pois em nenhum momento mencionara que a mãe dele havia morrido durante o parto.

Ele era mais bondoso e justo do que imaginava, e ela sabia que o amava.

E o desejava.

Como ela o desejava.

Teria que se contentar com um bilionário viril.

Buá-buá!

Mesmo com o coração pesado, só de pensar nele Sophie sorria. Queria um pedacinho daquele coração negro e arredio, mesmo que ele nunca fosse ser dela por completo. Ela estava começando a entender que havia um lado de Bastiano que ele jamais iria conhecer.

Aquele fora um privilégio de Maria, e ela estava cansada de competir com um fantasma.

Tudo o que Sophie podia fazer era ser ela mesma.

E iria fazer as próprias regras.

Chutou para o canto os sapatos apertados, o que significava que Bastiano não iria ouvi-la se aproximar do quarto dele.

Bastiano estava deitado com as mãos atrás da cabeça, da mesma forma que ela o encontrara da primeira vez, só que agora ele estava vestido e de cara amarrada.

– Se nós vamos nos casar – disse Sophie, e Bastiano olhou para ela parada na porta. – Então vai ter que ser aqui. Se o nosso filho vai ser criado em Casta, eu quero me casar na igreja. É mais do que uma formalidade para mim.

– Sophie...

– Deixe-me terminar. Se vamos nos casar, então temos que nos comprometer. Podemos partir assim que a cerimônia terminar. Sei que vai levar algumas semanas para cuidar de tudo...

– Eu vou cuidar disso – disse Bastiano. E ele ia mesmo. – Você só precisa se vestir e aparecer.

Eles se casariam em até 48 horas, se isso significasse que logo em seguida poderiam ir para o hospital que ele havia escolhido.

– Eu vou me mudar amanhã – disse ele.

– Mudar? – Sophie riu. – É um pouco tarde para isso.

– Neste caso, então, venha aqui.

Havia uma chama nos olhos dele que a deixou excitada e nervosa ao mesmo tempo.

– Será que não devemos esperar até depois do casamento?

– Eu me pareço com Luigi, por acaso? – perguntou ele.

– Não. – Sophie sorriu e se aproximou dele.

Bastiano pôde sentir o bebê chutar, o que foi extraordinário e tranquilizador ao mesmo tempo, pois dentro da barriga ele sabia que o filho deles estava seguro.

– Eu vou cuidar muito bem de vocês dois.

A voz dele estava embargada pela emoção, e mesmo que não fosse por amor, ela sabia que as palavras vinham do coração.

– Eu sei.

Assim como na primeira vez, ela se inclinou na direção dele, só que desta vez foi direto para a boca. Foi um beijo profundo, sensual e sem pressa, e ele a colocou sentada em seu colo.

– Finalmente – disse ele.

Só que agora havia um bebê entre eles, e um casamento para se planejar. Aquela era a noite mais triste e feliz da vida dela.

Sophie viu o brilho do anel enquanto tirava a gravata e abria a camisa dele. Beijaram-se longa e demoradamente, as mãos dele deslizando sobre o vestido prateado.

Bastiano abaixou o zíper quase invisível e retirou o vestido dela por cima. Os seios túrgidos estavam aprisionados em um sutiã de renda, e ele os acariciou por sobre o tecido antes de trazê-la para a frente e prová-los.

Os dedos dele abriram o fecho e, com a peça pendurada nos braços dela, a boca dele encontrou a pele. O toque da língua dele podia fazê-la gemer, e o morder dos dentes faziam-na suplicar.

Tão ávidos estavam que o sexo dela já se encontrava nas mãos de Bastiano enquanto Sophie lidava com o cinto e zíper dele.

– Você e eu – disse ele, mas não terminou.

Não porque ele não queria dizer certas coisas à noite que iriam desaparecer pela manhã, mas porque seu amor, Bastiano tinha certeza, era uma maldição tóxica.

Quando estavam juntos, a vida parecia funcionar.

E naquele momento, estavam juntos.

Sophie podia sentir as mãos dele guiando sutilmente o quadril dela enquanto ele lutava para se segurar.

As coxas dela o prenderam e ela se sentou, causando um arrepio que percorreu o corpo inteiro dele.

Sophie espalmou as mãos sobre o peito de Bastiano enquanto ele a penetrava ritmicamente. Agora não havia mais nada para detê-los, pois ele sabia que ela o amava, e ela gritou o nome dele ao chegar ao êxtase.

Então ele a mudou de posição e chegou ao próprio clímax nela.

Foi o orgasmo mais íntimo e mais intenso da vida dele.

Deitados na cama, Bastiano acariciou a barriga dela.

– Está dormindo – disse Sophie, e logo ela também iria estar.

No meio da noite, o bebê acordou.

Sophie não percebeu.

Mas Bastiano, sim.

Ele sentiu uma onda de movimento sobre a mão, e depois um inconfundível chute, que o fez ter a certeza de estar tocando o futuro.

Não apenas o do bebê, mas o de Sophie.

E ele iria fazer o possível para dar à mãe do filho dele o casamento que ela merecia.

CAPÍTULO 16

– *B*UONGIORNO, SIGNOR.

Bastiano não respondeu à saudação animada.

O melhor quarto no melhor hotel de Casta não chegava nem perto do vigésimo andar do Grande Lucia. A camareira ignorou o gesto dele para que ela fosse embora e abriu as cortinas.

– É um lindo dia para se casar – disse ela.

Graças a Deus, o dia havia chegado!

Bastiano estava há duas noites longe do Velho Convento, e estava louco para voltar para lá.

Não literalmente.

O Casta Hotel não era tão ruim assim!

Ele só estava com saudades de casa. Todavia, assim que o casamento terminasse, iriam direto para Roma, e ele estava ansioso pela viagem.

Era o fato de aquele quarto estar tão perto da rua que o irritava, pensou Bastiano.

Nunca havia sentido a falta de ninguém em toda a vida, e por isso ainda não tinha percebido que estava simplesmente sentindo saudades da futura esposa.

A nuvem negra de preocupação que pairara sobre a cabeça dele por meses estava de volta. Com certeza, não era assim que um noivo deveria se sentir no dia do próprio casamento.

Uma esposa-troféu seria mais fácil, pensou Bastiano enquanto se arrumava no banheiro modesto. Sim, uma bela esposa-troféu teria exigido um casamento suntuoso em vez da igreja local.

Ele vestiu uma calça jeans preta e um moletom, e sorriu ao imaginar como o sultão Alim e Gabi estavam se virando no fim do corredor.

Aquele lugar certamente não era um palácio.

Embora tivesse concordado com um casamento simples, Bastiano ainda achava que Sophie merecia mais do que o básico.

A família dela iria estar presente, além de Gabi e Alim. E, pelo visto, todo o vale compareceria também; a notícia havia se espalhado, e todos estavam genuinamente animados com o matrimônio. Inclusive alguns hóspedes VIPs do Convento tinham tirado um dia de licença.

Aquele estava se transformando no casamento do ano, e Sophie não fazia a mínima ideia.

Ele resolveu dar uma volta e ir até a padaria em vez de ficar pensando por que estava fazendo tudo aquilo por ela.

A igreja estava enfeitada de acordo com a ocasião, com flores e fitas. Mais por sentimentalismo do que por hábito, ele resolveu dar a volta pela lateral e entrar no cemitério.

Por mais que fosse apenas uma formalidade, aquele era o dia do casamento dele, afinal de contas.

Porém, ao virar a esquina, deparou-se com um sujeito que o deixou aturdido.

Raul di Savo.

Ele, depois de tudo o que aconteceu entre os dois.

Mas desta vez Raul não correu entre as lápides para atacá-lo; ao contrário, permaneceu imóvel, e Bastiano caminhou até ele.

– Suponho que você não esteja aqui para o casamento.

– Não, eu acabei de ficar de sabendo. – Raul sorriu sutilmente. – Hoje é o aniversário da minha mãe.

– Ah. – A primeira coisa que Bastiano pensou foi que Sophie iria surtar se descobrisse que ele havia marcado o casamento no dia do aniversário de Maria.

Bastiano, porém, não fazia a mínima ideia.

Ele olhou para o túmulo dela, como havia feito inúmeras vezes, e lá estava a data de nascimento de Maria gravada na lápide.

– Ouvi dizer que você vai ser pai – disse Bastiano, e Raul assentiu.

– Lydia voltou para Veneza. O parto será daqui duas semanas.

– O de Sophie também.

Bastiano virou-se e caminhou até o túmulo da própria mãe, onde ficou por um instante.

Aquele lugar não trazia paz alguma.

Será que ela sabia que tinha tido um filho?

Dali a algumas semanas, Bastiano iria ter um filho, e de repente ele sentiu a necessidade de consertar as coisas, de resolver as desavenças do passado. Quando ouviu o som dos passos de Raul se afastando, virou-se e foi atrás dele, e o som de seus passos sobre o cascalho foi ainda mais alto.

– Raul! – chamou ele. Raul hesitou um instante antes de virar-se.

– Por que se recusou a ouvir o meu lado da história? – Ele encarou o homem que um dia fora seu amigo. – Porque eu não era da família?

Por um instante Bastiano achou que a história estava prestes a se repetir, que ele ia novamente ter um encontro com o punho de Raul, e se imaginou tentando explicar porque havia escolhido aquele, dentre todos os dias, para confrontar seu arqui-inimigo...

Só que nenhuma luta ia acontecer naquele dia.

– Aqui não – disse Raul. Juntos, eles subiram a colina e sentaram nos arredores do convento, onde haviam passado muitos dias quando jovens.

Ficaram em silêncio, até que Raul finalmente falou.

– Eu não *quis* ouvir o seu lado. Foi mais fácil culpar você...

– Acho que sim – disse Bastiano. Ele aprendera no berço que a família vinha primeiro.

– Eu sempre cuidei dela.

As folhas das árvores farfalhavam e o som dos pássaros parecia desaparecer conforme ele descobria que tinham havido outros.

Muitos outros.

E sob seus pés a terra pareceu estremecer e se reassentar enquanto reorganizava os pensamentos.

– Eu sei que você não foi lá para seduzi-la – disse Raul. – Eu só não estava pronto para ouvir isso naquela época. – Então ele olhou Bastiano dentro dos olhos. – Peço desculpas. Quando descobri que ela havia pegado o seu anel...

Bastiano estava prestes a corrigi-lo, a dizer que ele dera o anel para Maria, mas esse era só um truque da mente dele. Um truque que Maria soube fazer muito bem.

Se você me ama, não vai me negar uma coisa bonita como este anel.

Não era amor.

Maria havia dito que era, e como ele não tinha com saber o que era o amor de verdade, acabou acreditando.

– Minha mãe teve muitos amantes. Eu nem sei se Gino é o meu pai – admitiu Raul. – Ele se casou só porque ela estava grávida.

– Ele fez a coisa certa, pelo menos.

– Não. – Raul balançou a cabeça. – Ele tinha muito rancor de nós. Ninguém deveria se casar só para... – Ele hesitou, talvez por não saber da situação de Bastiano.

– Eu amo Sophie.

Ele sabia que deveria ter dito isso a ela primeiro, mas só percebera naquele momento.

O amor o fez sorrir, *de verdade*.

Porque na manhã do próprio casamento, enquanto reorganizava as verdades do passado, só de pensar nela Bastiano já se sentia mais calmo. Ele sentia falta de Sophie, e não de casa.

– Desculpe – disse Raul. – Eu não estava insinuando que você não a ama. Só quis dizer que às vezes...

– Não, você está certo – falou Bastiano. – Eu ainda não disse isso para Sophie. – Ele olhou para o Velho Convento e a imaginou se preparando para a cerimônia, sem saber o que ele sentia. – Na verdade, eu disse que jamais iria conseguir amá-la.

– Então precisa ligar para ela.

Mas ao sacar o telefone, Bastiano já estava tentando escalar o muro do convento, como um adolescente. A segurança do local era muito boa, feita para deixar a imprensa do lado de fora, pois havia vidro e uma cerca elétrica no topo do muro.

– Você precisa mudar – disse Raul quando Bastiano finalmente desistiu. –
Vai se casar logo.

Com uma noiva que não sabia que ele a amava.

CAPÍTULO 17

CRETINO!

Sentada no banco de trás do carro ao lado do pai, Sophie viu quando o padre fez sinal para que dessem uma volta.

Ele estava atrasado para o próprio casamento!

Talvez fosse por isso que estava ligando, pensou Sophie, tentando conter as lágrimas.

Para cancelar tudo.

Ela respirou fundo enquanto o carro subia a colina, e não teve certeza do motivo pelo qual ficou sem ar: se era por causa da barriga apertada no vestido ou a visão do noivo todo descabelado correndo em direção à igreja, junto ao arqui-inimigo.

O padre abriu um sorriso quando o noivo apareceu. Porém, ao pisar para fora do carro, ela sentiu outro tipo de dor.

Por sorte, o padre e o pai de Sophie acharam que ela estava somente se recompondo quando ela se apoiou por um instante na porta da igreja, em silêncio.

A igreja estava lotada.

E ela, em trabalho de parto.

Se Bastiano estava atrasado para o próprio casamento, Sophie tinha certeza de que ele não iria pensar duas vezes em cancelar tudo se descobrisse. E ela queria estar casada antes que o bebê nascesse. Ou seja, ela precisava sorrir e aguentar!

As contrações ainda não eram muito fortes, e estavam bem espaçadas. Os primogênitos costumavam demorar para nascer, dissera o médico.

Então ela começou a caminhar pelo corredor, e se surpreendeu quando uma atriz muito famosa sorriu encorajadoramente para ela, e um rapper famoso também.

O que estava acontecendo?

E lá estavam Gabi e Alim, e o coração dela ardia em chamas enquanto caminhava em direção ao homem que amava e sempre amaria.

SOPHIE ERA como o sol, pensou Bastiano conforme ela se aproximava.

A igreja, que já havia testemunhado tanta dor e escuridão, estava repleta de cor e sorrisos.

Era tarde demais para usar branco, então o vestido dela era creme com detalhes em verde, igual às pequenas rosas que ela usava no cabelo.

Seus votos foram sinceros, do fundo do coração. Bastiano teve a certeza de que as coisas nunca teriam dado certo com uma esposa-troféu.

– Amarei você todos os dias da minha vida – disse ele, olhando no fundo dos olhos dela, que estavam levemente cerrados, como se suspeitassem de algo. – Eu realmente amo você – sussurrou ele, ao colocar a aliança no dedo dela.

Por favor, não minta, pensou Sophie, pois as palavras dele soavam verdadeiras e ela não suportaria o peso daquela ilusão, não em seu casamento. Ela disse a mesma coisa, mas no meio da frase a contração foi tão forte que ela agarrou com força os dedos dele.

Bastiano soube no mesmo instante.

Tinha visto Sophie na entrada, e percebera a dor por trás daquele sorriso. Seu primeiro instinto foi o de cancelar o casamento, mas sabia o quanto era importante para ela.

– Acho melhor nós encurtarmos a cerimônia – disse ele em voz baixa para o padre.

Foi uma cerimônia curta, de fato, e os sinos tocaram em Casta quando o noivo e a noiva emergiram da igreja.

O passado havia ficado para trás, Bastiano sabia.

Quase.

Ele olhou para o cemitério em que sua mãe estava enterrada. Queria sair dali e ir para o helicóptero o quanto antes.

Não ia ter bolo para o noivo e a noiva.

– Olhe! – Gabi segurava um anel. – Vejam o que eu encontrei no meio do cascalho!

Seria um sinal?

Uma benção da mãe dele?

Era o que Sophie certamente acreditava, pois logo colocou o anel. Bastiano sorriu, mas enquanto cumprimentava os convidados, ele se sentia como se tivesse levado um banho de água fria.

– Vamos para o helicóptero – disse ele, mas Sophie balançou a cabeça.

– Acho que não dá tempo.

– Sophie... – O medo envolveu o coração dele; tudo o que Bastiano conseguia ver era aquele maldito anel. Não a aliança de casamento e a de noivado que ele lhe dera, só aquele anel que simbolizava a morte.

– Por que não vai ao pronto-socorro? – sugeriu Gabi. Ela estava acostumada com dramas de casamentos e a manter tudo sob controle. – Se eles disserem que dá tempo de fazer a viagem, vocês podem partir de lá mesmo.

– Boa sorte – disse Raul, apertando a mão dele. – Você merece.

No caminho curto até o pronto-socorro, Sophie tinha muitas perguntas.

– Você chegou atrasado.

– Eu estava tentando falar com você.

– Como assim Raul foi o seu padrinho?

Ah, como ela queria saber o que tinha acontecido, mas a dor foi tanta que agarrou com força a mão dele. O mundo teria que esperar.

O cheiro do hospital o deixou enjoado.

Eles atravessaram a maternidade e passaram pelo berçário.

– Posso falar com minha esposa em particular, por favor?

– Eu vou ter o meu filho aqui – gritou Sophie, pois ficou muito feliz ao ver o doutor de cabelo grisalho e sorriso gentil. – Não quero ir para Roma!

– *Signor...* – Uma obstetra que se apresentou como Stella perguntou se poderia falar com ele do lado de fora. Ela era uma senhora de idade muito doce.

– Sua esposa logo vai ter o bebê, ela está pronta. O senhor precisa ficar calmo por Sophie.

– Eu estou calmo – disse ele.

E Bastiano estava.

Ninguém o conhecia.

Ninguém nunca havia conseguido entendê-lo, pois ele nunca permitira que alguém se aproximasse o suficiente. Era uma sensação estranha querer tanto estar próximo de Sophie.

Stella, porém, pensava diferente.

– Bastiano, eu estava aqui quando você nasceu e eu entendo porque está preocupado com Sophie, mas não há tempo para a transferirmos...

– Será que dá tempo de eu conversar com a minha esposa em particular?

– Se for bem rápido, sim.

– Eu só preciso de um instante.

Sophie viu quando Bastiano entrou e pediu para que os médicos saíssem por um momento. Ele então fechou a porta.

– Eu te amo – disse ele.

– Bastiano... – implorou ela. – Por favor, não faça isto. Você amava Maria.

– Não, ela disse que eu a amava e eu acreditei, pois não fazia a mínima ideia do que era o amor. Eu tinha só 17 anos. Você estava certa. Eu amo *você*. Como nunca amei ninguém antes.

Sophie sabia que ele jamais diria isso só para agradar alguém. Assim, soube no mesmo instante que ele estava falando a verdade.

Era amor, ela podia sentir sua força envolvente, uma energia mais forte do que a dor que a consumia.

O encorajamento de Stella era necessário, pois, apesar da figura esguia, aparentemente ela gerava bebês grandes.

O apoio de Bastiano também era necessário, então ele não olhou para a esmeralda e as pérolas no dedo dela, mas no fundo dos olhos de Sophie e disse que sim, que ela ia conseguir, que precisava fazer força só mais uma vez para o bebê sair.

– Na verdade, duas vezes – corrigiu ele.

Sim, ela gerava bebês grandes.

Bebês altos e de ombros largos.

Bastiano assistiu o filho nascer e ser colocado sobre a barriga de Sophie. Seu choro vigoroso ecoou pela sala de operação.

– Igualzinho ao pai. – Stella riu enquanto o bebê esperneava. – Eu costumava ficar um pouco depois do fim do meu turno para niná-lo. – Ela sorriu ao ajudar Sophie a alimentar o bebê, e então ele se acalmou.

Era um bebê lindo, com longos cílios e cabelo negro. Finalmente, depois do choque de sua entrada neste mundo, ele adormeceu pacificamente nos braços da mãe.

O inferno dos últimos meses havia chegado ao fim.

– *Complimenti, signora Conti* – disse uma enfermeira ao trazer uma refeição mais do que desejada.

– Eu ainda não me acostumei com o meu nome. – Sophie riu enquanto Bastiano segurava o bebê. Ela comeu um brioche e tomou um copo de leite quente com noz-moscada.

– Vai ter que se acostumar com dois nomes – disse Bastiano, olhando para o filho. – Já decidiu o nome do nosso filho?

– Não.

Ela nunca havia se sentido tão feliz. Do quarto na maternidade eles assistiram o sol se por sobre Casta, encerrando o dia do casamento e do nascimento do filho deles.

– Aqui.

Bastiano abriu a garrafa, e Sophie finalmente tomou um gole mais do que esperado de champanhe. Ela abriu um sorriso quando Stella veio ver se estava tudo bem.

– Vocês receberam várias ligações – informou Stella. – Há uma festança acontecendo na cidade.

– Que horas o seu turno termina? – perguntou Sophie.

– Meia-noite.

Sophie entregou para Bastiano o filho deles, que agora estava contente, e o observou colocá-lo no berço de acrílico.

– Estou cansada – disse ela.

– Então durma.

– Vai ficar aqui?

– É claro.

Sophie adormeceu profundamente por causa da exaustão. Ela acordou após a meia-noite e ficou aflita ao perceber que nem o bebê e nem Bastiano estavam no quarto.

Vestiu uma camisola e saiu. Passou pela sala de parto e encontrou Bastiano sentado no berçário com o filho deles no colo, conversando com Stella.

Quando o bebê começou a chorar, Stella estendeu os braços, e Bastiano entregou o filho para a médica. Eles estavam absortos na conversa, e Stella não parecia estar com pressa de ir embora, apesar de seu turno já ter acabado.

Algo disse para Sophie que ela não deveria se aproximar. Para Bastiano estar sentado tendo uma conversa tão intensa, Stella provavelmente estava dizendo coisas que ele precisava ouvir.

Sophie voltou para o quarto e ficou assistindo a lua passear pelo céu. Ela esperava que seu marido pudesse ter alguma paz de espírito, pois ele havia feito as pazes com o passado, mas algo ainda estava faltando.

– Oi.

Ele ainda demorou um bom tempo para voltar, e quando entrou no quarto seu rosto parecia feito de mármore sob o luar, a cicatriz vívida. Ela percebeu que a voz dele estava constricta, embora ele se comportasse como se tudo estivesse normal.

– Ele está com fome de novo.

Sophie amamentou o filho nem tão pequeno e tentou pensar em um nome para ele.

– Não consigo me decidir – disse Sophie quando chegaram a dois nomes. Ele dormiu nos braços dela, fazendo burburinhos de satisfação, e quase não se agitou quando Bastiano o pegou e o colocou no berço.

Então ele voltou para a cama e a tomou nos braços, aspirando o perfume do cabelo dela, e o mundo que havia virado do avesso voltou ao delicioso normal.

– Stella estava ao lado da minha mãe quando ela me teve. – Bastiano contou sobre a conversa que eles tiveram. – Eu sempre achei que ela havia morrido durante o parto, mas foi só depois...

– Então ela morreu sabendo que teve um filho?

Sophie sentiu ele concordar com a cabeça, e os dois se abraçaram.

– Ela escolheu o meu nome. Significa “homem respeitável”, e isso era o que ela queria para mim, embora não fosse casada.

– Sua mãe escolheu apropriadamente – disse Sophie, pois Bastiano era um homem muito respeitado em Casta agora.

– Aparentemente ela teve um ataque cardíaco, por causa da pressão alta. Durante o parto ela ficava chamando pelo meu pai... – Ele nunca estivera tão próximo de chorar em toda a vida, mas lutou contra as lágrimas. Então contou a Sophie a verdade que tinha acabado de descobrir. – Ele não pôde ir ao hospital, é claro, pois tinha uma esposa e um filho. Eu acabei de descobrir que Raul é meu irmão.

Sophie levantou-se e, sentada na cama, virou-se para ele. Em uma conversa onde não havia nenhum sorriso, Sophie encontrou um.

– Meio-irmão – disse ela. – Há uma grande ênfase em “meio”, pois Maria não era a sua mãe.

– Não. – Ele sorriu. – Certamente não.

E ele continuou contando o que havia descoberto. A mãe dele chorara durante todo o longo parto, que a jovem obstetra na época estava auxiliando.

– Gino e ela namoraram durante um tempo, mas ela queria se guardar para o casamento. Maria decidiu que queria Gino e deu a ele o que minha mãe se recusou a dar. Maria ficou grávida, e por isso ele se casou com ela, mas pelo visto nunca parou de amar a minha mãe. Ela acabou cedendo e dormindo com ele, e logo começaram a ter um caso, mas a essa altura ele já tinha um filho. Eu também acho que ele a amava, pois lhe deu este anel...

– Mas e você? – perguntou Sophie. – Ele te amava?

Ele expirou longamente.

– Ele me culpava pela morte dela, e aparentemente só deu uma olhada em mim e foi embora.

– Você acha que Maria sabia disso?

– Acho que ela me seduziu do mesmo jeito que seduziu o meu pai – disse Bastiano. – Creio que eu fazia com que Maria se lembrasse do meu pai, e para se vingar do marido que não a amava, ela deixou todo o dinheiro para o filho dele...

– E olhe tudo o que você conquistou com ele – declarou Sophie.

Pois ele havia lutado para ganhar o respeito de todos, e transformara ruínas em obras de arte.

Eles se beijaram, e Bastiano se sentiu em paz ao se deitar ao lado dela. Ficaram acordados observando a noite desaparecer e a luz preencher o céu.

– Ligue para Raul – disse ela.

– É cedo demais para isso.

– Acho que essa notícia está 32 anos atrasada.

Da cama, Sophie ouviu Bastiano dar a notícia para Raul. Que eles eram mais do que amigos, e que mesmo como inimigos estavam invariavelmente conectados um ao outro, pois eram irmãos.

– Sim – disse Bastiano. – Nós já temos um nome. – Ele olhou para Sophie ao dizer o nome do filho deles em voz alta. – Rafael.

Um nome mais do que apropriado, pois significava “aquele curado por Deus”.

Foi o que ele fez.

EPÍLOGO

NÃO HAVIA um lugar melhor para o chá da tarde do que o Grande Lucia, e Sophie não teve que pensar muito para dizer sim.

Lydia e Raul estavam vindo de Veneza e Gabi e Alim estavam hospedados no hotel. Não havia melhor motivo para Sophie viajar para Roma do que rever os amigos.

Ronaldo cumprimentou-a calorosamente, e Anya acenou. Que felicidade foi deixar-se cair em uma poltrona de couro, comer bolos deliciosos e rir e colocar a conversa em dia.

Raul e Lydia tiveram uma filha, Serena, alguns dias mais nova do que o primo Rafael, e a pequena Lucia era uma delícia – a chefe dos bebês, todos concordavam.

Ah, Sophie adorava estar ali.

Ela sentia uma familiaridade acalentadora no hotel, e ficou muito feliz ao saber que Gabi havia convencido Alim a não o vender.

Era quase como uma segunda casa para ela.

Olhou para Bastiano, que segurava o filho deles no colo, e vê-lo rir de alguma coisa que Raul disse fez o coração dela bater com força.

Sim, Sophie era uma ladra, pois roubara o coração de Bastiano, e cuidava dele com muito carinho, da mesma forma que ele cuidava do coração dela.

Família.

Absolutamente.

Eles tinham sido feitos para amar um ao outro, ela não tinha dúvidas.

– Vocês vão ficar aqui?

– Claro. – Sophie sorriu. – Eu só gostaria que eles não tivessem despedido Inga, para ela servir o café na cama para nós.

Ah, seria perfeito.

Foi uma tarde maravilhosa que se estendeu para o jantar. Já era tarde da noite quando Bastiano colocou Rafael no berço, enquanto Sophie se aprontava para a cama.

– Sophie – chamou Bastiano, pois ela estava demorando muito, e agora que o bebê dormia era hora de abrir o champanhe.

– Só um minuto.

Ele serviu duas taças e as colocou ao lado da cama. Estava prestes a levantar-se para abrir as cortinas quando Sophie saiu do banheiro.

Ela usava o antigo uniforme, e o cabelo estava preso em um coque desarrumado. Ela sempre o fazia sorrir.

Primeiro abriu as cortinas e parou um instante para apreciar a vista, e para agradecer à vida, pois tinha tudo o que poderia querer e mais.

– Venha aqui – disse ele.

– Só estou preparando a vista para você, *signor* Conti – disse ela, virando-se com um sorriso. – Depois eu vou arrumar a cama... Com você nela.

Os dois se amavam demais.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

W853m

Marinelli, Carol

A escolha da paixão [recurso eletrônico] / Marinelli, Carol; tradução Rafael Bonaldi. – 1. ed. –
Rio de Janeiro : Harlequin, 2018.
recurso digital

Tradução de: Sicilian's baby of shame

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-8539826117 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Marinelli, Carol. II. Rafael Bonaldi. III. Título.

18-49165

CDD: 828.99363

CDU: 821.111(680)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: SICILIAN'S BABY OF SHAME

Copyright © 2017 by Carol Marinelli

Originalmente publicado em 2017 por Mills & Boon Modern Romance

Publisher: Omar de Souza

Gerente editorial: Mariana Rolier

Assistente editorial: Tábata Mendes

Arte-final de capa:

Isabelle Paiva

Produção do eBook: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3175-1030

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Texto de capa

Rosto

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Epílogo

Créditos

 HARLEQUIN

Paixão

AUTORA BEST-SELLER DO *USA TODAY*

Carol Marinelli

—
Amante do Deserto



Edição 498

Amante do Deserto

Marinelli, Carol

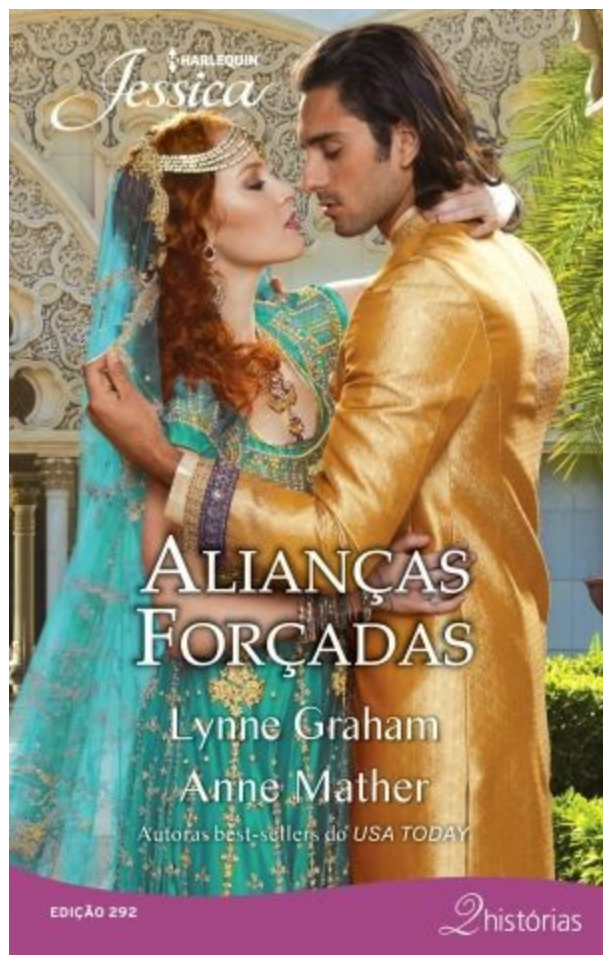
9788539826063

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma consequência escandalosa! Uma noite com Gabi não foi o suficiente para satisfazer o sultão Alim al-Lehan, mas ele precisa deixá-la, pois o dever o chama de volta à sua terra natal. Com o passar dos meses, as memórias do caso proibido se tornam impossíveis de ignorar. A única saída é convencer Gabi de que o caso pode continuar nas areias do deserto. Alim não esperava a recusa furiosa dela, ainda mais depois de descobrir que Gabi teve um bebê... o seu bebê! Agora, precisa mantê-la em sua vida, mais do que nunca. Mas ele terá que decidir se aceita as condições de Gabi: o casamento!

[Compre agora e leia](#)



Alianças forçadas

Graham, Lynne

9788539826711

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

SOB AS LEIS DO DESERTO - LYNNE GRAHAMEsposa por decreto real!A professora de línguas Molly Carlisle fica furiosa quando é sequestrada por um jovem sheik impulsivo e levada ao reino de Djalia. Mas, ao conhecer o irmão do seu captor, toda a raiva é substituída por uma onda de desejo. O rei Azrael faz o possível para resistir à tentação das curvas de Molly, até que uma tempestade de areia os deixa presos no deserto. Para proteger a reputação dela de um escândalo, Azrael declara que se casaram em segredo e, para o povo, isso é o anúncio de que Molly é a nova rainha! Agora Azrael está determinado a ter sua noite de núpcias...**HERDEIRO DO DESEJO - ANNE MATHER**Uma noite de volta à cama do casal...A incapacidade de engravidar deixou o casamento apaixonante de Joanna e Matt Novak em pedaços. Mas quando ela decide pedir o divórcio, Matt não aceita facilmente. Com as emoções à flor da pele, o desejo entre eles explode e, só mais uma vez, Matt e Joanna se entregam ao toque um do outro. Depois do inesperado momento de paixão, eles concordam em seguir caminhos separados... até Joanna descobrir uma pequena consequência de sua noite juntos...

[Compre agora e leia](#)

 HARLEQUIN

Paixão AUDÁCIA

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

Maisey Yates

Desejo Profundo



2/3

Edição 14

Desejo Profundo

Yates, Maisie

9788539823932

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Segundo livro da minissérie "Amores Inesperados".Autora best-seller do The New York Times. Um laço inabalável! O fim do noivado do príncipe Raphael DeSantis virou um escândalo internacional. Mas, para Bailey Harper, foi ainda mais surpreendente. Ao ler nos jornais que o ex-amante é um membro da realeza, ela percebe que carrega no ventre um herdeiro ao trono! Agora que seu casamento de conveniência foi desfeito, Raphael só pensa em retomar o relacionamento que tinha com Bailey. E quando descobre que ela está esperando um filho seu, sabe que precisa transformá-la em sua esposa. Bailey pode até estar relutante em se tornar rainha, mas será que conseguirá resistir ao poder de persuasão desse estonteante príncipe?

[Compre agora e leia](#)



Sedução & Poder

Lawrence, Kim
9788539824052
320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Autoras Best-seller do USA TODAY. PALÁCIO DA SEDUÇÃO - KIM LAWRENCE Desejo Implacável! Depois de um trágico acidente, Danilo Raphael deixou a culpa dominá-lo e se manteve recluso. Porém, ao ver a bela Tess Jones em apuros, ele não consegue controlar o instinto protetor e oferece refúgio em seu palazzo. Tess pode ser inexperiente, mas sabe o que deseja. E mesmo Danilo sendo o homem mais sensual que já viu, ele é o oposto do que Tess sempre sonhou. Contudo, a paixão entre eles é muito forte para ser ignorada. E não demora para Tess se entregar de corpo e alma. Mas ela sabe que esse romance é passageiro... A menos que Danilo abra mão do passado em nome de um futuro a seu lado.

DÍVIDA DE PAIXÃO - LOUISE FULLER "Você me deve uma lua de mel." O casamento de Addie Farrell com o magnata Malachi King durou exatamente um dia. Assim que descobriu que seu noivo não a amava, ela foi embora. Cinco anos depois, para manter sua instituição de caridade, Addie terá de encarar seu sensual marido e a perigosa atração que existe entre eles. Malachi sentiu-se humilhado quando ela o deixou, e vê no pedido de ajuda de Addie a oportunidade perfeita para se vingar. Ele dará todo o dinheiro de que Addie precisa. Em troca, Malachi finalmente conseguirá a noite de núpcias que tanto deseja!

[Compre agora e leia](#)

 HARLEQUINCOLEÇÃO
DOCE
ROMANCEJessica
HartSONHO
SECRETORaye
MorganRECORDAÇÕES
DE UM BEIJO

VOL. 002

Sonho Secreto e Recordações De Um Beijo

Hart, Jessica

9788539822775

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coleção Doce Romance 02 - Sonho Secreto E Recordações De Um Beijo - Jessica Hart e Raye Morgan SONHO SECRETO – Jessica Hart A eficiente e orgulhosa Miranda Fairchild está acostumada a fi-car em segundo plano, suas duas lindas irmãs sempre roubavam a cena e a atenção de todos. Porém, isso não a impedia de sonhar com um príncipe encantado. Por mais que seu novo chefe seja estonteante, Rafe Knighton está longe de ser o homem perfeito. Contudo, trabalhar como sua assistente a faz conhecer um lado mais sensível desse poderoso CEO. Já Rafe fica encantado pela mulher forte e sedutora que Miranda tenta esconder. E está dis-posto a tudo para cativá-la... Até mesmo subir ao altar! RECORDAÇÕES DE UM BEIJO – Raye Morgan Uma amnésia roubou duas semanas da vida do arquiteto Marco Di Santo, e ele as quer de volta! Por isso, retorna a Ranai a fim de recuperar a memória. A socialite Shayna Pierce ficou com-pletamente apaixonada por Marco durante o tempo em que fi-caram juntos na ilha. Agora, eles terão o primeiro encontro... pela segunda vez! Reviver os beijos calorosos de Marco a deixa com um gosto amargo nos lábios, pois ele não consegue se lem-brar da noite que tiveram. E nada poderia prepará-lo para o segredo que Shayna está prestes a revelar!

[Compre agora e leia](#)